



PERIGO NA INTERNET

Delegacia na PB recebe por mês 20 denúncias de assédio virtual

Prática pode caracterizar crime contra a honra ou até estupro. Mulheres são principais vítimas. *Página 6*



Foto: Marcos Russo

Descarte incorreto de medicamentos prejudica a natureza

Água e solo são contaminados quando se joga remédios no vaso sanitário; farmácias, UBSs e hospitais são obrigados a dispor de pontos de coleta. *Página 7*

Deputados começam a usar IA para turbinar mandatos

Para políticos paraibanos, ferramenta mais ajuda do que atrapalha. Em discussão, a regulamentação.

Página 13

Justiça inicia próximo dia 20 campanha de adoção na PB

Juiz da Infância e Juventude, Adhailton Lacet, destaca proteção a crianças ameaçadas de morte.

Página 4

Areia foi município pioneiro em conceder liberdade aos escravizados

Antes mesmo da Lei Áurea, deu-se a libertação. Mas a cidade também adotou a força contra os rebeldes.

Página 25



Ilustração: Tônio

Mães falam sobre desafios na era virtual

Avalanche tecnológica distancia relações, e é preciso aprimorar o diálogo. O esporte pode aproximar.

Páginas 5 e 21

Sudema promove educação ambiental e “férias ecológicas” com crianças

Ideia dos projetos desenvolvidos pelo órgão é conscientizar novas gerações e torná-las aliadas da natureza, além de multiplicadoras de informações de boas práticas ambientais.

Página 20



Foto: Divulgação/Sudema

■ “Com a saída de Os Mutantes, surgiu o Tutti Frutti, liderado por Luís Sérgio Carlini, mas centrado em Rita Lee e mais diretamente ligado ao rock ‘n’ roll”.

Professor Francelino Soares

Página 27

■ “Não sei até onde a dignidade é maior do que tudo, mas não deve ser fácil viver sem, nem que seja ‘reiniciada’ no fim da vida. Como assim, reiniciar?”

Kubitscheck Pinheiro

Página 10

Foto: Edson Matos



Memórias

Cleane Costa queria cantar, mas resolveu escrever

Ela foi repórter policial, passou pela reportagem especial e logo foi chamada para uma editoria. Seu “guru” foi Gonzaga Rodrigues.

Páginas 14 e 15

Editorial

Limpeza urbana

As pessoas deveriam observar atentamente o trabalho dos homens e mulheres que trabalham como garis das prefeituras municipais. A lida diária de literalmente catar, com as mãos armadas de luvas, pás, vassouras e cisca-dores, tudo o que a população, de modo geral, ilegalmente descarta nas ruas, nas avenidas, nas calçadas, nas praças, nos terrenos baldios, nas praias, nos rios, nos manguezais, enfim, em quase todos os lugares.

Tomando-se como exemplo a cidade de João Pessoa, além da grande quantidade de lixo que se larga no ambiente público de maneira inadequada, parte considerável dos resíduos sólidos (descartáveis ou não) e orgânicos, acondicionados juntos em sacos ou tambores de plástico, por estarem à mercê de catadores de material reciclável não tão zelosos do seu trabalho e de várias espécies de animais, acaba se espalhando pelas ruas.

Bem ou mal, serão os homens e mulheres que dão continuidade ao pioneirismo de Aleixo Gary que tentarão manter limpas as vias públicas, divididos em equipes para que o trabalho possa ser executado diuturnamente. A tarefa não é fácil, nem para quem higieniza com vassouras e ancinhos, por exemplo, o areal praiheiro, sob o sol escaldante, vestindo macacões, luvas e botas, e menos ainda para quem corre atrás dos caminhões coletores.

O fato é que a vida da comunidade por inteiro ficaria muito mais cômoda e segura, do ponto de vista sanitário, caso as pessoas fossem mais criteriosas com o que consomem e, acima de tudo, com o modo como descartam os restos das mercadorias utilizadas ou vencidas. Uma cidade limpa transmite saúde e orgulho, além de economizar recursos públicos e trabalho humano que poderiam ser empregados em escolas, hospitais etc.

Visto de certo ângulo, é desanimador o amanhecer na faixa urbana do litoral. As areias enxertadas de embalagens de plástico, vidro ou plástico e sobejos de alimentos, entre outros materiais de que são tão carentes as lixeiras, principalmente nos finais de semana, exigem força e suor dos garis que trabalham a pé, e mesmo dos pilotos das máquinas catadoras. Tudo por falta de educação ambiental; de maior consciência cidadã.

O poder público, claro, também é personagem desta história, considerando que a eficiência da coleta é de sua responsabilidade. O fato é que não jogar lixo no espaço público e descartá-lo de forma correta faz bem à saúde das pessoas e do meio ambiente, além de facilitar a vida dos heróis e heroínas da limpeza urbana. Repetindo-se o que se disse no início, vale a pena observar a labuta dos garis, desde que se leve a sério as lições.

Artigo

Rui Leitão
ruileitao@hotmail.com

A maternidade real

A maternidade é um momento em que a mulher passa por uma grande transformação. É uma experiência muito romantizada, porque tem uma conexão forte com o sentimento “amor”. Ela se vê promovendo o milagre da geração de uma nova vida. Faz sentido, porque quando nasce um bebê, nasce uma mãe.

Exercer o papel de mãe se torna algo desafiador, uma vez que se obriga a equilibrar as tarefas domésticas e profissionais, com os cuidados que necessariamente tem que dedicar aos filhos. O lado romântico da maternidade ignora muitas vezes o quanto ela se afirma uma missão exaustiva. Começa pela relação de gênero, quando ela assume uma sobrecarga de tarefas muito maior do que o da paternidade. Mais complicado ainda quando a “mãe solo” não pode contar nunca com a ajuda do pai, precisando encontrar na força e no afeto os pilares para a construção de sua maternidade no dia-a-dia, tendo a responsabilidade total com os aspectos financeiros, físicos, emocionais e afetivos da criação de seus filhos, fugindo da estrutura familiar que a sociedade impõe: “Pai, mãe e filho biológico”. E nem sempre ela é idealizada.

A maternidade real é intensa e difícil, o que faz por merecer homenagens especiais neste segundo domingo do mês de maio, que se convencionou chamar “Dia das Mães”. Os encargos que pesam sobre os ombros dessas mulheres são muito grandes, por terem consciência de que o futuro dos filhos depende delas de forma mais destacada.

Ainda que seja um período único e mágico para a maioria das mulheres, a maternidade exige adaptações na vida real e no trabalho, além das naturais mudanças corporais. É algo desafiador e, muitas vezes, solitário. Na maternidade real ela experimenta noites insones, cansaços e instabilidade emocional. Ela provoca sentimentos dúbios. Ao mesmo tempo em que dá prazer, produz sensações de medo e de insegurança, misturando felicidade com apreensão. Mãe, além de carinho, amor e compaixão, é também mulher que chora,

sofre, reclama. Tudo isso potencializa o valor da figura materna. Existe um poema de Coelho Neto que, em sua última estrofe, define: “Ser mãe é andar chorando num sorriso/Ser mãe é ter um mundo e não ter nada/Ser mãe é padecer num paraíso”.

Hoje, portanto, é dia de expressarmos a enorme gratidão por tudo o que elas fizeram por nós, lembrando dos beijos, carinhos, conselhos, que nos ofereceu, mesmo quando estavam cansadas, preocupadas, tensas, renunciando a si mesmas, mas colocando o seu amor acima das adversidades cotidianas. No meu caso, este é também um dia de saudades. Já não posso abraçar e beijar a minha mãe, Dona Maria José, porque Deus já a chamou ao céu. Mas beijo e abraço as mães de minhas filhas e elas próprias que já vivenciaram a graça da maternidade. Abraço igualmente todas com as quais convivo nas atividades diárias e às leitoras deste texto que receberam de Deus a bênção da maternidade.

“

À maternidade real é intensa e difícil, o que faz por merecer homenagens especiais neste segundo domingo do mês de maio, que se convencionou chamar “Dia das Mães”

Rui Leitão

Foto Legenda

Ortilo Antônio



Oferta na beira da rodovia

Gonzaga Rodrigues

gonzagarodrigues33@gmail.com | Colaborador

Um fundo de reservas

Sou dos que resistem a aceitar como igreja a edificação da Universal que faz vizinhança ao prédio onde moro. Fala-se da imensa fortuna do seu dono e fundador, da sua mitra inventada, e sem ser um religioso praticante, sem brigar por religião, olho com indiferença, o enorme edifício que vem servindo de templo e de referência ao meu endereço. Nossa antiga empregada, mãe de dois filhos, estava entre os seus adeptos. Morava num fundo de quintal alheio, esfalfava-se em “extras” para mantê-los regularmente na escola pública, mas não relaxava o “dízimo” que, analfabeta, ela dava graças a Deus satisfazer e pronunciá-lo com todas as letras e acentos.

Há 20 anos aquilo era um buraco enorme, escavado por construtora certamente em falência, de onde surgiu e subiu, como se fosse de papelão, o edifício de quarteirão inteiro. Propiciou-me a calçada que, nesse tempo todo, me livra da vereda encapoeirada por onde eu tinha de passar, tirando os carrapichos, a caminho de casa, pois a calçada ao lado, descendo para o meio-fio, era e continua sendo um longo e perigoso escorrego.

Por mais que me certificasse de ser a calçada de domínio público, considerava-me pisando onde não devia. Passos seguros, boa sombra, mas... E subia à cabeça do então setuagenário a extrema que dividia com cedros e paus d'arcos o espaço de terras rurais onde o menino podia pisar. “O lado de lá, nem pensar!” – era a recomendação.

Os anos passam a abater o ânimo das pernas, a puxada do fôlego, e a antiga rodada pelo quarteirão começa a ficar muito longa. Além de tudo, as calçadas não ajudam, mal sentadas, a cada 10 metros um entupição. E eis-me de olho comprido para a quadra reservada ao estacionamento da tal igreja, aberta cedinho com mais um banco de cimento em torno da árvore de fronde larga. Cansou, tem onde sentar. Todo mundo passa ali, encurtando o caminho, indo e vindo da Epitácio. As minhas reservas com a igreja serão do conhecimento do bispo ou mesmo do vigilante? Será indébita ou desonesta a minha invasão?

“

Por mais que me certificasse de ser a calçada de domínio público, considerava-me pisando onde não devia

Gonzaga Rodrigues

E resolvo me enfrentar, cedinho da manhã, o estacionamento inteiro ao meu dispor.

Fui lá, vim cá, cumprimentei o guarda, fui correspondido e terminei num descanso, sentado à sombra da grande cássia ou castanhola (não prestei atenção) que sobrevive às irmãs já passadas na serra para dar lugar ao carro.

Há poucos dias, passada a neblina, saí contando os passos pela quadra que já me chega acolhedora, de um acolhimento mudo, de silenciosa convivência entre mim e a igreja do bispo. Dei a última volta forçando um pouco a respiração, a garrafinha de água já esvaziata, dando lugar a que o vigilante se aproximasse, aderisse à lentidão dos meus passos para indagar se eu estava precisando de alguma coisa. Morenã, robusto, de voz forte, ofereceu-me água. Agradei, disse que aquele é o meu normal, e à noite, depois que jantei, tirei a marca que deixara na releitura de “Crime e Castigo” para nunca mais voltar ao seio daquela humanidade do escritor russo.

Hão de perguntar: o que uma coisa tem a ver com a outra? De sã consciência eu mesmo não sei.

SECRETARIA DE ESTADO DA COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO S.A.



William Costa
DIRETOR DE MÍDIA IMPRESSA

Naná Garcez de Castro Dória
DIRETORA PRESIDENTE

Amanda Mendes Lacerda
DIRETORA ADMINISTRATIVA,
FINANCEIRA E DE PESSOAS

Rui Leitão
DIRETOR DE RÁDIO E TV

A UNIÃO
Uma publicação da EPC

Av. Chesf, 451 - CEP 58.082-010 Distrito Industrial - João Pessoa/PB

Gisa Veiga
GERENTE EXECUTIVA DE MÍDIA IMPRESSA

Renata Ferreira
GERENTE OPERACIONAL DE REPORTAGEM

PABX: (083) 3218-6500 / ASSINATURA-CIRCULAÇÃO: 3218-6518 / 99117-7042
Comercial: 3218-6544 / 3218-6526 / REDAÇÃO: 3218-6539 / 3218-6509

E-mail: circulacao@epc.pb.gov.br (Assinaturas)

ASSINATURAS: Anual R\$350,00 / Semestral R\$175,00 / Número Atrasado R\$3,00

CONTATO: redacao@epc.pb.gov.br

Fica proibida a reprodução, total ou parcial, de matérias, figuras e fotos autorais deste jornal, sem prévia e expressa autorização da direção e do autor. Exceto para impressão de cópias, com o fiel e real conteúdo, para uso e arquivo pessoal.

O UVIDORIA : 99143-6762

NA PARAÍBA

Novo museu vai resgatar a diversidade étnico-cultural

Memorial está previsto no Plano Estadual de Promoção da Igualdade Social

Michelle Farias
 michellesfarias@gmail.com

A Paraíba contará em breve com o Museu da Diáspora Negra, das Etnias e das Comunidades Tradicionais no estado. O memorial consta no Plano Estadual de Promoção da Igualdade Social, aprovado em novembro de 2021 e está contido no eixo de políticas afirmativas da equidade racial.

A Secretaria de Estado da Mulher e da Diversidade Humana (SEMDH) está na fase de planejamento do memorial, que será permanente com o propósito de resgatar a diversidade étnico-cultural como fonte de memória e resistência da população negra, indígena, quilombola e religiões de matriz africana no estado.

Nesta primeira fase a Secretaria faz um diagnóstico, dialogando com entes governamentais que podem contribuir para definição do processo e aglutinação de acervos, como Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado da Paraíba (Iphaep), Casa de José Américo e Secretaria de Cultura. “Nós estamos na fase do pré-projeto, mas já dialogando com os entes governamentais e também a Universidade Estadual da Paraíba para que a gente possa depois fazer o diálogo com a sociedade civil”, explicou a secretária da Mulher e da Diversidade Humana, Lídia Moura.

A Paraíba contará em breve com o Museu da Diáspora Negra, das Etnias e das Comunidades Tradicionais



Foto: Arquivo A União

O propósito é resgatar a diversidade étnico-cultural como fonte de memória e resistência da população negra, indígena, quilombola e religiões de matriz africana no estado

Ideia surgiu de demanda da sociedade civil

A proposta de criação do museu surgiu a partir de demanda apresentada pela sociedade civil sobre a necessidade de instalar o equipamento na Paraíba. A demanda foi inserida no Plano Estadual de Promoção da Igualdade Social, que se tornou uma lei estadual. “Essa é uma reivindicação antiga do movimento social, do movimento negro, sobretudo, dos segmentos que querem resgatar essa memória, efetivamente trabalhar para que nós tenhamos então esse resgate, essa preservação da diversidade étnico-cultural do povo paraibano”, ressaltou a secretária.

O museu será instalado em João Pessoa, em um prédio próprio que ainda será definido. A ideia, no entanto, é que haja representações do memorial em

outras cidades da Paraíba para que ocorra uma maior circulação do acervo de história e memória. “Vamos criar um mecanismo para termos extensões desse projeto em outras cidades, mas inicialmente a principal base, o museu que a população, a sociedade, os turistas, estudantes possam visitar e compreender esse processo, será em João Pessoa”, disse Lídia Moura.

Na Paraíba, conforme a secretária, estão os Potiguaras e Tabajaras, além dos Kariris, Taradiriús e Xucurus, que buscam a aglutinação dos seus povos. Hoje existem pouco mais de 20 mil Potiguaras, vivendo na Paraíba e cerca de dois mil Tabajaras. O território potiguar paraibano, se estende desde o município de Rio Tinto e Marcação, até a Baía da Traição,

sendo dividido em 33 aldeias. O território Tabajara está localizado no Litoral Sul, principalmente no município de Conde, contando hoje com três aldeias. Já a comunidade cigana na Paraíba é composta por quase cinco mil integrantes, em 27 municípios.

“Em relação ao povo negro, nós queremos mostrar que a Paraíba tem essa origem. A Diáspora Negra também aportou aqui na Paraíba. Dos indígenas nós temos duas etnias, mas também temos outras etnias que estão buscando reaglutinar seu povo, refazer um território. Nós estamos com esse olhar também para que a gente tenha, não apenas os povos que já estão em território já aglutinados, mas também os povos que buscam a reaglutinação”, comentou a secretária.



Essa é uma reivindicação antiga do movimento social

Lídia Moura

Espaço para pesquisar e manter memória ativa

Um espaço que surgiu a partir do pedido feito por lideranças de movimentos sociais, a construção do Museu da Diáspora Negra, das Etnias e das Comunidades Tradicionais da Paraíba é aprovado por representantes do movimento negro. O espaço será o primeiro no estado destinado à preservação da memória e representação cultural dos povos.

“Tem o intuito de preservar a memória da população negra no estado e dos povos tradicionais além de ser um espaço de pesquisa, que terá exposição. As escolas, uni-

Espaço
 O espaço será o primeiro no estado destinado à preservação da memória e representação cultural dos povos

versidades e a população em geral poderão, além de visitar, usar o espaço como pesquisa, para conhecimento relacionado à temática”, avaliou o ativista negro Roberto Silva.

Para Danilo Santos, pesquisador colaborador do Núcleo de Estudos e Pesquisas Afrobrasileiros e Indígenas da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e ativista do movimento negro, um equipamento dessa envergadura, quando bem utilizado, pode ser importante para um processo de reconhecimento da importância da população negra, dos po-

vos originários e comunidades tradicionais.

“Também bem trabalhado pode ser um instrumento para produção de conhecimento e ensino voltado para uma perspectiva antirracista, pluriétnica, que respeita as diferenças. Pode ser um instrumento de aproximação e reconhecimento do que a gente chama de atlântico negro. De fazer a conexão entre Brasil e o continente africano a partir do que a gente chama da afroparaibanidade. Se for bem trabalhado pode cumprir um papel importantíssimo na sociedade paraibana”, afirmou.

UN Informe

Ricco Farias
 papiroeletronico@hotmail.com

TIBÉRIO: “ESTAMOS TRABALHANDO PARA SERMOS PROTAGONISTAS NO PROCESSO ELEITORAL DO PRÓXIMO ANO”



Foto: Divulgação

Presidente do diretório do PSB de João Pessoa, Tibério Limeira (foto) assegurou que não há debate interno sobre a possibilidade de a legenda lançar candidatura própria a prefeito de João Pessoa, em 2024 – o partido está representado na atual gestão pelo vice-prefeito, Léo Bezerra. “Nós temos uma aliança com o prefeito Cicero. Porém nós estamos em 2023, as convenções são em agosto de 2024 e até lá nós vamos dialogar com nossa base para que a gente tome as decisões em 2024”, disse. Esta semana, Tibério e outros representantes de partidos do campo progressista – além do PSB, PT, PDT, PCdoB, PV, e Rede Sustentabilidade – se reuniram para alinhar a realização de um seminário estadual sobre a conjuntura política nacional e na Paraíba. Tibério enfatizou: “Estamos trabalhando para sermos protagonistas no processo eleitoral do próximo ano”.

UNIDOS NA AGENDA DE 2024

Nas redes sociais, Tibério Limeira registrou o encontro dos partidos de esquerda, na sede do PSB, em João Pessoa: “Partidos do campo democrático e popular reunidos para alinhar as pautas e a luta em defesa da democracia. PSB, PT, PCdoB, PV, PDT e Rede Sustentabilidade sintonizados na unidade do campo progressista, pela Paraíba e pelo Brasil! Vamos em frente!” escreveu. As seis legendas deixam claro que caminharão unidas, nas eleições de 2024.

“UMA LAPADA MUITO MAIOR”

O ex-deputado Julian Lemos (União Brasil), que foi aliado de primeira hora de Bolsonaro (PL), em 2018, acredita que o ex-presidente está aniquilado politicamente. Em entrevista, disse que “o meu desejo é que Bolsonaro estivesse livre para concorrer com Lula [em 2026], porque eu sei que Lula daria uma lapada nele muito maior”.

“BOLSONARO COMETEU CRIMES”

Contudo, Julian Lemos crê que Bolsonaro deverá ser preso e, portanto, ficar inelegível por oito anos. “Tenho a convicção de que Bolsonaro cometeu crimes que ainda vão ser revelados. E ele já tem uma condenação irreversível que eu considero que é a condenação moral”, afirmou. Bolsonaro é investigado em inquéritos no STF.

“NÃO APOSTEM EM CIZÂNIA”

E o deputado Ruy Carneiro (Podemos), que espera apenas a abertura da janela partidária para retornar ao PSDB, garante que ele – e não Pedro Cunha Lima, como se tem especulado – é quem será o candidato a prefeito de João Pessoa pelo ninho tucano. “Se estão apostando em uma cizânia entre eu e Pedro, isso é um ledado engano”, disse.

“JUNTO ONDE FOR POSSÍVEL”

Jackson Macedo, presidente do PT da Paraíba, afirma que o partido projeta formar alianças com outras legendas com vistas às eleições de 2024, inclusive em João Pessoa. “A ideia é estar junto onde for possível. Mapear o quadro eleitoral dos 223 municípios, entendendo onde a gente pode construir relações políticas e eleitorais”, argumentou.

PISO DA ENFERMAGEM: CNM DIZ QUE RECURSOS NÃO SÃO SUFICIENTES

A Confederação Nacional dos Municípios (CNM) está orientando prefeitos a não pagarem o piso da enfermagem, mesmo após o presidente Lula (PT) sancionar o projeto de lei que estabelece a destinação de R\$ 7,3 bilhões a estados e municípios com esta finalidade. A entidade afirma que os recursos não são suficientes para cobrir os gastos. “O valor sancionado não paga 1/3 do piso dos profissionais de saúde que atuam nos municípios. Além disso, trata-se de recurso somente para 2023, não permanente para uma despesa continuada”, disse a entidade, em nota.

Foto: Roberto Guedes



Adhailton Lacet

Juiz da Infância e Juventude

“Na PB, 493 crianças e adolescentes são protegidas de ameaças”

Dados são de 2015 a 2023 e representam riscos de letalidade, por isso todas as vítimas estão sob a guarda do Estado

Taty Valéria
tatyana.valeria@gmail.com

Na última semana, o Conselho Nacional de Justiça publicou a Resolução 482, de 4 de maio de 2023, que dispõe sobre a atuação do Poder Judiciário no que se refere às ações relacionadas ao Programa de Proteção à Crianças e Adolescentes Ameaçados de Morte, nos casos em que crianças e adolescentes necessitem de transferência para município ou estado diverso da residência de origem.

Em entrevista ao Jornal A União, Adhailton Lacet, juiz titular da 1ª Vara da Infância e Juventude da Comarca de João Pessoa, coordenador da Infância e Juventude do Tribunal de Justiça da Paraíba e membro da Associação Brasileira dos Magistrados da Infância e da Juventude, apresentou como se dá essa proteção, o processo de acolhimento e qual o perfil dessas crianças e adolescentes e faz um balanço da atuação da Vara da Infância e da Adolescência na capital. Na ocasião, Adhailton Lacet ainda deu destaque à Campanha Estadual de Adoção, que tem início próximo dia 20 de maio.

Entrevista

■ *O que é o Programa de Proteção à Crianças e Adolescentes Ameaçados de Morte? Quando foi implementado no Brasil e qual seu principal objetivo?*

O Programa de Proteção à Crianças e Adolescentes Ameaçados de Morte – PPCAAM é vinculado ao Ministério dos Direitos Humanos e foi criado em 2003. Entretanto, somente através do Decreto 9579 de 2008 ele foi regulamentado. Na Paraíba, a regulamentação veio através do Decreto 33791, de 2013. O objetivo é bem claro: sempre que alguma criança ou adolescente esteja ameaçado, será protegido.

Essa ameaça pode se dar num raio delimitado, ou seja, na própria rua, no bairro, na cidade ou estado. Constatado esse raio de ameaça, o programa faz o contato com o Judiciário para que este, em colaboração com o PPCAAM, tire essa criança, e até mesmo sua família, desse raio de ameaça, levando para outra cidade e até mesmo para outro estado.

■ *É possível determinar um perfil das crianças e adolescentes que entram no programa de proteção? Quais as principais diferenças entre a Paraíba e o restante do Brasil?*

Normalmente, são crianças que, ou se envolvem diretamente ou seus parentes se envolvem com o crime de tráfico de drogas. Pelo menos essa é a maior ameaça. Alguns por conta de dívidas ao tráfico. A partir dos 10 anos, já registramos crianças envolvidas, geralmente usadas como “aviões-zinhos”. A violência familiar também entra nesse perfil, quando um pai ou companheiro da mãe por desavenças conjugais, ameaça os filhos dessa mulher e até seus próprios filhos. A principal questão nesses casos é que nunca devemos menosprezar uma ameaça. Quando não se leva em conta essa gravidade, pode-se resultar numa letalidade.

Infelizmente, a maior parte dessas crianças e adolescentes está inserida nas camadas mais desfavorecidas, num contexto de pobreza. Na atual sociedade, se um adoles-

cente onde, no máximo, 20 crianças e adolescentes podem ser recolhidas. É uma residência como outra qualquer, não possuem qualquer tipo de identificação e não podem ter seus endereços divulgados.

Essas casas possuem uma coordenação e uma equipe multidisciplinar com psicólogas, assistentes sociais, cuidadoras, vigilantes, toda uma estrutura gerida pela Prefeitura de João Pessoa, enquanto participe da política de proteção infantojuvenil. Embora nada impeça do Poder Executivo estadual também possuir seu próprio programa de acolhimento.

■ *Como funciona o programa em relação à família da criança e adolescente?*

É importante destacar que o PPCAAM não diz respeito única e exclusivamente sobre acolhimento. O programa possui recursos, com apoio do Governo do Estado, para alugar uma residência com móveis, inclusive, com auxílio pecuniário para sua manutenção, enquanto o programa vai procurar inserir essa família no mercado de trabalho. Também é providenciada transferência escolar das crianças e adolescente, de forma sigilosa.

Outro ponto a salientar é o comprometimento da criança ou adolescente com o programa, já que uma das regras é que o protegido cumpra o requisito de não se identificar e não revelar onde está. Já tivemos um caso de um adolescente ir nas redes sociais e postar sua localização e foi preciso tirá-lo imediatamente da cidade em que estava para mandá-lo para outro local. É um trabalho difícil porque estamos lidando com pessoas em fase de desenvolvimento e como tal ainda não possuem a dimensão dos riscos. Existe um trabalho de conscientização, mas, às vezes, acontece de algum escapar dessa vigilância.

■ *Qual o caminho para que uma criança ou adolescente entre no programa de proteção?*

Nós temos quatro portas de entrada no PPCAAM: o Conselho Tutelar; Ministério Público; Defensoria Pública; e o Poder Judiciário. Normalmente o Conselho Tutelar é quem está na ponta e todo município brasileiro conta com seu próprio conselho. Quando qualquer uma dessas instituições toma conhecimento sobre algum caso que necessite de proteção, o programa é acionado, se articula com toda a rede de atendimento para providenciar o traslado dessa criança e garantir sua proteção. Com a resolução 498, o Poder Judiciário resolveu a ser um ente colaborativo do PPCAAM, com o objetivo de facilitar esse traslado.

■ *Como o senhor avalia a atuação dos conselhos tutelares em João Pessoa?*

Na capital, nós temos sete conselhos tutelares, somando ao todo 35 integrantes. Temos um bom relacionamento com todos os conselheiros e executamos uma boa política de relacionamento. Como

costumo dizer em palestras fora do estado, os conselheiros tutelares não são submissos a juizes, ao promotor, ao delegado e muito menos ao prefeito.

Eles fazem parte de um colegiado que não pode decidir de forma singular e como tal, as decisões só podem ser revistas pelo Poder Judiciário. Também aconselho que tenham autonomia e não se envolvam em política partidária sob o risco de comprometer todo o trabalho. Os conselheiros são agentes políticos legítimos, inclusive, porque são escolhidos pelo povo, numa eleição criada e fiscalizada pelo Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente com a participação do Ministério Público.

■ *O senhor considera que a rede estadual de proteção está preparada para essa atuação específica? Quais os principais gargalos da rede e como mitigá-los?*

Está preparada sim. Inclusive, essa é uma cobrança constante entre todas as instâncias. Todos os entes que fazem parte do sistema de garantias de direitos, a rede como um todo, é uma engrenagem que está bem azeitada. Participei na última semana da posse do Conselho Estadual dos Direitos da Criança e do Adolescente e pude perceber que todos eles têm comprometimento com a causa infantojuvenil.

Nós temos uma legislação de vanguarda, inclusive, internacionalmente, que é o Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA e suas leis correlatas que foram, ao longo do tempo, aprimorando o estatuto. O que precisa, em algumas circunstâncias e situações, é que sejam implementadas, de forma efetiva, políticas públicas. Nem sempre essas políticas dependem do governo estadual.

Tivemos um grande retrocesso nesses últimos quatro anos de estagnação da política, sobretudo, de defesa da criança e do adolescente. Houve redução de integrantes do Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente – Conanda, que felizmente foi retomado com o novo Governo Federal e isso tem sido um ponto positivo: a retomada da garantia desses direitos.

■ *É possível fazer um balanço sobre a atuação da Vara da Infância e da Adolescência?*

O Judiciário age por provocação. Ele não é por si só um agente pró ativo de inciativa, e uma vez provocado, é preciso que traga uma resposta jurisdicional. Por outro lado, temos as campanhas contra o combate à exploração sexual infantil e contra a violência intrafamiliar, criada pela Lei 14.344, chamada Lei Henry Borel. O Judiciário participa, além da campanha, com palestras e orientações.

Ainda no mês de maio, vamos promover a campanha de adoção, que vai do dia 20 a 25. Faz parte dessa campanha, conscien-

tizar as mães que desejem entregar o filho para adoção voluntária e as famílias que pretendem adotar. Com essa campanha, que já ocorre desde 2018, nós conseguimos diminuir consideravelmente o número de adoções “à brasileira”, que era aquela modalidade em que a pessoa entregava ou deixava na porta de alguém, um fato comum antigamente.

Uma mãe que possui o desejo de entregar voluntariamente seu filho para a adoção, pode se manifestar ainda durante a gravidez. Durante o parto, ainda na maternidade, a equipe hospitalar entra em contato com a Vara da Infância e da Juventude, que encaminha uma equipe multiprofissional para atender essa mulher. Ela precisa se apresentar diante do juiz e ratificar esse desejo. A partir da lavratura do termo de comparecimento, ela ainda terá 10 dias para desfazer o processo, e caso isso não aconteça, ela passa a ser destituída do poder familiar. A criança então é encaminhada imediatamente para uma família substituta, previamente cadastrada no Conselho Nacional de Justiça.

■ *Já que falamos sobre adoção, como está a situação das adoções aqui na Paraíba?*

Assim como em todo o Brasil, a fila é sempre maior em relação às famílias que desejam adotar, do que a de crianças aptas para adoção. Quando temos nossos filhos biológicos, não escolhemos se é um menino ou menina, queremos que venha com saúde, mas não temos a opção dessa escolha, nem a cor dos olhos, do cabelo ou da pele, mas sabemos que a preferência para adotantes é direcionada para bebês de até dois anos, do sexo feminino e de pele clara. Nas campanhas de adoção, e com os cursos preparatórios, trazemos famílias que já adotaram, e pessoas que foram adotadas, para dar seu testemunho e desmistificar essa ideia.

Trouxemos uma jovem que foi adotada aos 10 anos, tinha problemas de saúde e estava acolhida numa instituição. Uma mulher, ao visitar esse local, se encantou pela menina e esse sentimento foi recíproco. A criança foi adotada, recebeu uma família e hoje é uma saudável jovem estudante de Direito. Seu depoimento fez com que pessoas ampliassem o perfil, e esse é um dos pontos positivos do que o Judiciário vem fazendo com o objetivo de mudar essa mentalidade.

Quando se adota uma criança considerada “velha” (acima de seis anos), é possível desconstruir todo o histórico de violações que ela sofreu. Sabemos que uma criança que entra no sistema de adoção aos cinco, seis anos, é porque sua família biológica ruiu, é um trauma muito grande, mas é uma falsa ideia dizer que uma criança de 10 anos já está com sua história construída. Essa criança tem sim uma trajetória, mas que pode ser melhorada com novos pais que irão lhe proporcionar proteção, carinho e educação.

Ameaças

Atualmente, apenas em João Pessoa, existem 11 crianças e adolescentes assistidas pelo programa por estarem ameaçadas de morte, segundo o juiz Adhailton Lacet

cente sofre alguma ameaça desse tipo, o pai paga a dívida com o traficante, coisa que com as famílias mais pobres, não é possível de acontecer.

■ *Existe algum dado de quantas crianças e adolescentes paraibanos estão inseridos atualmente no programa?*

Só em João Pessoa, temos 11 crianças e adolescentes assistidas pelo PPCAAM. Em toda a Paraíba, entre 2015 e 2023, nós tivemos 493 casos de proteção. Faço um destaque para os anos de 2017 e 2018, que apontam respectivamente, 109 e 71. Em 2015 foram 60 proteções; em 2016 tivemos 69 casos; e em 2019, contabilizamos 50; já em 2020 foram 44 e em 2021, 50 casos.

Importante destacar que também recebemos crianças e adolescentes de outros estados. Um exemplo emblemático foi um garoto do Rio de Janeiro, que presenciou uma chacina, da qual também seria vítima. Esse menino só conseguiu escapar porque se fingiu de morto. Quando os executores descobriram que ele estava vivo, partiram para executá-lo. Nesse caso, o raio de ameaça funcionava no estado todo, e por esse motivo, esse menino foi trazido para a Paraíba junto com sua mãe, onde foram acolhidos numa instituição.

Aqui em João Pessoa, nós temos nove casas de acolhimento institucional, antigamente chamadas de abrigos. Eles funcionam numa

PERIGO AO LADO

Os desafios de ser mãe no século 21

Sobrecarga de funções e avalanche tecnológica atravessam a difícil missão de educar filhos na contemporaneidade

Alexsandra Tavares
lekajp@hotmail.com

Aquela imagem da mãe que usa uma avental boa parte do dia para se dedicar, praticamente, em tempo integral aos cuidados da família e do lar há muito ficou para trás. A agenda lotada com os compromissos profissionais, a correria para levar os filhos às obrigações semanais — escola, cursos, atividade esportiva, o cansaço quando chega em casa e ainda ter de emendar o segundo ou terceiro turno para realizar tarefas domésticas, se desdobrar para dar a atenção que as crianças precisam, fazem parte da realidade de muitas delas. A mãe do século 21 enfrenta novos desafios, como se não bastasse o acúmulo de atribuições, têm de estarem atentas às maravilhas e ameaças do mundo virtual.

Carolina Batista de Souza é doutora em Sociologia pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e mãe de Bernardo, 24 anos, e Benjamim, 10 anos. Segundo ela, o principal desafio para mulheres que são mães nesses tempos permanece sendo a sobrecarga de cuidados em relação a seus filhos. Ela frisou que não faltam desafios para as genitoras nesse sécu-

lo, porém, é preciso refletir sobre o fundamento dominador do patriarcado que repercute, entre outras coisas, no acúmulo de responsabilidades das mulheres no cuidado com os filhos e o lar. “As realidades sociais mudam ao longo da história, porém, as formas de maternidades, apesar dessas mudanças, estão implicadas na estrutura do patriarcado, e essa parece ainda solidamente estabelecida”, ressaltou.

As conquistas das mulheres no mercado de trabalho e a busca pela independência financeira acabaram se revertendo em mais obrigações, e o impacto dessas demandas se reflete em cheio na constituição familiar. O número de filhos por casal, por exemplo, vem diminuindo. Independentemente do papel que ocupe numa empresa, a maior responsabilidade para educar, dar atenção e cuidar dos filhos é da mãe. “Então, não duvidamos de que as mães sofrem nesse mundo de ‘muitos papéis’. Não é que não queiram e/ou precisem desempenhá-los, mas o fato de que a ‘desigualdade dos cuidados’ seja tão naturalizada entre nós, faz com que as pessoas não se deem conta da pressão injusta em torno na maternidade”, enfocou a socióloga.

Com o mundo tecnológico, os perigos estão dentro de casa

O mundo tecnológico, que distancia as relações interpessoais, é mais um desafio para as mães. Não se pode negar que a *internet* e o universo virtual trouxeram vantagens para todos, tornando-se uma atrativa opção de renda, lazer e conhecimentos. No entanto, com as telas e a conectividade, os perigos que ameaçam a segurança de meninos e meninas não estão necessariamente na rua, mas no quarto ou sala de casa. Esse é mais um ponto preponderante que as cuidadoras, ou seja, as mães — têm de atentar.

Segundo Carolina, muitas vezes as novas tecnologias implicam em mais trabalho ou disponibilidade que as mães têm que ter para resolver conflitos dos filhos, questões médicas, monitoramento constante da segurança de crianças e adolescentes e mais uma série de atribuições. A socióloga destacou que é preciso lembrar que mulheres responsáveis pelo núcleo familiar compõem a maioria das famílias no Brasil, fazendo com que a família predominante seja composta pela mãe e seus filhos. “As novas tecnologias mediam essas relações, ressaltando, inclusive, a precariedade e ansiedade desenvolvidas nesses processos”, afirmou.

Nas poucas horas vagas, a tela do celular, do computador, dos jogos eletrônicos, estão disponíveis para crianças e adolescentes passarem o tempo. E como fica a interação entre mães e filhos? De acordo com a socióloga, “o risco da precarização das relações humanas é real”. Com a aceleração do tempo na atualidade, aquilo que entendemos por “duração” voa, parecendo escapar entre as mãos. “Vale mais uma vez ressaltar que serão as mães das classes empobrecidas aquelas que terão menos tempo ou tempo de menor qualidade para dedicar aos seus filhos e a si mesma”, explicou.

Os novos papéis das genitoras também esbarram na carência de uma rede de apoio que auxiliava na criação dos filhos. Antigamente as famílias eram bem mais numerosas, e os filhos já adolescentes, assim

como as tias, avós ou até vizinhas revezavam no cuidado com os pequenos. Carolina de Souza explicou que, não havendo mais aldeias, nem conhecimento geracional a recorrer, muitas mulheres se sentem isoladas e até perdidas quando decidem ter filhos, como se esse fosse um fato apenas individual.

Ela frisou que as novas gerações serão os novos trabalhadores e indivíduos que irão compor a própria continuidade da espécie, porém é curiosa essa noção de que a maternidade deva ser algo apenas de responsabilidade das mulheres. “Algo tão individual e investido de aura mística, que muitos chamam de amor materno, desconsiderando o quão impositivo e adoecedor podem ser o desempenho dessa tarefa”, frisou.

Apesar da nova realidade das mulheres que abraçaram a maternidade, o ser materno ainda continua presente e resistente na sociedade do século 21. “Ser mãe agora não é tão mais fácil ou difícil do que foi para nossas antepassadas. Embora muitas mulheres das gerações anteriores insistam que antigamente era mais fácil, penso que se algumas facilidades fossem mais palpáveis, as dificuldades também eram gigantes. Agora, ao menos, temos a vantagem de poder discutir a maternidade sem hipocrisia ou áurea mística impositiva”.

“

Muitos chamam de amor materno, desconsiderando o quão impositivo e adoecedor podem ser o desempenho dessa tarefa

Carolina de Souza



Mesmo reconhecendo a importância da internet, Verbena Santos e Edna Souza preparam os filhos para os perigos encontrados no meio digital. O acompanhamento e o diálogo garantem um melhor uso das redes sem comprometer a segurança



Foto: Marcos Russo

Diálogo é base do cuidado com a internet

Edna Souza Santos, como a grande parte das mães, se desdobra para cuidar do filho de dois anos e oito meses, Isaac Souza. Ela frisou que quando não tem uma rede de apoio para auxiliar nos cuidados com o pequeno, é mais difícil conciliar o trabalho profissional com os cuidados da casa, filho e esposo. “Arrumamos força de onde não temos para conseguir lidar com tudo, ou melhor, a força vem dele e de Deus”, conta Edna, que tem um pequeno oratório na sala de casa.

Nos afazeres com o Isaac, que tem Transtorno do Espectro Autista (TEA), ela conta com a ajuda do marido e da sogra. “Só tenho os dois para me ajudar, porque minha família mora em outra cidade”, declarou.

Uma das preocupações que Edna tem na educação da criança é no acesso aos meios tecnológicos, por isso tenta estabelecer limites para o tempo de uso e orienta o menino sobre os perigos que esse universo pode trazer. Ela também se preocupa com a exposição do filho nas redes sociais, tomando algumas precauções.

“Tomo cuidado ao divulgar fotos do meu filho, evito a divulgação de informações pessoais e de lugares que costumo frequentar, e monitoro o acesso dele à *internet*. Se conversarmos com nosso filho sobre os perigos do mundo virtual desde pe-

queno, ele crescerá entendendo que lá fora existe um mundo cheio de informação que depende dele usá-las contra si ou a seu favor”, enfocou.

Apesar da vigilância em relação aos meios digitais, ela contou que também tem o lado positivo, pois “estamos mais receptivos, abertos ao diálogo, e essa é a ferramenta principal para uma boa educação”.

Mãe de quatro filhos (Oliveiros Neto, 27 anos; Guilherme José, 18 anos; Hannah Letícia, 15 anos, e Anna Júlia, nove anos), a professora da UFPB, Verbena Santos Araújo é o que se pode chamar de mãe veterana, pois já tem experiência com crianças de todas as faixas etárias. No dia a dia, ela busca transmitir à família, nesse mundo competitivo, tecnológico e de “valores invertidos”, que a busca pela qualidade de vida e a boa administração do tempo são caminhos a ser seguidos. Para alcançar o objetivo, é preciso muito diálogo e até disciplina na rotina diária.

“O que tento passar para eles é que a vida é curta e precisa ser vivida da maneira melhor possível, sem pular etapas e aproveitando cada momento. Sempre digo que tempo é uma questão de prioridade e que há momento para tudo, basta se organizar e se programar”, afirmou.

Em casa, o papel de mãe vai desde a de cuidadora nas tarefas rotineiras, como a de orientadora sobre as-

suntos variados. Ela reconhece que no mundo tecnológico os perigos moram, literalmente, ao lado. No entanto, com educação, muita conversa e monitoramento no uso dos meios digitais é possível conviver e minimizar situações de vulnerabilidade.

“As ameaças estão por todo lado, e o mundo digital é muito aberto e acessível. Temos que orientar nossos filhos sobre esses perigos e como lidar com eles. Sempre conversamos a respeito e discutimos sobre casos que vemos na mídia, e tiramos as conclusões. A partir daí, aprendemos como lidar e como agir em situações de vulnerabilidade”, falou.

Profissional autônoma, Flávia Ramos Mendes Pimentel trabalha com terapias holísticas. Uma das batalhas diárias é conciliar o trabalho com os cuidados da filha, Clara, de sete anos. Mesmo na modernidade, Flávia tenta transmitir à pequena Clara valores tradicionais, princípios básicos como humildade, honestidade, empatia, senso de justiça, caridade, conexão com a natureza, entre outros. Mas com limites já que, segundo ela, nem todos os ensinamentos antigos são corretos nos dias atuais. “Nem tudo que nossa família nos ensina está correto, ou você está de acordo. Então, ao mesmo tempo em que os valores éticos permanecem, outras coisas mudam a cada geração”, finaliza.

ASSÉDIO VIRTUAL

Mais de 60 denúncias são registradas

Delegacia Especializada, em João Pessoa, tem uma média de 20 casos mensais; mulheres são maioria

Alexsandra Tavares
lekajp@hotmail.com

Quando alguém ou um grupo de pessoas usam as tecnologias da informação e comunicação como ferramentas para importunar, intimidar, perseguir, ofender ou hostilizar terceiros, estão praticando assédio virtual. O delegado João Ricardo da Franca Júnior, da Delegacia Especializada em Crimes Cibernéticos, em João Pessoa, afirmou que, este ano, passou a receber uma média de 20 queixas dessa natureza por mês.

Com isso, de janeiro a março, a delegacia contabiliza cerca de 60 registros somente de assédio cometido no universo *on-line*. As denúncias que mais se destacam são as de pessoas que criam perfis falsos para cometer crimes contra a honra.

“Eles criam perfis falsos para cometer difamação, injúria e calúnia contra as vítimas. Temos notado alguns focos específicos, que são aqueles voltados às escolas. Se cria um perfil falso de fofoca, aí o autor passa a mirar em determinados alunos, chegando a difamar, xingar, colocar fotos, e expor um ou mais estudantes”, explicou o delegado.

O impacto desses atos no cotidiano da vítima é tão intenso que algumas crianças e adolescentes se recusam em continuar indo à escola. Além do foco nas unidades de ensino de Ensino Fundamental e Médio, o delegado João Ricardo contou que também tem percebido a criação de perfis falsos para atingir médicos e professores de universidades.

Segundo ele, o universo virtual, que permite às pessoas expressarem práticas de má conduta e crimes mesmo estando a quilômetros de distância da vítima, dá uma sensação de “segurança” e “anonimato” para os autores da ação. Mas, na maioria das vezes, é mais fácil identificar o agressor no mundo digital do que na vida real.

“A pessoa pensa que, por trás de um perfil falso, nunca será localizada. Quando é justamente o contrário. É mais fácil localizá-la na *internet* do que no ambiente físico, porque tudo que é feito na *internet* deixa rastro. Pode acontecer de um dia ser mais difícil, outro mais fácil, mas sempre é possível a localização”, declarou João Ricardo.

O idealizador desses perfis falsos, de acordo com o delegado, costuma agir sozinho e tem idade menor que 18 anos. Ele explicou ainda que, apesar de não existir um tipo penal específico para o assédio no mundo *on-line*, a prática pode ser encaixada em vários crimes previstos na legislação brasileira. “O assédio virtual pode ser caracterizado como crime contra a honra ou até estupro virtual”, exemplificou João Ricardo.

O estupro, seja cometido na vida real ou virtual, não precisa necessariamente do toque físico para ser caracterizado. Dessa forma, o delegado enfocou que, se alguém, no universo digital, “forçar outra pessoa a fazer atos libidinosos, é caracterizado de estupro virtual”, ressaltou o delegado.



Fotos: Freepik

De acordo com pesquisa da ONG Plan International, entre 500 brasileiras, 75% sofreram assédio virtual na internet; relatos são mais frequentes entre 12 e 16 anos

Casos crescem entre adolescentes e jovens

A advogada Fernanda Carvalho, com atuação na área cível e digital, afirmou que o assédio virtual vem crescendo no Brasil, sobretudo entre adolescentes e jovens. Vale lembrar que as mulheres são as vítimas mais frequentes. “No Brasil, com a expansão das redes sociais, com a ampla utilização do ambiente digital, essas práticas têm sido cada vez mais comuns, sobretudo entre jovens e mulheres”, afirmou Fernanda.

Levantamentos realizados no país já se dedicam a trazer estatísticas sobre esse

tipo de violência. Um deles é a pesquisa “Liberdade *on-line*”. Como meninas e jovens mulheres lidam com o assédio nas redes sociais”, da ONG Plan International. No final de 2020, a pesquisa mostrou que das 500 brasileiras consultadas, 77% haviam sofrido assédio pela *internet*, enquanto a maioria das meninas afirmou ter enfrentado algum tipo de assédio no ambiente digital quando tinham entre 12 e 16 anos.

Fernanda Carvalho explicou que a semelhança entre o assédio virtual e o tradicional (cometido no ambiente físico)

é que ambos são condutas abusivas, expressas por meio de palavras, comportamentos, escritos que causam danos à personalidade, dignidade, integridade física ou psíquica de um ser humano. O autor da violência pode utilizar tanto o próprio perfil, mostrando sua verdadeira identidade, ou perfis falsos, e até robô para disseminar a ação.

Algumas vezes, a vítima não percebe que está passando por uma experiência de assédio no mundo *on-line*, mas deve atentar para qualquer tipo de ameaça ou

mensagem negativa que perturbem o seu sossego. O assédio virtual são mensagens ou manifestações realizadas no universo digital que causam danos à imagem ou personalidade do ser humano.

Segundo ele, uma das leis que pode ser acionada no caso de assédio virtual é a de nº 12.737/2012, chamada de Lei Carolina Dieckmann, que trata da invasão de dispositivo informativo. Criada há 12 anos, a lei surgiu quando a atriz que nomeou a norma teve a intimidade violada quando um grupo de *hackers* invadiu o computador pes-

soal dela e divulgou imagens íntimas da jovem nas redes sociais. A atriz ainda chegou a receber ameaças de extorsões para evitar exposição.

Antes da lei, o fato de o invasor ter acesso às imagens alheias sem emitir ameaças ou chantagem à vítima não caracterizava crime, mas sim atos preparatórios. Atualmente, o infrator pode ser condenado à pena de reclusão, que varia três meses a um ano e multa (nos casos menos graves) ou de três meses a dois anos (nos casos mais graves), além da multa.



Além das ameaças e importunação, as pessoas podem sofrer com estupro virtual, modalidade que cresce entre usuários de internet em todo o mundo

Vítimas podem buscar ajuda em diversos locais

Qualquer pessoa que utiliza a *internet* está sujeita a ser vítima de ataques virtuais. A paraibana Bruna Santiago, pesquisadora e historiadora que, atualmente, faz doutorado no Sul do país, fica conectada cerca de 7h por dia. Somente em uma rede social, ela tem mais de 20 mil seguidores e entre as inúmeras mensagens que já recebeu, estão os assédios virtuais. Segundo Bruna, a experiência negativa já ocorreu mais de uma vez e trouxe prejuízos à vida da pesquisadora.

“Várias vezes, quando eu abri a rede social, homens tinham me enviado, sem qualquer autorização, fotos dos órgãos genitais deles. Isso é muito recorrente. Eles se sentem no direito de agir assim

e eu já cheguei a expor algumas dessas pessoas, porque isso acabou sendo um método de conseguir intimidá-los”, declarou Bruna.

A estudante contou que considera essas experiências violentas, como ocorreu durante as Eleições de 2022. “Foi muito difícil, porque quisera me desqualificar como intelectual e fizeram muita exposição com minhas fotos. Sofri ameaças dos bolsonaristas [eleitores de Jair Bolsonaro] falando que eu deveria morrer, me chamaram de marmita de bandido, além de outras coisas violentas”, contou.

Diante das várias agressões sofridas no meio virtual, ela disse que tentou se defender de várias formas,

expondo os próprios autores da violência e buscando ajuda jurídica. Mesmo com apoio dos seus seguidores, ela relatou que ficou fragilizada psicologicamente.

No entanto, mesmo com o desgaste, ela reconhece a importância do espaço virtual e da postura combativa.

“Sou pesquisadora e militante, e não posso abrir mão disso, mesmo gerando esse lugar de vulnerabilidade em que estou exposta. Já há estudos não só no Brasil, mas em universidades de países como os Estados Unidos, que mostram que as mulheres negras e jovens em ascensão são as principais vítimas da violência virtual. Então, vejo que o que estou sofrendo, desde 2017, faz parte de um con-

junto muito maior do inter cruzamento do racismo com o sexismo que permeia a dinâmica das redes”, finalizou.

Para denunciar o assédio virtual, é preciso que a vítima reúna provas contra o autor da prática abusiva. Para isso, vale fazer captura de telas, ou seja, efetuar *prints* das mensagens ou imagens recebidas; salvar os áudios enviados pelo autor do ato, tentando registrar o máximo de provas de que está sendo alvo dessa prática.

“Essas iniciativas podem servir de prova em uma futura ação penal ou indenizatória por danos morais. Também é muito importante que as pessoas procurem as autoridades policiais para fazer o registro da ocorrência, rela-

tando toda ação vivenciada”, explicou Fernanda Carvalho.

Ela enfocou ainda que alguns crimes cometidos no meio virtual são de ação pública condicionada, portanto, o agressor só poderá responder caso a vítima ofereça representação. A denúncia pode ser feita com o ingresso de ação perante o Poder Judiciário, no âmbito cível ou penal.

“Qualquer delegacia tem o dever de fazer o Boletim de Ocorrência e, se por acaso, não for o tipo de crime recebido por determinada unidade, ela remete para a delegacia correta. A vítima ainda pode ligar para o 197 ou fazer o Boletim de Ocorrência *on-line*”, orientou o delegado João Ricardo.

MEDICAMENTOS

Descarte incorreto afeta a natureza

Remédios vencidos ou sem necessidade de uso devem ser entregues em farmácias, unidades de saúde e entidades

Michelle Farias
 michellesfarias@gmail.com

O descarte correto de medicamentos vencidos ainda causa dúvidas em muitos consumidores. Apesar de existirem leis específicas que tratam sobre o tema, descartar os fármacos em vaso sanitário ou até no lixo comum ainda é a medida adotada por parte da população. No caso de medicamentos que sobram de tratamentos médicos, mas ainda estão na validade, existem hospitais filantrópicos que recebem para pacientes internos e às pessoas atendidas em ambulatório.

A dona de casa Adeilza Silva, de Campina Grande, conta que frequentemente descarta os medicamentos vencidos no vaso sanitário. Ela argumenta que procurou algumas farmácias para fazer a entrega, mas todas afirmaram que não recebiam os medicamentos vencidos. Entre os itens que já foram descartados estão suplemento alimentar, simeticona, remédios para depressão e colesterol, histamínicos e ansiolíticos. “Eu sei que não é a forma correta. Mas o que eu ia fazer?”, questionou.

Diferente de Adeilza, Rosilda Santos não tinha conhecimento sobre o método correto para “se livrar” dos medicamentos que já não utiliza. Na casa dela os fármacos foram sempre jogados no vaso sanitário quando passavam da data de validade. O mesmo método de descarte é utilizado pela administradora Gisele Oliveira, que também não sabia que descartar os medicamentos no vaso sanitário pode levar à contaminação da água e solo.

Os dados mais recentes divulgados pelo Sistema Nacional de Informações sobre a Gestão dos Resíduos Sólidos (Sinir) são do ano de 2021, quando existiam na Paraíba 42 pontos fixos de coleta de medicamentos concentrados em João Pessoa. Os espaços foram responsáveis pela arrecadação de 51,7

quilos de fármacos descartados. A meta do Sinir para este ano era de ampliar o número de pontos de coleta para 83, no entanto, o Ministério do Meio Ambiente explicou, por meio de sua assessoria de imprensa, que um novo relatório sobre descarte de medicamentos deve ser emitido pelo Sinir até o mês de julho.

O presidente do Conselho Regional de Farmácia (CRF), Moabe Oliveira, salientou que as próprias far-

mácias são responsáveis por recolher medicamentos vencidos ou que já tenham utilidade para o consumidor. Alguns estabelecimentos, inclusive, oferecem “descartômetros”, que são sinalizados para livre acesso da população. O Conselho Federal de Farmácia (CFF) estimava, no ano de 2021, que o Brasil produzia de 10 mil a 20 mil toneladas de resíduos de medicamentos por ano, entre sobras e fármacos vencidos.

À reportagem do Jornal A União, o Conselho Federal de Farmácia (CFF) informou que a entidade tentou implantar a coleta de dados sobre o descarte de medicamentos, mas não houve evolução. A entidade já lançou campanha em anos anteriores abordando o descarte de medicamento, considerado grande problema de saúde pública enfrentado no mundo e no Brasil.

A Superintendência de Administração do Meio Am-

biente (Sudema) reforçou que a prática de jogar medicamentos em desuso no lixo ou na descarga de casa pode gerar danos aos solos e aos mares. Uma vez descartado no lixo comum, o medicamento pode soltar substâncias químicas nocivas aos solos, afetando também os animais ou qualquer pessoa que entre em contato com o local afetado. Ao ser descartado pela rede de esgoto, também afeta diretamente a água.

■ **Remédios descartados no lixo ou na descarga do banheiro podem afetar os solos, mares e seres humanos**

Lei municipal obriga farmácias, UBSs e hospitais a terem pontos de coletas

O descarte incorreto de fármacos contamina o solo, a água, além de aumentar o risco de acidentes com ingestão acidental por pessoas ou animais. O descarte deve ser feito em locais adequados, como farmácias, drogarias, postos de saúde e hospitais que prestem o serviço. Em João Pessoa, uma lei municipal obriga drogarias e farmácias, inclusive, de manipulação, a instalar pontos para recebimento dos medicamentos vencidos ou impróprios para consumo.

Os produtos deverão ser recolhidos pelo fabricante, importadores, distribuidores e fornecedores, que ficarão responsáveis pela destinação ambiental correta. A lei prevê multa, notificação e suspensão do alvará de funcionamento para quem não cumprir a legisla-

ção. As Unidades Básicas de Saúde também estão aptas a receber os medicamentos em desuso e, posteriormente, direcioná-los para para empresas especializadas na destinação correta.

A Vigilância Sanitária fiscaliza essa ação entre os estabelecimentos comerciais e as empresas. Caso alguma farmácia ou drogaria se negue a receber os medicamentos, a população pode denunciar essa prática, por meio dos números dos telefones 0800-281-4020 e 3214-7922.

O diretor do Departamento de Remoção de Resíduos Sólidos, Varrição e Coleta da Autarquia Municipal Especial de Limpeza Urbana (Emlur), Leonardo Teotônio da Silva, explicou que raramente os agentes de limpeza encontram materiais na coleta domiciliar como embalagens de medicamentos e seringas, por exemplo.

Por sua vez, os geradores de resíduos de serviços de saúde, como clínicas e hospitais, devem elaborar Plano de Gerenciamento de Resíduos Sólidos (PGRS), incluindo a coleta, o transporte e o descarte ambientalmente adequados dos materiais.

■ **Denúncias de recusa em receber remédios podem ser feitas pelo 0800 281-4020 e 3214-7922**

Medicamentos doados contribuem para tratamento de outras pessoas

O medicamento que já não tem uso na casa de alguns consumidores pode significar a conclusão do tratamento médico de pacientes internados no Hospital Filantrópico Padre Zé, em João Pessoa. A unidade hospitalar recebe até mesmo medicamentos destinados ao público infantil, apesar de não atender crianças. Conforme o Setor de Assistência Social, há uma interação com outros hospitais para troca de medicamentos quando há disponibilidade.

Os medicamentos doados são enviados para a farmácia, que os direcionam aos pacientes que estão em uso da substância em questão. A população pode doar diretamente na recepção do hospital, no bairro do Tambiá, ou realizar agendamento para que o medicamento

seja coletado em sua própria residência pelo motorista do Padre Zé. Uma campanha chamada “Pílulas Solidárias” foi realizada pelo hospital no ano de 2019 para chamar atenção para doação de medicamentos que estivessem dentro do prazo de validade.

“É importante essa campanha, essa doação das pessoas porque é um dos insumos mais usados dentro do hospital. Medicamento é um insumo que hoje é muito caro. Essas doações não só ajudam o hospital a se manter, mas ela salva a vida das pessoas”, avaliou o diretor do Hospital Padre Zé, padre Egídio de Carvalho.

Padre Egídio de Carvalho lembrou que o hospital se mantém com os recursos enviados pelo Sistema Único de Saúde e doações

da população. No projeto “Pílulas Solidária” o hospital recebe medicamentos que estejam dentro do prazo de validade e os direcionam para os pacientes que estejam internados ou para as pessoas atendidas no ambulatório.

“Recebemos doações de pessoas que estavam em uso de um determinado medicamento e que houve sobra no fim do tratamento. Nesse caso, tem que ser comprimido, não pode ser medicamento líquido já utilizado. Temos médicos de várias especialidades em nosso ambulatório. Eles atendem às pessoas e passam a medicação. Na maioria dos casos as pessoas não têm como comprar, então, ela vai na farmácia do hospital Padre Zé e a gente tendo a gente repassa para essas pessoas”, explicou.



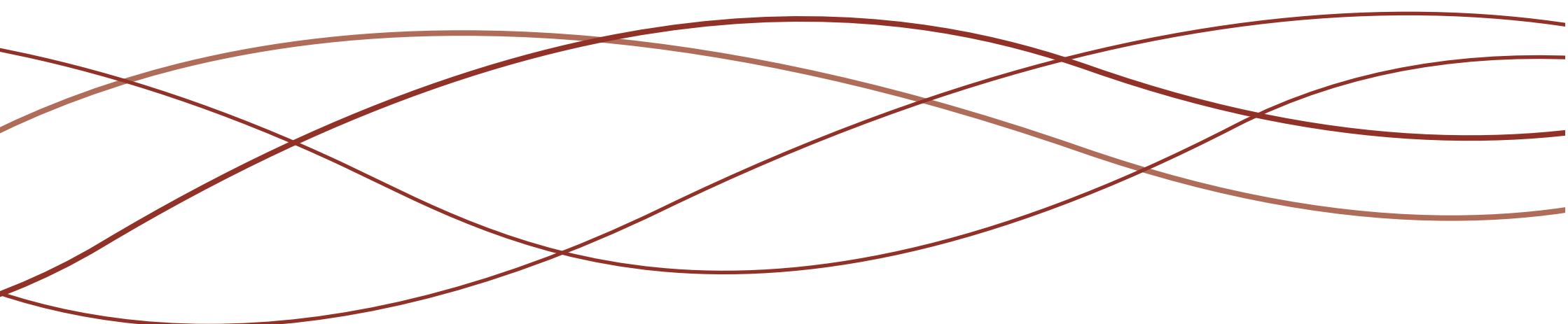
Hospital Padre Zé vem realizando campanhas para arrecadação de medicamentos dentro da validade para ajudar no tratamento de outras pessoas



Em 2021, existiam 42 pontos fixos de coletas de remédios similares ao mantido em Tambiá para ajudar pessoas em situação de vulnerabilidade social

Fotos: Marcos Russo

MÃE: **amor à infinita potência!**



*Aconchego e Afeto!
Força e Alento!
Detalhe e Persistência!
Sonho e Dedicção!
Paciência e Admiração!
Crescimento e Gratidão!*



DIA DAS MÃES

Musicalidade que vem do berço

Matriarca de uma família de músicos, Glaucia Lima fala sobre criação, convivência e projeto com os filhos

Lucilene Meireles
lucilene@epc.pb.gov.br

Na música, assim como na vida, a família da cantora paraibana Glaucia Lima, um dos nomes mais fortes da música paraibana, está sempre em sincronia. No palco, ela conseguiu reunir os três filhos, Pedro Índio Negro, Manu Lima e Bruno Miranda no projeto criado em 2016, Família É Quem Vem, com apresentações eventuais paralelas às carreiras solo de cada um. Neste Dia das Mães, ela e seus filhos falam do trabalho em conjunto, da relação em família e de outros projetos, entre eles, gravar um álbum capitaneado pela matriarca.

Manu, Pedro e Bruno destacam como as referências da mãe e a vivência musical ao lado dela influenciaram em suas carreiras e demonstram todo o carinho e reconhecimento a ela como artista, mas principalmente como mãe e incentivadora.

Pessoense, Glaucia é uma das personalidades mais originais da música paraibana e a única artista da América Latina a participar do Festival Du Sahel, no deserto da África. A trajetória nos palcos começou em 1997, com composições de paraibanos no projeto Cantoras do Povo, no Teatro Lima Penante, na capital: músicas inspiradas na cultura popular e nos ritmos regionais como o maracatu, ciranda, baião e côco de roda. Os filhos cresceram nesse ambiente musical.

Em 2008, Pedro Índio Negro, aos 13 anos de idade, acompanhou a mãe no palco pela primeira vez. O tempo passou e, 14 anos depois, ele reuniu as principais referências no seu primeiro álbum solo, *Livrai-nos do Mal*, com oito faixas autorais. Autodidata, sua música envolve expressões afro-nordestinas e tem inspiração em artistas como Cátia de França, Gil e a própria Glaucia, que empresta a voz no disco com a filha, como *backing vocals*.

Pedro lembra que a ideia de Família É Quem Vem foi da irmã, Manu, que viu uma oportunidade de levar para o palco um pouco do que já faziam no cotidiano. Eles sempre participam, formal ou informalmente, dos projetos uns dos outros, e essa foi a primeira vez que apresentaram algo organizado com a contribuição mútua. “Agora está mais complicado para manter o projeto porque, desde nosso primeiro show, muita coisa aconteceu e começamos a trilhar caminhos diferentes. Nem na mesma cidade moramos mais, mas creio que esse é um projeto que ocasionalmente acontecerá como uma espécie de celebração familiar, quando nós estivermos na mesma cidade”, diz Manu.

Sobre trabalhar com a mãe e os irmãos, ele diz que, em algumas famílias, essa situação pode ser um pouco opressora e até cansativa, mas garante que eles nunca tiveram sentimento de competição ou cobrança exagerada. Por isso, sempre foi prazeroso. Para Pedro Índio Negro, inclusive, a presença materna dá uma força a

mais. “É uma relação que foi construída com o tempo, em doses homeopáticas, até culminar nesse projeto onde temos voz e espaço para mostrar nossas criações sem julgamento”.

Vivendo nos EUA, Pedro não vai participar presencialmente do Dia das Mães deste ano, mas afirma que é costume da família se reunir para jantar ou almoçar em eventos comemorativos e diz que isso deve acontecer com os irmãos e a mãe.

“

Glaucia Lima é uma referência para nós, como artista e como pessoa. Ela é o nosso farol, nosso porto, uma mulher incrível que sempre bateu de frente com as desigualdades e os preconceitos. Ela sempre incentivou a nossa arte e nossa própria identidade

Bruno Miranda

As influências musicais de Glaucia Lima se estenderam para Bruno Miranda, que é professor de música, formado em licenciatura, e Manu Lima, que tem um trabalho com banda e também se apresenta na cena musical de João Pessoa. Para ele, Família É Quem Vem sempre estará vivo. “No momento, cada um de nós está enveredando por caminhos diferentes na música, na arte e na vida. Mesmo assim, seguimos com o desejo de gravar um EP e tocarmos em festivais fora do Brasil. Esperamos fazer em breve”, destaca ele. “Nos ajudamos bastante e temos muita afinidade, pois, musicalmente, viemos do mesmo berço. Nós temos bastante cumplicidade para apoiar e criticar uns aos outros, sem rodeios”, conta ele, frisando que, em certos shows, estavam três gerações no palco: a vó Juraci, a mãe Glaucia e os filhos/netos.

“Glaucia Lima é uma referência para nós, como artista e como pessoa. Ela é o nosso farol, nosso porto, uma mulher incrível que sempre bateu de frente com as desigualdades e os preconceitos. Ela sempre incentivou a nossa arte e nossa própria identidade. Isso nos dá mais segurança para subir ao palco e sermos nós mesmos”, acrescenta Bruno Miranda.

Arte que educa

“Cantar com meus filhos no palco é uma extensão do que eu vi acontecer desde que eles nasceram, quando os três, apesar da diferença de ida-

de que é de quatro a cinco anos entre eles, curtiam muita coisa juntos, inclusive cantar. E eu gostava de ver. Eles tinham essa referência da música em casa muito forte, e escutavam músicas de todo tipo, do mundo, brasileira, étnica, e foram guardando essas informações e experimentando entre eles”, conta Glaucia Lima.

As memórias são desde a época em que levava as crianças para a escola e elas seguiam cantando, brincando com as vozes. “Pedi para colocar um som e eu dizia que não precisava de som mecânico, porque tinha um som ao vivo”, brinca.

Para ela, os filhos até podem ter herdado algo de sua vivência musical, mas a convivência, as oportunidades marcam profundamente. Ela afirma que favoreceu isso em casa, mas com muita liberdade. Por isso, entende que a arte tem que ser vivida ludicamente e não de forma imposta, porque a arte educa, alfabetiza, pode abrir a mente para o mundo, e é muito importante esse aprendizado devagar, contínuo e livre.

Ela considera que viver coletivamente não é fácil porque cada um tem seus dissabores, brigas internas e também com outras pessoas. “Eu digo que precisamos investir no que une. Nós trabalhamos as diferenças, mas o que une é o que tem mais força”. A música, para ela, funciona como esse elo e, com essa convivência musical em família, o laço se fortalece. Por isso, as discordâncias, que são sempre para construir um trabalho melhor, acontecem de forma respeitosa.

Glaucia diz que todos se sentem realizados com o projeto musical, que vai além de ganhar muito dinheiro ou ser conhecido pelo mundo. “Para nós, o que importa é o fato de estarmos trabalhando juntos, como família e exercitando a amorosidade. Nós somos os piores críticos de nós mesmos. Quando cantamos, já sabemos onde erramos. Nem sempre sai tão bom, mas o que envolve tudo é que fica bom”.

A artista recorda que o título do grupo, Família É Quem Vem, é de uma música do seu filho mais velho, Bruno Miranda. A letra mostra exatamente o que eles pensam da vivência em família. Ela diz que ele coloca muito amor e afetividade na letra e na melodia, e acha o título pertinente porque diz muito sobre sua vida e a noção de família ampliada.

A expectativa de Glaucia Lima é gravar um álbum com os filhos. Ela diz que já é tempo de juntar o material que têm para a iniciativa. “Estou numa fase de felicidade com meus filhos. Cada vez que um con-

segue fazer algo que goste, ser feliz e se estabelecer profissionalmente, é um motivo para ficar feliz. Cada notícia boa é um presente que eu, como mãe, recebo de braços abertos e com muita gratidão”.

Hoje, no Dia das Mães, além do amor dos filhos, ela espera um outro grande presente, sua neta Yana, filha de Bruno Miranda e de Rosivânia Freitas, que também é cantora. “Yana está para chegar por esses dias, e a chegada da minha neta é para fechar com chave de ouro as festividades do Dia das Mães”, completa Glaucia Lima.

Autodidata, Glaucia Lima planeja gravar um álbum com os filhos através do grupo Família É Quem Vem, formado em 2016 e com atividades paralelas às carreiras solo de cada membro



Foto: Acervo Pessoal

Foto: Acervo pessoal



Da esq. para dir.: Pedro Índio Negro, Glaucia Lima, Manu e Bruno Miranda

Artigo

Estevam Dedalus
Sociólogo | colaborador

Entre os corações que tenho tatuado

A morte de Rita Lee é também um pouco a minha morte. Nós morremos, de certa forma, toda vez que as pessoas que amamos e os lugares que construímos vínculos afetivos deixam de existir.

Não tive o prazer de conhecê-la pessoalmente, mas, para mim, é como se ela sempre estivesse aqui comigo. Numa onipresença quase divina. Rita é como os “lugares que me lembram, minha vida”, a casa da minha infância, o mar, uma dessas pessoas que “a gente não se esquece nem se esquecer”.

A sua música faz parte do meu mundo sonoro afetivo, como de outros milhões de brasileiros. Autora incontornável, com uma dicção poética única, que soube transitar por diferentes temáticas e que era capaz de fazer a gente rir, chorar, transgredir, compreender a beleza do amor. Acho incrível quem tem essa capacidade.

Temos muitos gênios na música popular, é verdade. Mas são poucos os compositores que combinam tão bem diferentes recursos expressivos. Rita Lee dominava a arte do deboche, da ironia e da sátira, ao mesmo tempo possuía um romantismo dilacerante como nos versos: “A gente faz amor por telepatia / No chão, no mar, na Lua, na melodia”.

Nas suas múltiplas faces, era feminista: “Porque nem toda feiticeira é cor-



Paulistana Rita Lee dominava a arte do deboche, da ironia e da sátira

cunda / Nem toda brasileira é bunda / Meu peito não é de silicone / Sou mais macho que muito homem”.

Uma mulher sexualmente transgressora: “Eu vou sabotar / Vou casar com ele / Vou trepar na escada / Pra pintar seu nome no céu.” Ou quando fala, em ‘Lança Perfume’: “Me vira de ponta-cabeça / Me faz de gato e sapato / E me deixa de quatro no ato / Me enche de amor, de amor, oh”.

Uma artista que não se importava em ir contra a corrente para ser feliz e que reivindicava a loucura como experiência de liberdade: “Dizem que sou louco por pensar assim / Se eu sou muito louco por eu ser feliz? / Mas

louco é quem me diz / E não é feliz, não é feliz”.

Assim, num processo de ruptura com a homogeneidade social, que a imaginação poética proporciona, Rita Lee nos mostrou que é possível pensar que somos Deus e bonitos iguais a Alan Delon; que podemos voar como os pássaros e experimentar a beatitude do céu.

É com os sentimentos de saudade e de tristeza que encerro esse texto, dizendo: “Alguns desenhos que a vida vai fazendo, desbotam alguns, uns ficam iguais, mas, entre corações que tenho tatuados, de você me lembro mais, de você, não esqueço jamais.”

Estética e Existência

Klebber Maux Dias

klebmaux@gmail.com | colaborador

Estética e dialética negativa

No início dos anos de 1920, surgiu na Alemanha o Instituto para Pesquisa Social da Universidade de Frankfurt. Caracterizava-se por ser uma escola de teoria fundamentada na Filosofia e Sociologia. Uma das suas contribuições foi de ter criado a Teoria Crítica, que está estruturada nos conceitos da psicanálise do neurologista e psiquiatra austríaco Sigmund Freud (1856-1939) e no pensamento do filósofo, economista, historiador, sociólogo e jornalista alemão Karl Marx (1818-1883). As influências da metapsicologia freudiana surgiram dos impulsos psicológicos sendo gerados pelo consciente e inconsciente. São eles que determinam todo comportamento humano. Do marxismo foi extraído o sistema de análise que denunciava os conflitos sociais e suas cruéis relações humanas geradas pela exploração do empresário contra a dignidade financeira do trabalhador, bem como de mostrar o poder destruidor das instituições que regulavam as sociedades, como o governo, as religiões e as famílias. Outra contribuição foi de apresentar o bem-estar social a partir de suas relações econômicas, políticas e sociais.

O filósofo, sociólogo, musicólogo e compositor alemão Theodor Ludwig Wiesengrund-Adorno (1903-1969) foi um dos fundadores da Escola de Frankfurt. Nesse Instituto, a produção acadêmica de Adorno foi muito intensa em várias áreas do conhecimento. O seu pensamento gravitava contrário à ideia da compreensão do mundo por meio da razão. Uma de suas pesquisas apresentou o conhecimento da não identidade entre sujeito e objeto, em vez de fundamentá-lo na relação em torno do indivíduo e o objeto a ser conhecido. Afirmava que a finalidade da Teoria Crítica é não restabelecer o sujeito em sua verdade, e a “negatividade” é a única maneira de compreender o mecanismo da razão. Com o objetivo de provar essa tese, a sua obra *Dialética Negativa* (1966) expõe a incapacidade de compreender o todo por meio do pensamento e comprova a experiência particular sem que esta seja destruída pelos conceitos universais. Portanto esse processo recusa a formação de definições lógicas para apreender a experiência e traz consigo mais materialidade à causa, também ao sentido da realidade, bem como aos conceitos e às leis relacionadas à natureza, que servem de fundamen-



Filósofo e sociólogo alemão Theodor Adorno

tos para o conhecimento de todas as ciências, pois busca compreender a origem de tudo. Segundo Adorno, os conceitos abstratos são as repressões do mundo não real e enganador, visto que a totalidade é algo falso. Com isso, o filósofo da Teoria Crítica da Escola de Frankfurt defendeu a necessidade de se pensar os particulares em detrimento dos grandes sistemas filosóficos que tentavam incluir tudo que lhes era favorável de existência.

Na atual sociedade industrial, o indivíduo se torna supérfluo e toda dignidade humana é destruída. O perverso sistema administrativo e a demência social causada pela medíocre cultura de massas que se unem na uniformização da doentia percepção crítica e da linguagem vulgar. Diante dessa loucura, qual será a tarefa da estética em relação a isso? Ao responder a essa pergunta, em seu livro *Teoria Estética* (1970), Adorno afirma que o objetivo principal das suas análises em relação a arte é o de apreender seu conceito de verdade, pois ela deve assumir uma postura crítica contra a terrível “indústria cultural”. Esse conceito recebeu a colaboração do filósofo e sociólogo alemão Max Horkheimer (1895-1973), que muito contribuiu para criar a Teoria Crítica. Em seu livro *Eclipse da Razão* (1947), ele afirma que há dois elementos que compõem a “razão instrumental”: o ego abstrato, que compreende a ten-

tativa do ser humano em tornar tudo o que existe em meios para a conquista de algo para si mesmo; e a natureza vazia, que trata do objeto a ser dominado e possui somente a finalidade de satisfazer os próprios interesses, sendo seu único objetivo é a autopreservação. Para Adorno e Horkheimer, o perigo pertencente à “Indústria Cultural” é o cultivo de falsas necessidades psicológicas que são saciadas por um doentio consumo. Dessa forma, eles perceberam a cultura produzida em massa como ameaça para a sobrevivência das artes mais difíceis de serem produzidas do ponto de vista técnico e intelectual.

Teodor Adorno (1970, p. 19) define a arte moderna como a “antítese social da sociedade”, pois ela não aceita qualquer tentativa de inserção a parâmetros socialmente determinados e aceitáveis, bem como despreza normas e preceitos de estruturação preconcebidos, rejeitando modelos éticos, políticos e religiosos que possam determinar previamente a sua forma. Noutro livro *Dialética do Esclarecimento* (1944), escrito com a colaboração de Horkheimer, Adorno apresenta o conceito de “Indústria Cultural como engano em massa”. Ele justifica isso por ela produzir bens de consumo padronizados: filmes, programas de rádio, revistas e outros, que são usados para engessar a passiva sociedade de massas, por mais insuportáveis que sejam suas péssimas condições econômicas. De acordo com Luiz Costa Lima, no ensaio *Teoria da Cultura de Massa* (Paz e Terra, 1986), Adorno afirma que: “A obra artística tem uma relação mediata com a realidade histórico-social em que foi produzida. (...) ela não fica reduzida a reafirmá-la no que tem de mais geral, mas é sua negação. Mas não é negação formal, externa, e sim negação plena de conteúdo social”. Por isso, a estética adorniana é contra todos os sistemas de dominação que controlam as atividades humanas.

Sinta-se convidado à audição do 419º Domingo Sinfônico, deste dia 14, das 22h às 00h. Em João Pessoa-PB sintoniza FM 105,5 ou acesse através do aplicativo radiotabajara.pb.gov.br. Irei comentar um concerto e os 18 noturnos do compositor e pianista irlandês John Field (1782-1837). Ele criou o noturno, que é inspirado na serenidade da noite e executado ao piano.

Kubitschek
Pinheiro

kubipinheiro@yahoo.com.br

Dignidade

Não sei até onde a dignidade é maior do que tudo, mas não deve ser fácil viver sem, nem que seja “reiniciada” no fim da vida. Como assim, reiniciar? Ser digno, é viajar com vigor no tempo dos covardes, imbecis, idiotas escambau.

O óbvio seria dizer que persistimos nessa palavra. Dignidade vem da pele, mas pode ser uma solução, está no DNA. Os prosadores certamente nada sabem sobre a dignidade, da boca pra fora – a prosa é mais bonita, mas tem que ter dignidade. É uma questão biológica.

Enfzaram as pessoas com essa empáfia e não tem saída. Uma pessoa sem dignidade, ele constrói a sepultura. Há poucos dias perdemos Francois, um mestre no falar e no calar, que tinha dignidade para dar e vender, embora dignidade não tem preço.

Uma pessoa sem dignidade no próprio habitat e passa do estranhamento ao ataque. Quando não é ela que é atacada, se vendo a perder a dignidade, a autoestima ou ser tirada com insultos, ninguém merece. Não, não é assim, tem que ter dignidade.

Entrei numa loja, vi uma camisa estampada com a foto do Mozart, perguntei quanto custava e o dono disse: “Para esse amigo digno, o preço é bem em conta”. Nunca o vi antes e como saber que ele sabe que eu sou digno de alguma coisa. Devo ser.

Achei que o moço estava curtindo outro barato. Não me conhece e me chama de amigo é uma cena comum que vai além da flamante camisa, com a fina estampa do autor da ‘Jesus, a alegria dos homens’. Aí, talvez, estejamos diante de uma dignidade passageira. Mozart tinha dignidade, pela extrema capacidade de nos iluminar.

Rondar essa área do GH parece fácil ou verdadeiro, algo como centroavante de referência. Mas, como eu disse, os prosadores, os homens das calçadas, os poetas, as putas que até hoje não tiveram a profissão regularizada (não sei) tem a dignidade na cara. Ninguém vende o corpo só por vender.

Sou de um tempo que ainda matamos ou roubamos para alimentar um filho, mas antes, esse filho, precisa ter dignidade, saber onde pisa e aqui não cabe a assertiva da canção de Gilberto Gil, que diz: “Meu amigo, se eu quisesse eu entraria sem você me ver”.

Se está na cara, tem que ser, deve ser, será, um sujeito digno. O sujeito que eu digo não está relacionado à sorte. Tem que ter dignidade, que não está relacionada à condição do discernimento.

Mexe nos brios, o sangue esquenta, mas a estratégia é manter-se de frente, adotando um posicionamento aristotélico, jogando para que todos os meios se ordenem rumo ao fim desejado: a dignidade.

Da defesa ao ataque, do abraço ao aperto de mão, como nunca poderia deixar de ser ele, seja você mesmo em todos os lugares. A dignidade é algo inseparável.

Seu Nobel, meu Nobel está nesse caminho. Num bem colocado discurso, na aparição de uma nova pessoa, tudo chega junto da criatividade, do saber brilhar sua arte, a começar do prólogo, até a composição.

Puxa vida, não consegui escrever o que eu queria... mas estamos em campo.

Kapetadas

1 - O problema do Brasil não é a escassez de ética, é o excesso: cada brasileiro tem uma;

2 - Viver dá um trabalhão danado, sobretudo quando falta trabalho e dignidade.



Retrato do compositor austríaco Mozart por Barbara Kraft

Colunista colaborador

Alex Santos

Cineasta e professor da UFPB | colaborador

Mês de tristes incidentes na Academia de Cinema

Coincidência ou não, o fato é que a Academia Paraibana de Cinema (APC) perdeu dois presidentes no mês de maio. O primeiro, há três anos, Wills Leal, que foi fundador comigo e os demais parceiros da hoje entidade representativa da cultura cinematográfica paraibana. Ele que escreveu livros sobre o nosso cinema, exerceu atividades jornalísticas e de turismo, sempre foi uma pessoa dinâmica no que promovia.

A segunda perda foi daquele que sempre admirei, conciso e de poucas palavras e muita ação. O verbalismo jamais foi a sua prática, embora aplicado e preciso no que sempre realizava. Respeitoso, em todas as suas situações. Mutuamente, era como se fossemos irmãos. Seu nome, Moacir Barbosa de Sousa, falecido no dia 10 de maio de 2022. Ocupava a cadeira 7 da APC, cujo patrono é Lourenço Fonseca (Capiba). Moacir foi presidente pelo mandato de três anos e fez uma administração invejável.

Nos conhecemos, como se diz, “nas ondas do rádio” de uma emissora recém-inaugurada no Ponto de Cem Réis, a Correio da Paraíba, no ano de 1969. Como discotecário da emissora, ele foi ainda o programador musical e de cinema do nosso programa *Curta-Metragem*, apresentado diariamente ao meio-dia, e *Cine Projeção* aos domingos, na então emissora de rádio.

Não durou muito para que a nossa amizade se estendesse ainda mais, não só em razão da empatia que sempre existiu entre nossas famílias, mas também



Presidente da APC, Moacir Barbosa de Sousa, inaugurando a Sala Antonio Barreto Neto

pelo trabalho que sempre realizamos juntos, no jornalismo, cátedra universitária, na literatura e no cinema.

Professor universitário, escritor e doutor em Ciências da Comunicação, nos segmentos de Rádio e Televisão, pela Universidade de São Paulo, em 2000, com tese sobre *Evolução do rádio paraibano*. Destacado pesquisador da história da mídia radiofônica, com ênfase nas tecnologias e na indústria fonográfica, também em história do cinema. Foi coordenador de cursos de Comunicação nas Universidades Federais do Acre, da Paraíba e do Rio Grande do Norte. Publicou e organizou as edições: *Do gramofone ao satélite - evolução do rádio paraibano* e *Dicionário de rádio e som*. Escreveu capítulos de livros publicados: *Rádios comunitárias: a luz no final do túnel?*, *Primeiras transmissões de rádio na Paraíba e o tamanho do fosso: a distância entre o mercado e a aca-*

demia. Redigiu, ainda, textos para jornais de notícias e revistas: *A história curiosa do rádio*.

Durante sua presidência na Academia Paraibana de Cinema, a gestão de Moacir Barbosa sempre foi admirada pelos seus pares. Organizou a entidade, sendo um dos idealizadores para a criação da Sala Antônio Barreto Neto, a qual inaugurou durante sua gestão no âmbito da APC.

Na produção de cinema, participou como técnico sonoplasta e ator dos nossos documentários paraibanos *O Coqueiro* (1969) e *Parahyba*, realizado durante as celebrações do Quarto Centenário, em 1985, ambos premiados nacionalmente. E, recentemente, *Antomarchi, Américo – Falcão Peregrino*, e *Poltrona Rasgada*, supervisionando as trilhas sonoras dos três audiovisuais. – Mais “Coisas de Santos”, acesse nosso blog: www.alexantsantos.com.br.



APC: um ano da morte de ex-presidente

Academia Paraibana de Cinema, através de sua presidência e diretorias, se irmana ao sentimento da família do professor Moacir Barbosa de Sousa, pela celebração da Missa de um ano do falecimento do insigne ex-presidente desta entidade, realizada quarta-feira passada (dia 10), na Igreja Nossa Senhora de Fátima, no bairro de Miramar, em João Pessoa.

Doutor em Comunicação, escritor e cineasta, Moacir Barbosa de Sousa, de saudosa memória, presidiu um dos mais ricos períodos da APC. Ocupante da cadeira 7 da Academia, tendo como patrono Lourenço Fonseca (Capiba), Moacir participou de vários filmes paraibanos. Um parceiro que será sempre lembrado.

EM cartaz

ESTREIAS

O AMOR MANDOU MENSAGEM (Love Again. EUA. Dir: Jim Strouse. Romance. 12 anos). Mira Ray (Priyanka Chopra Jonas), ao perder o noivo, desenvolve um hábito peculiar, tentando superar sua morte: manda uma série de mensagens para o número de celular que pertencia ao noivo, não sabendo que o mesmo número foi transferido. CINEPOLIS MANAÍRA 3: 14h15 (dub.) - 16h45 (leg.) - 19h15 (dub.) - 21h45 (leg.); CINE SERCLA TAMBÁ 2 (dub.): 15h10 - 19h; CINE SERCLA PARTAGE 5 (dub.): 15h10 - 19h.

DO JEITO QUE ELAS QUEREM: O PRÓXIMO CAPÍTULO (Book Club 2 - The Next Chapter. EUA. Dir: Bill Holdman. Comédia. 12 anos). Quatro amigas de longa data (Diane Keaton, Jane Fonda, Candice Bergen e Mary Steenburgen) levam seu clube do livro para a Itália para a divertida viagem de garotas que nunca tiveram. CINEPOLIS MANAÍRA 11 - VIP (leg.): 15h - 17h30 - 20h.

MAFIA MAMMA - DE REPENTE CRIMINOSA (Mafia Mamma. EUA, Reino Unido e Itália. Dir: Catherine Hardwicke. Comédia. 16 anos). Norte-americana insegura, Kristin (Toni Collette) herda o império mafioso de seu avô italiano. Ajudada pela conselheira da organização criminosa (Monica Bellucci), ela desafia as expectativas de todos com a sua postura inusitada enquanto chefe da família. CINEPOLIS MANAÍRA 8: 16h30 (dub.) - 19h (dub.) - 21h40 (leg.); CINE SERCLA TAMBÁ 3 (dub.): 18h45 - 20h45; CINE SERCLA PARTAGE 5 (dub.): 18h45 - 20h45.

O NASCIMENTO DO MAL (Bed Rest. EUA. Dir: Lori Evans Taylor. Terror. 12 anos). Depois de lutar para começar uma família, Julie Rivers (Melissa Barrera) fica grávida e se muda para uma nova casa. Sob risco de perder seu bebê, ela presencia acontecimentos fantasmagóricos. CINEPOLIS MANAÍRA 1: 13h45 (dub.) - 18h45 (dub.) - 21h15 (leg., exceto sex.); CINEPOLIS MANGABEIRA 3 (dub.): 16h30 (exceto seg., e ter.) - 21h45 (exceto seg., e ter.); CINE SERCLA TAMBÁ 2 (dub.): 17h10 - 21h (exceto qua.); CINE SERCLA PARTAGE 4 (dub.): 17h10 - 21h (exceto qua.).

CONTINUAÇÃO

DUNGEONS & DRAGONS - HONRA ENTRE REBELDES (Dungeons & Dragons: Honor Among Thieves. EUA. Dir: John Francis Daley e Jonathan M. Goldstein. Aventura. 12 anos). Num mundo repleto seres mágicos, aventureiros embarcam numa jornada épica para recuperar uma reliquia. CINEPOLIS MANAÍRA 8 (dub.): 13h30.

DEIXADOS PARA TRÁS - O INÍCIO DO FIM (Left Behind: Rise of the Antichrist. EUA. Dir: Kevin Sorbo. Drama. 14 anos). Seis meses após uma profecia que deixou o mundo em ruínas, sobreviventes começam a se juntar a um governo militarizado das Nações Unidas. CINEPOLIS MANAÍRA 1 (dub.): 16h.

GUARDIÕES DA GALÁXIA VOL. 3 (Guardians of the Galaxy Vol. 3. EUA. Dir: James Gunn. Aventura. 12 anos). Ainda se recuperando da perda de Gamora (Zoe Saldana), Peter Quill (Chris Pratt) reúne sua equipe para defender o universo e um companheiro de equipe. CENTERPLEX MAG 1 (dub.): 16h; CENTERPLEX MAG 3 (3D): 15h (dub.) - 18h (dub.) - 21h (leg.); CENTERPLEX MAG 4 (dub.): 19h30; CINEPOLIS MANAÍRA 2 (leg.): 20h45; CINEPOLIS MANAÍRA 6 (dub., 3D): 15h10 - 18h20 - 21h30; CINEPOLIS MANAÍRA 7 (dub.): 14h40 - 17h50 - 21h; CINEPOLIS MANAÍRA 9 Macro-XE: 13h (dub.) - 16h10 (leg.) - 19h20 (dub.) - 22h30 (leg.); CINEPOLIS MANAÍRA 10 - VIP (leg., 3D): 15h40 - 18h50 - 22h; CINEPOLIS MANGABEIRA 1 (dub., 3D): 15h40 - 18h50 - 22h; CINEPOLIS MANGABEIRA 5 (dub.): 13h30 (exceto seg. e ter.) - 18h40 (exceto seg. e ter.); CINEPOLIS MANGABEIRA 5 (dub.): 14h30 - 17h40 - 20h50; CINE SERCLA TAMBÁ 2 (dub.): 21h (qua.); CINE SERCLA TAMBÁ 4 (dub.): 20h (qua.); CINE SERCLA TAMBÁ 5 (dub.): 14h - 16h50 - 19h40 (exceto qua.); CINE SERCLA TAMBÁ 6 (dub.): 14h50 (3D) - 17h40 - 20h30 (exceto qua.); CINE SERCLA PARTAGE 1 (dub.): 14h - 16h50 - 19h40 (exceto qua.); CINE SERCLA PARTAGE 2 (dub.): 14h50 (3D) - 17h40 - 20h30 (exceto qua.); CINE SERCLA PARTAGE 3 (dub.): 20h (qua.); CINE SERCLA PARTAGE 4 (dub.): 21h (qua.).

JOHN WICK 4: BABA YAGA (John Wick: Chapter 4. EUA. Dir: Chad Stahelski. Ação. 14 anos). Com o preço por sua cabeça cada vez maior, o assassino de aluguel John Wick (Keanu Reeves) leva sua luta contra a Alta Cúpula enquanto procura os jogadores mais poderosos do submundo. CENTERPLEX MAG 2 (dub.): 20h30.

A MORTE DO DEMÔNIO: A ASCENSÃO (Evil Dead Rise. EUA. Dir: Lee Cronin. Terror. 18 anos). Beth (Lily Sullivan) vai até LA para visitar sua irmã mais velha (Alyssa Sutherland), que mora com os três filhos. O que seria uma reaproximação, porém, toma um rumo macabro quando elas encontram um livro antigo que dá vida a demônios possessores. CINEPOLIS MANAÍRA 4 (dub.): 22h15; CINEPOLIS MANGABEIRA 4 (dub.): 22h10.

SUPER MARIO BROS. - O FILME (Super Mario Bros. EUA. Dir: Aaron Horvath e Michael Jelenic. Animação. 10 anos). Os irmãos Mario e Luigi vão parar no reino dos cogumelos da Princesa Peach, ameaçado pelo rei dos Koopas. CENTERPLEX MAG 1 (dub.): 19h; CENTERPLEX MAG 4 (dub.): 15h15 - 17h20; CINEPOLIS MANAÍRA 2 (dub.): 14h - 16h15 - 18h30; CINEPOLIS MANAÍRA 4 (dub.): 13h15 - 15h30 - 17h45 - 20h15; CINEPOLIS MANGABEIRA 4 (dub.): 13h15 - 15h20 - 17h20 - 19h45; CINE SERCLA TAMBÁ 4 (dub.): 14h30 - 16h20 - 18h10 - 20h (exceto qua.); CINE SERCLA PARTAGE 3 (dub.): 14h30 - 16h20 - 18h10 - 20h (exceto qua.).

CINE BANGUÊ (JP) - MAIO

OS FILHOS DOS OUTROS (Les enfants des autres. França. Dir: Rebecca Zlotowski. Drama. 16 anos). Profes-

sora cria um profundo laço com a filha do seu namorado. CINE BANGUÊ: 18/5 - 18h30.

HERÓI DE SANGUE (Tirailleurs. França e Senegal. Dir: Mathieu Vadepied. Drama. 14 anos). Pai senegales (Omar Sy) fará de tudo para salvar o filho recrutado à força na Primeira Guerra Mundial. CINE BANGUÊ: 16/5 - 20h30.

PARAI (Brasil. Dir: Vinicius Toro. Drama. Livre). Menina guarani começa a questionar seu lugar no mundo. CINE BANGUÊ: 17/5 - 18h30; 27/5 - 15h; 30/5 - 18h30.

O PASTOR E O GUERRILHEIRO (Brasil. Dir.: José Eduardo Belmonte. Drama. 14 anos). Na década de 1970, guerrilheiro comunista se encontra na mesma cela que um cristão evangélico, preso por engano. CINE BANGUÊ: 21/5 - 18h; 23/5 - 20h30; 25/5 - 19h; 27/5 - 19h; 29/5 - 20h30.

UMA NOITE EM HAIFA (Laila in Haifa. Israel e França. Dir: Amos Gitai. Drama. 14 anos). Cinco mulheres desafiam rótulos em seus relacionamentos e identidades pessoais. CINE BANGUÊ: 14/5 - 16h.

NOITES ALIENÍGENAS (Brasil. Dir.: Sérgio de Carvalho. Drama. 16 anos). Na periferia de Rio Branco, pessoas são impactadas pelo conflito entre facções criminosas. CINE BANGUÊ: 15/5 - 18h30; 20/5 - 19h; 22/5 - 20h30; 24/5 - 20h30; 28/5 - 18h.

UMA NOVA PAIXÃO (Dirt Music. Austrália e Reino Unido. Dir.: Gregor Jordan. Romance. 14 anos). Presa em casamento e vida vazia, mulher se entrega ao romance com músico misterioso. CINE BANGUÊ: 17/5 - 20h30.

QUANDO FALTA O AR (Brasil. Dir.: Ana Petta e Helena Petta. Documentário. 10 anos). Registro do trabalho dos profissionais do SUS pelo país na pandemia. CINE BANGUÊ: 14/5 - 18h; 20/5 - 17h; 23/5 - 18h30; 31/5 - 19h.

QUERIDA ZOE (Dear Zoe. EUA. Dir.: Gren Wells. Drama. 16 anos). Adolescente lida com o turbilhão de emoções após tragédia familiar. CINE BANGUÊ: 15/5 - 20h30.

RIO DOCE (Brasil. Dir.: Felipe Fernandes. Drama. 14 anos). Uma jornada de um homem negro e periférico em crise. CINE BANGUÊ: 16/5 - 18h30; 20/5 - 15h; 22/5 - 18h30; 28/5 - 16h; 30/5 - 20h30.

O SEU AMOR DE VOLTA (Brasil. Dir.: Bertrand Lira. Documentário. 16 anos). Histórias sobre a busca do amor perdido e a crença no poder da magia. CINE BANGUÊ: 21/5 - 18h; 24/5 - 18h30; 27/5 - 17h; 29/5 - 18h30.

TESLA - O HOMEM ELÉTRICO (Tesla. EUA. Dir.: Michael Almereyda. Drama. 12 anos). A história do gênio revolucionário Nikola Tesla (Ethan Hawke). CINE BANGUÊ: 18/5 - 20h30.

Letra
 Lúdica
 Hildeberto
 Barbosa Filho
hildebertopoesia@gmail.com

Livros saborosos

Há livros saborosos. Não me exijam gêneros ou outra categoria qualquer. Ficção, poesia, ensaio, memórias, não importa. Deixem-me acreditar neste critério arbitrário: o sabor. Território da sensibilidade, da inteligência e da imaginação, o sabor pode decidir o destino de alguns livros, seu lugar especial nas prateleiras especiais das estantes especiais.

O Aurélio assim define a palavra sabor: “s.m. Impressão produzida na língua pelas substâncias sápidas; propriedade que essas substâncias têm de impressionar o paladar; gosto; saibo; (fig.) qualidade; índole; jovialidade; forma; natureza; capricho; talante”.

Se me conservo no âmbito do significado denotativo, não tenho receio em afirmar que certos livros me agradam por demais o paladar, o gosto específico na ceia da leitura. De sua composição concreta, que pode resultar do tamanho, do peso, da marca impressiva, do zelo do papel, posso experimentar a delicadeza do gozo físico e aromático que advém do mistério dos tipos, de parágrafos e frases que a memória há de reter, para sempre, na zona curva do saber, pois saber e sabor pertencem à mesma família filológica e vocabular.

Já na esfera da figuração, onde todos os reinos da polissemia podem se misturar e confundir, posso ensaiar uma curiosa tipologia e enumerar os livros em listas de qualidade, índole, jovialidade, forma, natureza, capricho e talante, como nos ensina o dicionarista. Onde estaria, por exemplo, *Cartas a um jovem poeta*, de Rainer Maria Rilke? Certamente este é um livrinho de muita qualidade. Qualidade literária, qualidade filosófica, qualidade poética, qualidade psicológica e existencial. Responde ainda por essa qualidade certa didática estilística embutida nos conselhos e sugestões que o bardo tcheco ministra, da maturidade de sua sabedoria, ao jovem Franz Xaver Kappus. Logo na primeira missiva, enviada de Paris, em 17 de fevereiro de 1903, sugere ao pupilo que procure evitar, “de início, os temas demasiados comuns”, pois estes “são os mais difíceis”. Antes já pedira para o jovem se fazer esta decisiva pergunta: “Morreria, se não me fosse permitido escrever?”.

Será que eu morreria, se não me fosse permitido escrever? Como me inquieta esta indagação! Como gosto desse livro! Como amo essas cartas! Passei a minha vida lendo e relendo as sábias e saborosas palavras do autor das *Elegias de Duino*.

Índole lírica, força poética e evocativa se mesclam pelas páginas de *A casa de meu avô*, livro de memórias de Carlos Lacerda. Dizem os que o ouviram falar em público, no parlamento ou nas ruas, que havia qualquer coisa de sagrado no ardor incontido de sua oratória. Ouvi algumas crônicas lidas por ele na Rádio Nacional e senti o calor e o brilho de sua habilidade elocutiva. Mas lembro aos que esquecem ou não sabem: Carlos Lacerda também é um mestre da palavra escrita. Suas memórias de infância, sabem os que tiveram a ventura de lê-las e apreciá-las, exatamente do que estou falando. Conteúdo e estilo se fundem na configuração dos perfis, principalmente no perfil do avô e da casa, e são ricos e verticais os registros da vida no campo e na pequena cidade, como também os traços psicológicos que se desenharam na alma infantil do narrador. Não minto se disser que este é o melhor e mais saboroso livro de memórias da literatura brasileira.

Pode ser jovial, tem forma e natureza os ensaios filosóficos de Arcângelo R. Buzzi, reunidos em três títulos indispensáveis: *Introdução ao pensar*, *Clínica do humano* e *Filosofia para principiantes*. Por meio de uma escrita, em tudo criativa e estimulante, com sabor da mais genuína fonte poética, os grandes temas filosóficos são tratados, com o cuidado de quem sabe dialogar com seus pares de ontem e de hoje, sem perder o prumo da autonomia e da originalidade cognoscíveis diante do pensamento e da reflexão. O conhecimento, a vida, a morte, o amor, o cotidiano, o homem, a linguagem, a poesia, a arte, Deus, eternidade, tempo e outros conceitos integram a meditação, diria lírica e intelectual, racional e intuitiva, deste que é um dos pesos pesados da ensaística brasileira, sobretudo, se considerarmos que no ensaio devem residir, em larga altitude, a clareza e a beleza.

Encerro este improviso, próprio das letras lúdicas, com uma *Oração pelo poema*, do pernambucano, de Jabotatão, Alberto da Cunha Melo. O sabor já pulsa no título, cheio de ambivalências semânticas. Aqui devo orar pelo poema, suplicar pelas certezas insuspeitas de seus caminhos, ou transmutar os seus versos octossílabos numa espécie de oração ou homilia perante o suplício das palavras, “de qualquer palavra que suavize/a minha vida, para sempre”, conforme enuncia o eu poético. No seu percurso metalinguístico, metafísico e existencial, esse livro-poema ou esse poema-livro tem capricho e tem talante. Tem o saber e o sabor que só a poesia maior e melhor há de conter.

Colunista colaborador

Serviço

• Funesec [3211-6280] • Mag Shopping [3246-9200] • Shopping Tambiá [3214-4000] • Shopping Partage (83)3344.5000 • Shopping Sul [3235-5585] • Shopping Manaira (Box) [3246-3188] • Sesc - Campina Grande [3337-1942] • Sesc - João Pessoa [3208-3158] • Teatro Lima Penante [3221-5835] • Teatro Ednaldo do Egypto [3247-1449] • Teatro Severino Cabral [3341-6538] • Bar dos Artistas [3241-4148] Galeria Archidy Picado [3211-6224] • Casa do Cantador [3337-4646]

AUDIOVISUAL

Filme relembra o cinema em Areia

Amanhã, documentário terá exibição especial no Teatro Minerva, no município da PB que é o protagonista da produção

Da Redação

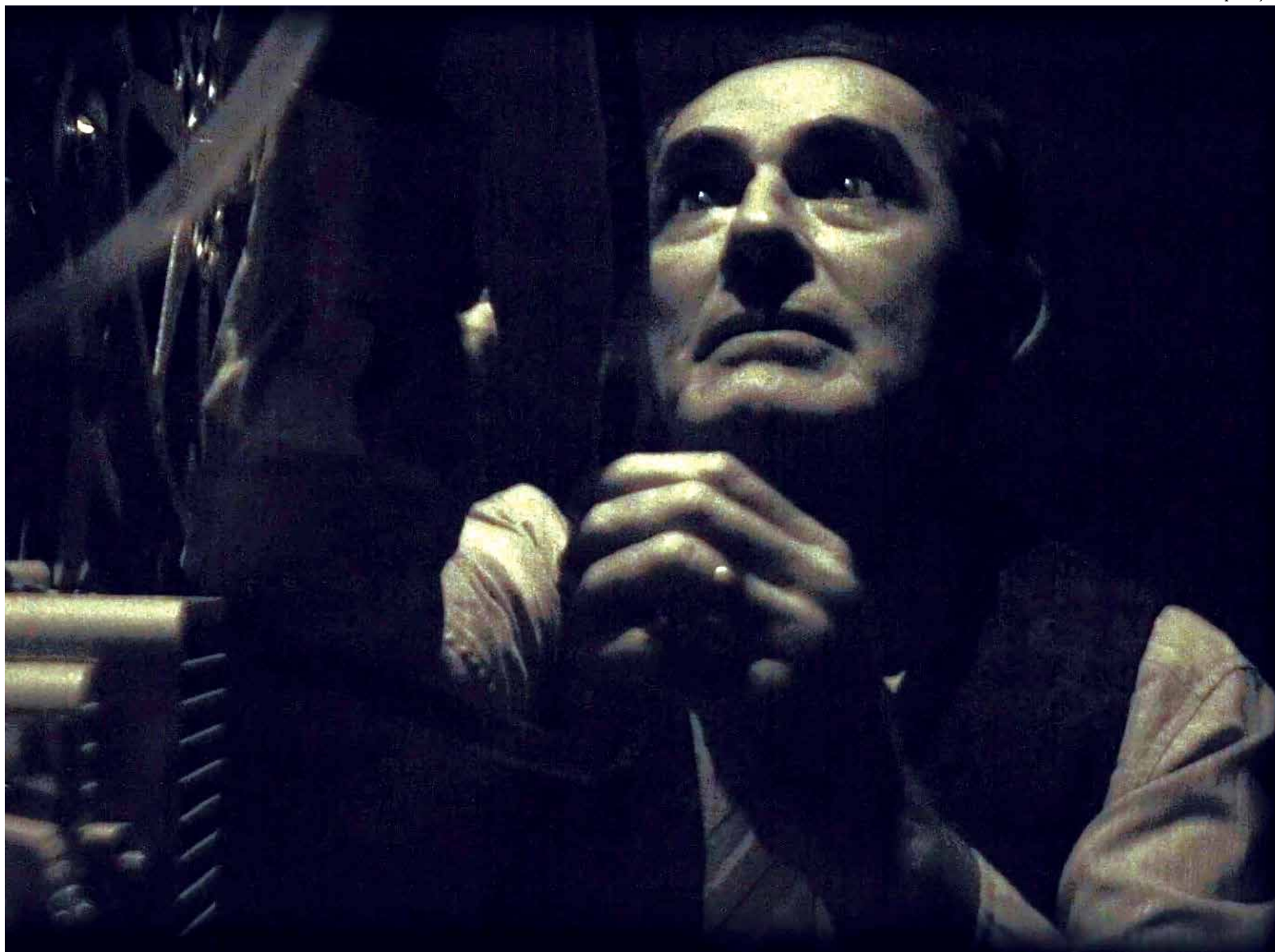
O mais antigo – fundado no ano de 1859 – e um dos mais tradicionais teatros da Paraíba, o Minerva também era palco para a projeção da Sétima Arte quando era um cine-teatro, no município de Areia, localizado na região do Brejo. O local, aliado aos personagens, virou protagonista do documentário *Areia, Memória e Cinema*, que ganhará uma sessão especial de lançamento amanhã, com entrada gratuita (sujeita à lotação do espaço), a partir das 19h, no próprio teatro.

Remontando os primórdios do Minerva, localizado no Centro da cidade de Areia, a produção é assinada pela diretora Letícia Damasceno Barreto, que está retornando onde tudo começou. Após a projeção do curta-metragem, haverá debate com a realizadora e parte da equipe do filme.

“Por vezes é difícil falar sobre a emoção, por estar ainda no processo de elaborar e vivenciar esse sentimento de retornar a Areia depois de tanto trabalho, mas com o curta finalizado. Com certeza é com muita alegria no coração”, confessou a cineasta. “Ao mesmo tempo, existe uma expectativa de como a comunidade de Areia irá receber esta parte da estória, que, para mim é muito significativa, uma forma de me sentir pertencendo à cidade de Areia e, a Paraíba, através do cinema, tendo encontrado esse viés para me aproximar da história de meu avô, Gut Barreto”, detalhou Letícia Damasceno, que nasceu na cidade de Niterói (RJ).

O filme é focado nas memórias, afetos e na relação das pessoas com o cinema e parte das vivências de avô da diretora para contar uma história sobre o amor pela Sétima Arte. Também traça um panorama histórico da cultura audiovisual no município do Brejo paraibano, conhecida como “terra da cultura”. Antes das filmagens no teatro e em outros espaços da cidade, foram captadas entrevistas com antigos moradores sobre suas lembranças do cine-teatro.

Gutemberg “Gut” Barreto, o avô da diretora do documentário, atuou como primeiro projectionista do Minerva, entre 1920 e 1930. Essa trajetória é abordada no segmento ficcional da produção audiovisual, que reconstrói algumas vivências do cinematógrafo nesse período. “O argumento do filme se deu a partir da lacuna, da indagação e do desejo de conhecer melhor a história do meu avô tão particular, na tentativa de me aproximar do seu universo ligado à arte e ao cinema”, explicou Letícia Damasceno Barreto. “Quis saber dos entrevistados a respeito da importância do cinema para a cidade, que tipo de filme era exibido e a relação social do cinema, como a de propiciar namoros, por exemplo. Dar voz a



Na parte de dramatização, ator Buda Lira (acima) faz o papel de Gut Barreto, avô da diretora que atuou como primeiro projectionista do Minerva, entre 1920 e 1930

“

O argumento do filme se deu a partir da lacuna, da indagação e do desejo de conhecer melhor a história do meu avô tão particular, na tentativa de me aproximar do seu universo ligado à arte e ao cinema

Letícia Damasceno Barreto

essas pessoas é muito importante, porque é uma forma de trazermos essa afetividade e torná-la palpável, como se a sentissem novamente”, frisou ela.

Para personificar o projectionista, a cineasta escalou um veterano do cinema brasileiro, o ator paraibano Buda Lira, conhecido por filmes como *Aquarius* (2016) e *Bacurau* (2019), recentemente escalado para nova série do Amazon Prime Vídeo, *Cangaço Novo*, ainda sem data de estreia. “Saber que meu avô faleceu dentro do Cine Odeon, na Cinelândia, no Rio de Janeiro, em 1960, é ao mesmo tempo triste e interessante, porque era algo pelo qual ele era apaixonado”, lembrou a

realizadora. “Eu tinha apenas dois anos de idade. Isso me suscitou a curiosidade de adentrar nessa história, me fez desejar reconstruir, recriar e narrar de forma afetiva esse acontecimento, me trazendo, desse modo, a sensação de pertencimento”.

As gravações para o documentário aconteceram no ano passado. “Captei imagens de habitantes mais antigos da cidade de Areia que frequentaram o Minerva, que foi o primeiro teatro criado na Paraíba, em 1859, e é uma joia, e que também funcionou como cinema por volta de 1915 até o final dos anos 1950”, disse Letícia.

A exibição especial de *Areia, Memória e Cinema* conta com apoio do Hotel Triunfo, da Pousada Casa do Lago e da Prefeitura Municipal de Areia através das Secretarias de Cultura, Turismo e Educação.

Sobre a diretora

Letícia Damasceno Barreto é artista, professora e pesquisadora, com formação em Dança Contemporânea e em Terapia através da Dança pela Escola de Dança Angel Vianna-RJ. Atuou como docente nessa mesma escola (1994-1999). É Doutora em Estudos Interdisciplinares em Memória Social pela Unirio (2014), com tese sobre Memória do Corpo, investigando a relação do corpo/objeto como dispositivos para criação de movimento. Atua como docente do curso de Dança da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), onde é professora do quadro efetivo e, desde 2010, desenvolve investigações com ênfase na Consciência pelo Movimento e na criação artística.

Fotos: Kalyne Almeida/Divulgação



Artista, professora, pesquisadora e cineasta Letícia Damasceno Barreto durante as gravações



Primeiro teatro da PB, em 1859, Minerva funcionou como cinema entre 1915 até o final dos anos 1950



Curta-metragem tem cenas gravadas no município do Brejo paraibano, a “terra da cultura”

CAMPANHA

IA entra no debate para as eleições

Políticos e professores chamam a atenção para a necessidade de se disciplinar o uso da Inteligência Artificial

Juliana Teixeira
julianaaraujteixeira@gmail.com

A Inteligência Artificial pode ameaçar políticos? Os chamados representantes do povo podem ser substituídos pelas facilidades da IA? Pode parecer mentira, mas com este recurso é possível até elaborar um projeto de lei. Muitos políticos paraibanos dizem que o artifício mais ajuda do que atrapalha, e alguns afirmam utilizar da ferramenta na atuação parlamentar.

A temática é forte, atual e necessita de legislação com certa urgência. O risco é consenso até entre os gigantes como Elon Musk e vários pesquisadores de inteligência artificial, intelectuais, especialistas e executivos. Tanto que eles chegaram a assinar uma carta aberta pedindo aos laboratórios de tecnologia uma pausa de seis meses no desenvolvimento de sistemas de IA em grande escala. O documento cita temores sobre os “riscos profundos” para a sociedade e a humanidade do que chamam de uma “corrida fora de controle” pelo avanço de siste-

mas que adotam a tecnologia.

Aqui no Brasil, o Congresso Nacional já aprovou um Marco Regulatório sobre o tema, com o desenvolvimento e uso da Inteligência Artificial (IA) pelo poder público, por empresas, entidades diversas e pessoas físicas.

Entre outros pontos, a proposta estabelece que o uso da IA terá como fundamento o respeito aos direitos humanos e aos valores democráticos, a igualdade, a não discriminação, a pluralidade, a livre iniciativa e a privacidade de dados.

De lá pra cá, a IA evoluiu ainda mais, ampliando suas formas de utilização. Atualmente, existe uma força conjunta de juristas para elaborar uma opção de projeto de lei que possa de fato regulamentar a criação de inteligência artificial no Brasil. A proposta foi apresentada pelo presidente do Senado, Rodrigo Pacheco (PSD/MG), na forma do PL 2.338/2023. O texto é fruto

do trabalho de advogados especialistas no tema e foi criado ao longo de 2022 — antes de o assunto ganhar tanta visibilidade. Segundo Pacheco, o objetivo é estabelecer direitos para proteção das pessoas, bem como criar ferramentas de governança para supervisionar e fiscalizar a atividade.

Entre os parlamentares paraibanos o tema ainda fala mais sobre desconhecimento do que sobre entendimentos. O deputado federal Cabo Gil-

berto (PL) foi um dos que afirmou conhecer pouco sobre a temática. Recente no Congresso Nacional, ele não participou das discussões do PL 21/2020. Esse projeto estabelece princípios, direitos, deveres e instrumentos de governança para o uso da inteligência artificial no Brasil. Só que o texto não leva em consideração a política e as eleições, pontos ainda em aberto.

“Eu vejo com bons olhos, temos que utili-

zar a tecnologia para melhorar a vida do povo. Mas sobre o projeto ainda vou observar os detalhes e a votação do novo projeto”. O parlamentar trabalha com a possibilidade do uso da IA de forma prejudicial à política. É possível, mas é uma ferramenta à disposição da população, ela deve ser utilizada. Sobre o uso incorreto, precisamos sim estar atentos para que a nossa legislação caminhe junto a esta utilização”, disse Gilberto.

A legislação tem que ser federal, pois essa é uma realidade global e nacional. Mas por aqui, na Assembleia Legislativa da Paraíba já tem político observando essas mudanças.

“Eu acho que auxilia e ajuda e pode auxiliar ao combate das fake news, armas de muito políticos e pessoas que agem corretamente. Eu utilizo deste mecanismo para melhorar meu trabalho sim, e acredito que a Inteligência Artificial nos auxilia”, disse o deputado es-

tadual Eduardo Brito (SD).

Apesar de estar por dentro do assunto, o deputado estadual Luciano Cartaxo (PT), ficou boquiaberto quando viu um projeto de lei todo feito com a utilização da Inteligência Artificial. Questionado, disse que “O avanço da tecnologia é inevitável e isso leva a algo positivo e algumas contraindicações. Temos que utilizar bem dessa ferramenta em prol do mandato, de nossas relações pessoais e de políticas públicas nesse sentido. Está no dia a dia das pessoas e da política não diferente”, disse o parlamentar, que diz acreditar no Legislativo para regulamentar a utilização da Inteligência Artificial.

De autoria do senador Rodrigo Pacheco, presidente do Senado, o PL 2.338/2023 aguarda despacho para determinação dos próximos passos. O rito mais provável é que seja direcionado para análise da Comissão de Ciência, Tecnologia, Inovação, Comunicação e Informática (CCTI) do Senado, mas a Mesa Diretora também poderia encaminhar a criação de uma comissão especial.



A Inteligência Artificial ganhou nos últimos meses as manchetes e provocou debates sobre como limitar os avanços para que o homem possa continuar controlando o seu desenvolvimento

Professor acredita que Legislativo não acompanhará evolução

Para especialistas como Gustavo Rabay, advogado, e professor de Direito Digital e Regulação de Novas Tecnologias da UFPB, por mais que o legislativo se movimente, não vai conseguir acompanhar as mudanças, pois se trata de tecnologias disruptivas, exponenciais, quando se resolve um gap, surgem outros 10 potencialmente mais complexos.

Como o tema está em alta no mundo, não seria surpresa se a proposta ganhasse uma tramitação mais acelerada. Se o Brasil começar a discutir a norma, seria o primeiro país a adentrar nesse tema. Nem os Estados Unidos, onde estão localizadas as principais empresas do setor, começaram a debater regras claras sobre as IAs.

A proposta proíbe o uso de IAs classificadas como “risco excessivo”, embora não detalhe o que isso significa. Também serão vedadas tecnologias que induzam a comportamento danoso à segurança ou à saúde das pessoas, tal qual as que explorem vulnerabilidades de grupos específicos, como crianças ou idosos.

O projeto prevê penalidades aplicadas a quem descum-

prir as regras. Estão previstas multas que poderiam chegar a R\$ 50 milhões e suspensão das atividades, parciais ou totais, da empresa descumpridora.

Gustavo Rabay cita outro PL, o Projeto de Lei 1153, de 2023, que segundo ele, ainda está em fase embrionária na Câmara dos Deputados. Ele estabelece uma “Política Nacional de Inteligência Artificial” e prevê a criação de uma espécie de conselho consultivo para a elaboração de políticas e diretrizes sobre o tema, entre outras questões.

“O que sabemos sobre ele é que o texto é muito frágil, vago e genérico demais e já foi pensado a outro projeto que tramita na Casa, que é o PL 759, de 2023, igualmente sem relevância. Muito mais relevante, agora, é acompanhar a aprovação do Projeto de Lei 21, de 2020, o chamado Marco Legal da inteligência artificial no país, fruto de um trabalho intenso de juristas, com a participação do Professor Danilo Doneda, referência internacional. Assim como o PL 2630, de 2020, a chamada “lei de combate às fake news”, não há nenhum dispositivo que trate especifi-

camente do uso da IA na política, mas qualquer regulação de novas tecnologias traz consigo impactos diretos nas disputas eleitorais e na formação da opinião pública”, esclarece.

Mas nada ainda é direcionado especificamente à política e certamente a IA vai pesar na campanha eleitoral, é o que antecipa Rabay. “Precisamos entender, antes de mais nada, que a IA é uma ferramenta muito poderosa e pode ser aplicada em qualquer atividade humana. No caso da política, não é diferente: ela pode ser usada para segmentação de eleitores e direcionamento de campanhas, às quais muitas vezes são abusivas (sem transparência), ocultando financiamento de grandes grupos econômicos, induzindo não apenas ao desequilíbrio no pleito, mas amplificando fake news, espalhando discurso do ódio e condutas discriminatórias, inclusive contra nordestinos. Pode até induzir a crimes mais graves. Daí a importância de uma lei que possibilite a criação de formas de checagem pública e aberta de fatos e detecção de notícias falsas”, especifica.

Se no Brasil ainda se discu-



Partido que foi criado por Inteligência Artificial, na Dinamarca, quer uma cadeira no Parlamento

te uma legislação, pelo mundo o uso da Inteligência Artificial já chegou ao ponto de ter até um partido político recém fundado na Dinamarca e comandado pelo artifício.

O Partido Sintético espera ter uma cadeira no parlamento dinamarquês em breve, sendo conduzido pelo *Leader Lars*, que nada mais é do que um chatbot com Inteligência Artificial. A intenção é que todas as políticas do partido sejam desenvolvidas pela tecnologia.

O criador, Asker Staunæs, em entrevista ao MotherBoard, disse que a tecnologia foi desenvolvida por uma ONG chamada MindFuture. A intenção com o projeto é que a IA possa representar coletivamente uma parcela da população.

O treinamento da Inteligência Artificial é baseado em políticas desenvolvidas por partidos periféricos do país na década de 1970. Com isso, os desenvolvedores pretendem representar cerca de 20% da

população que não tem representantes atuais no parlamento dinamarquês. “Estamos representando os dados de todos os partidos marginais, então são todos os partidos que estão tentando ser eleitos para o parlamento, mas não têm assento”, disse Staunæs ao site. “Então, é uma pessoa que formou uma visão política própria que gostaria de realizar, mas geralmente não tem dinheiro ou recursos para isso”, afirma o partido.

Memórias

A União

Cleane Costa

Sonhava ser cantora, escolheu Comunicação e se apaixonou pelo jornalismo

Jornalista formada na primeira turma do curso da UFPB se surpreendeu quando ouviu dos mestres da redação que seu texto era bom para a universidade, mas não podia ser editado em jornal porque era puro protesto

Luiz Carlos Sousa
lucbjp@gmail.com

Cleane Costa revela, nessa conversa para as Memórias A União, que chegou à UFPB sem saber direito o que iria fazer no curso de Comunicação. Sonhava ser cantora e, ao invés de Educação Artística, cravou Comunicação Social. Acabou descobrindo uma paixão escondida: o jornalismo. Da turma pioneira, ao estágio na redação de O Norte, até a contratação por A União, quando o aprendizado do fazer jornal começou para valer, ela fala da experiência com a página policial, o conselho dos mestres, como Gonzaga Rodrigues, e da vontade de aprender que a levou a integrar a reportagem pela manhã, e, à noite, a traduzir telegramas para, mais rapidamente, alcançar o texto final, meta de todo “foca”. Cleane foi editora setorial, trabalhou no Caderno 2, fez matérias especiais e foi chefe de reportagem. Sempre em A União, às vezes, dividida com a Secretária de Comunicação do Estado.

Entrevista

■ *Gostaria de começar a conversa com você, como aliás comeci com todos os colegas que já sentaram nessa cadeira: como é que começou a sua história com A União?*

Primeiro, dizer que é uma honra estar aqui participando desse projeto, que é também uma forma de eu me lembrar, fazer memória da minha trajetória, da minha caminhada. E entrei quando ainda era estudante do curso de Comunicação.

■ *Tu és da primeira turma?*

Da primeira turma: 77.2. E quando foi em 80, que eu consegui me formar, A União assinou minha carteira. Em setembro de 80. Comunicação era uma coisa nova. Uma ciência nova. Na minha cabeça, estava fazendo alguma coisa ligada ao que eu gostava de fazer, que era arte, eu gostava de cantar.

■ *Para esse público não foi criado o curso de Educação Artística?*

Só que eu não sabia. Entrei no de Comunicação, quando eu chego lá, havia jornalismo e relações públicas. Ai, o que fazer? Fazer jornalismo. Olha só a loucura! Enfim, estou aqui.

■ *E se identificou como jornalista?*

Tranquilamente. Mas só que nunca tinha adentrado na redação de jornal. Já perto de terminar, acho que em 79, entrei. O Norte abriu uma vaga de estágio, mas fiquei por pouco tempo porque surgiu a chance de vir para A União.

■ *Para a escola?*

A escola realmente: o povo fala, mas é a pura verdade, porque eu fui doutrinado mesmo, dentro do que é o jornalismo, aqui em A União.

■ *José Américo disse isso, que foi a escola dele?*

É assim hoje em dia, hoje tudo com horário. Muita pressa. Mas naquela época a gente tinha mais tempo para aprender e eu me lembro que um dia Gonzaga chegou para mim disse: “Neguinha, se tu queres aprender mesmo a fazer o negócio bem direitinho na redação, pega esses telegramas que chegam nessa máquina aí e transcreve”. Naquele tempo a gente tinha que transcrever

na redação. Hoje o que me chama a atenção é a pressa de se fazer as coisas.

■ *E tinha que fazer tudo correto, porque aquele texto ia ser calculado para ocupar um espaço na página. E se tivesse erro, o diagramador não tinha como fazer o cálculo com precisão?*

Tinha que bater aquele texto bem direitinho na máquina, 70 toques, 30 linhas, era uma ditadura, mas se dominava.

■ *Nas outras redações não havia essa preocupação em formar. O que acontecia? A gente era formado na União e as outras redações nos levavam depois?*

E a gente tinha um professor: Gonzaga Rodrigues. Não sei se você lembra das reuniões que a gente fazia na salinha da editoria, à base de cafézinho e cigarro - parecia um fog - para discutir as pautas da semana e ele aproveitava aquele momento para dar dicas, a gente tudo abestalhado olhando Gonzaga. Para mim era mito, que está valendo ainda hoje.

■ *Lembro que Agnaldo Almeida, numa reunião com os repórteres, dizendo: “Olha, procure dar um cunho social à matéria que vocês fazem, ampliem”.*

Pois é a gente tinha muita dica, muita coisa assim.

■ *Mas eu estou vendo nessa foto você aqui uma exímia datilógrafa, usando todos os dedos.*

Todos. Hoje em dia ninguém mais faz curso. Todos os meninos nascem digitando.

■ *Você tinha 22 anos e logo migrou da reportagem para a editoria. Ficou quanto tempo na União?*

De 1980, acho que eu saí de lá por volta de 84, porque houve uma troca: Silvío Osias estava na Secom. E estavam precisando dele, algo assim. Fui para a Secom e Silvío para União. A gente fez esse caminho e quando cheguei na Secom comeci

■ *Interessante é que o jornalismo continua com as mesmas preocupações de informar, obviamente, de mostrar a novidade, mas a evolução técnica foi impressionante. Trouxe aqui umas fotos de você na redação, no início da carreira aqui. Aqui com uma máquina, a velha Olímpia?*

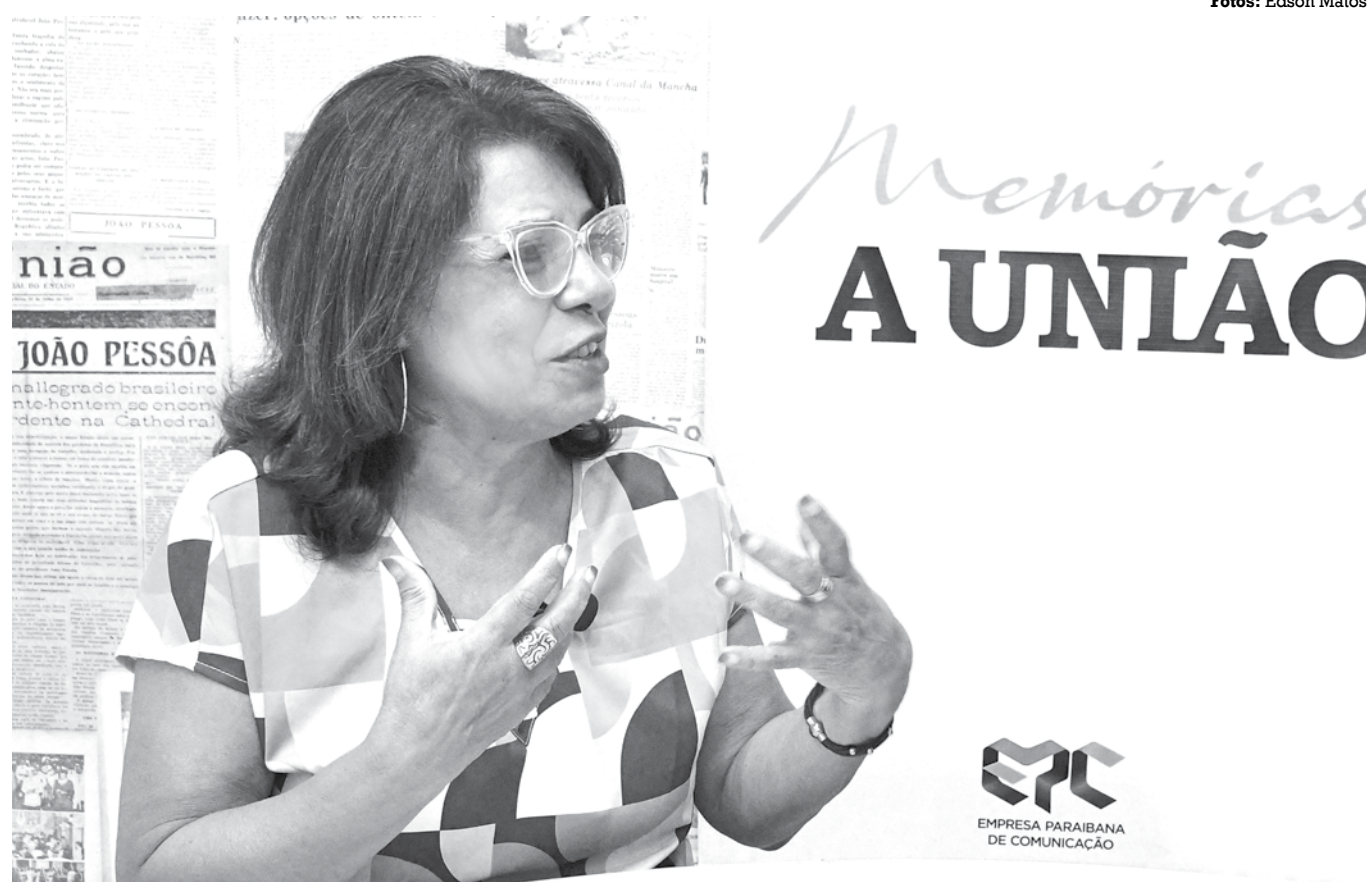
Tinha 22 anos. A primeira coisa que tinha que se fazer quando chegava na redação era saber escrever à máquina.

■ *O que é que hoje, com sua experiência, você ainda resgataria desse tempo de início da carreira?*

Acho que o próprio fazer jornal. Eu tenho muita saudade disso, do papel, sabe? Acho que isso aqui era uma coisa muito gostosa de se fazer, o tempo que você gostava para fazer, apurar a notícia. Hoje em dia não sei como é que está funcionando aqui a redação, mas a gente tinha muito cuidado com isso, com o que ia colocar, quem era que deveria entrevistar.

■ *Os dois lados da notícia?*

Fazia tudo, a contextualização. Hoje é uma coisa mais dinâmica. Eu acho até por conta do tempo, a gente fechava jornal de meia-noite uma hora da madrugada, mas a gente apurava a notícia que chegava



Cleane não pensava em ser jornalista, mas entrou no curso de Comunicação, sem saber o que era, e se apaixonou pela profissão

a me identificar com essa coisa da assessoria de imprensa. Mas não foi o bastante para mim para aprender e cortar os laços com A União, porque eu voltaria de qualquer maneira. Voltei ainda para a página, se não me engano de Cultura - não sei se foi uma licença que Carlos Aranha tirou, férias, negócio assim. Foi na época de Biu Ramos. Pronto, ali foi quando eu voltei para A União, aí passei um tempo sai e voltei de novo em 2004, mais ou menos. Fiquei até 2016, 17. Voltei a ser repórter de novo.

■ *Mas você voltou para A União nos anos 2000 e ficou até mais ou menos até 2016?*

Mas nessa época eu dividia meu tempo. Pela manhã ficava aqui na União e à tarde na Secom.

■ *Ah, nunca deixou de transitar na administração?*

Não. Foi só uma forma de voltar a viver isso e também ajudar no lado financeiro, que é preciso.

■ *Dos seus sonhos do curso de Comunicação, que a levaram à universidade, a optar por essa profissão, há algum que você ainda não realizou no jornalismo?*

Eu realizei até o que eu nunca pensei. Nunca imaginei na minha vida me tornar chefe de nada. Até porque eu gostava muito da redação, de apurar notícias, essa coisa toda.

■ *Você disse que chegou à chefia de reportagem. Vou te contar uma coisa. De todos os cargos que ocupou em jornal é o único que eu não gostei...*

Eu também não gostei. Já ia dizer isso. Não sei se não tenho o feeling para o cargo, porque o que gosto mesmo é de ir atrás, de elaborar o texto, criar. E se eu não fizer isso, o que eu gosto? É o que eu faço hoje: pegar o texto e olhar, ver o que tem.

■ *O que uma menina de 22 anos, amante das artes, que não sabia o que ia fazer, de repente se vê no meio das feras da Polícia?*

No drama, na realidade policial. No Correio, na época que Alberto Arcela foi editor o que ele fez? Ele disse: “Não Cleane, a gente vai fazer uma policial diferenciada. Vamos fazer policial investigativo, mais voltado para a Polícia Federal, a Polícia Científica, coisa diferente,

porque não é o mesmo linguajar desse povo que tá aí. Também foi outra forma de mais aprendizado. Foi assim que eu me fiz nessa profissão, que eu amo.

■ *Mas você voltou para A União nos anos 2000 e ficou até mais ou menos até 2016?*

Mas nessa época eu dividia meu tempo. Pela manhã ficava aqui na União e à tarde na Secom.

■ *Ah, nunca deixou de transitar na administração?*

Não. Foi só uma forma de voltar a viver isso e também ajudar no lado financeiro, que é preciso.

■ *Dos seus sonhos do curso de Comunicação, que a levaram à universidade, a optar por essa profissão, há algum que você ainda não realizou no jornalismo?*

Eu realizei até o que eu nunca pensei. Nunca imaginei na minha vida me tornar chefe de nada. Até porque eu gostava muito da redação, de apurar notícias, essa coisa toda.

■ *Você disse que chegou à chefia de reportagem. Vou te contar uma coisa. De todos os cargos que ocupou em jornal é o único que eu não gostei...*

Eu também não gostei. Já ia dizer isso. Não sei se não tenho o feeling para o cargo, porque o que gosto mesmo é de ir atrás, de elaborar o texto, criar. E se eu não fizer isso, o que eu gosto? É o que eu faço hoje: pegar o texto e olhar, ver o que tem.

■ *O que pode ser melhorado?*

Às vezes, chega um texto meio frio, porque a assessoria engessa, você se perde um pouco esse lado de deixar o texto mais atrativo. Então, também é bom você dar uma olhada nisso e hoje eu faço isso. Como chefe de reportagem, não. Você não tem a chance dessas coisas.

■ *Duas coisas me chamavam atenção na chefia de reportagem: tinha que estar sempre ensinando. E tinha que mandar, uma hora que você tem que determinar... Porque não pode chegar a hora de começar a descer as páginas, por exemplo as páginas de Cidades e alegar: não tenho a matéria. Como é que você vai fazer?*

Eu fiquei pouquíssimo tempo.

■ *Não sei se você concorda comigo: é uma das poucas funções do jornal que você lida com o jornalismo puro porque você tem que mandar apurar, farejar a notícia e com a logística: o telefone não tá funcionando, o motorista não chegou...*

A gente vive um pouco isso lá na Secom também com relação essas coisas porque às vezes lá funciona como uma mini-redação. Lógico que uma coisa mais específica, mas tem muito disso.

■ *E, às vezes, tira você do sério?*

Você tá preparado, fez seu dia todo para fazer um trabalho profissional. Então, você tem que identificar o que é notícia. Tem que ver qual é o ângulo, tem que pensar quais são as partes que serão ouvidas, as repercussões. Para isso que a gente foi treinado, aí de repente, o telefone da redação não tá funcionando. Vai você tomar providência, o carro bateu, furou o pneu e o motorista está no meio da rua, não é? Isso é característica da reportagem. Resolveu? ■ *Tá faltando pilha para câmera fotográfica. Quantas vezes a gente já ouviu isso?*

No meu tempo era pilha para o gravador. Aqueles gravadores imensos que a gente botava na boca da pessoa e, às vezes, esquecia de apertar a tecla para gravar, apertava o rec e não apertava o play...

■ *Que diferença para os tempos atuais que depois de gravar, com o celular, já transforma em texto e transmite para onde quiser?*

A tecnologia tem dessas coisas, mas eu também gosto de ter esse olhar mais romântico, né do nosso jornalismo, o diagramador lá sentado com aquele diagrama. E como a gente ficava assim quebrando a cabeça para botar um título porque tinha que ser dentro daquele número de toques que era solicitado.

■ *Eu não estou sendo saudosista nessa conversa com você, mas realmente era assim?*

Era uma coisa muito gostosa de fazer, fácil de fazer.

■ *A expectativa na cabeça?*

Exatamente, porque o título tinha que ser um título bom, atrativo, mas tinha essa regra, essa ditadura de você fazer dentro daquele tamanho. Ai você tinha que olhar se tinha muito “M” porque, com certeza, ia estourar. Se tinha muito “I” para não ficar pequeno, você tinha que usar muito a cuca. Trocar a palavra exatamente para encontrar uma que coubesse, ficasse bem perfeita.

■ *Essas fotos mostram você bem novinha aqui na redação e você é um tempo que as redações começaram a receber as mulheres, porque praticamente não havia. Tem história com Maria José Limeira, Lena Guimarães, que também não era muito mais velha do que a gente, mas chegou um pouco mais cedo, lembra?*

Quando cheguei Lena já estava lá.

■ *Mas a partir da sua chegada, de Gisa Veiga, de Lena Guimarães, Naná Garcez, as mulheres começaram a frequentar a redação em maior número?*

Com certeza, foi a partir disso mesmo.

■ *E vocês desbravadores, enfrentaram muito preconceito, havia muita brincadeira?*

Havia. Dentro de A União não, eu não enfrentei isso graças a Deus, mas fora da redação a gente en-

■ *Alguma vez você fez matérias que guarda até hoje na memória, como tendo sido algo divisor de água?*

Tem uma que foi minha prova de fogo. Eu não sei nem se eu ainda tenho isso guardado, mas foi justamente uma pauta de Gonzaga, nessas conversas, ele pediu uma matéria sobre a Lagoa. A Lagoa como palco, não só de lazer, da boêmia, mas também como palco político, que ainda hoje é assim. Eu fiz uma matéria morrendo de medo. Deus do céu, Gonzaga pensou essa coisa e me entregou. E agora como é que eu vou fazer isso, não só está ouvindo, mas que você teria que fazer toda uma contextualização, uma leitura, conversar com gente da época como era aquele restaurante que tinha lá, a churrascaria Bambu, sempre tem um ponto de encontro da cultura de jornalistas e gente assim.

■ *Essa foi o marco?*

Eu fiz essa matéria e realmente para mim foi um divisor. Acho que foi a minha primeira matéria

especial.

■ *Gonzaga na vida da gente?*

Pois é, eu não sei nem se ele se lembra disso. Eu me lembro começando ainda assim.

■ *Como você encarava a situação de A União ser do Estado precisando informar, mas a informação não podia desagradar e quando desagradava era um problema e quando fazia o certo era obrigação e ninguém ligava?*

No começo foi muito interessante, porque a gente vem da Universidade com a cabeça revolucionária. Enfim, cheguei fiz um texto. Não sei se foi Lena, se foi Agnaldo que disse: está muito bom para panfleto lá da Universidade. Aqui não dá certo não esse tipo de texto. Eu disse meu Deus e agora como é que eu vou escrever? Eu aprendi assim, e agora? Mas aí aos poucos, a pessoa vai pegando. E eu acho que essa minha ida para a Secom me ajudou muito, porque passei a escrever especificamente matérias governamentais. Seja lá quem tivesse no Governo. E aí quando eu voltei para A União, já estava com uma bagagem, já foi mais fácil fazer, mas logo no começo...

■ *Burity tinha sumido e dito a famosíssima frase: “Não conheço democracia sem Imprensa livre”. A gente queria fazer imprensa livre, mas não podia...*

Mas eu acho que a gente conseguiu fazer porque aquele caderno mesmo, que eu lembrei do Jornal de Domingo, a gente tinha uma licença. Era uma coisa leve dentro do jornal, que se caracterizava como o Jornal Oficial, mas a gente podia brincar um pouco, usar uma linguagem mais leve.

■ *A cultura, a política de uma forma mais científica?*

A gente podia. Me lembro de uma entrevista, acho que foi o Wellington Farias, que que fez e Domingos Sávio fez aquela famosíssima ilustração do cara como se fosse um Carrasco aqui. Quer dizer a gente podia fazer isso.

■ *Cleane você se adaptou facilmente às novas tecnologias, como o celular, embora lidando com os mesmos princípios de informação, clareza, concisão, objetividade e fidelidade camina aos fatos?*

Tecnicamente falando eu enfrentei certa dificuldade, não vou dizer a você que não enfrentei até porque quando a tecnologia começou já estava dentro da redação, na Secom, eu já estava acho que beirando os 40. E aí eu fui trabalhar numa campanha e quando cheguei lá na campanha só tinha computador. Meu Deus, e agora o que é que eu vou fazer. Mas graças a Deus sempre onde chego consigo fazer amizade. E aí a minha cabeça começou a me dar umas dicas de como usar. O que era o Windows, como entrar no Word e pronto e aí eu fui familiarizando.

■ *A nova geração também não sabe fazer como se fazia antes?*

Exato. E a gente também era

acostumado a guardar muita coisa no nosso caderninho de anotação, era a nossa agenda. Aquilo ali valia ouro. Era onde estavam todos os nossos arquivos, não somente falas e tal, mas tinha tudo.

■ *Tinha os contatos quando chegava ao final do ano aquela dificuldade todo mundo fechado pra balanço. A gente pegava as matérias que tinha saído e renovava os textos?*

Pois é, a gente hoje em dia é tudo aí dentro do computador, mas se der um pau aí dentro lascou.

■ *Como é que a gente vai encontrar, embora nos reste a sabedoria ou, o aprendizado para dar ideia. A gente nunca deixou de ter ideia você falando sobre sua matéria da lagoa e isso é muito real ainda?*

Continua vivo. A fome não passou. A Lagoa ainda tá ali e ainda se prestando para esse papel. De tanto ser palco de lazer, como político, como sempre termina lá. Palco religioso. Tudo acontece na lagoa.

■ *Olha, ali tem umas primeiras páginas...*

Que luxo esse painel do cenário do Memórias A União.

■ *Você disse antes da nossa conversa começar que Martinho Moreira Franco foi o professor de assessoria de imprensa?*

Porque justamente quando eu assumi no governo Burity. E aí era Martinho o secretário.

■ *Que só queria ser amigo do rei?*

Ele dizia: “Não esse negócio de secretário não dá certo para mim, não. Ele gostava mais dos bastidores. Mas lembro, a primeira vez que ele foi pegar um texto meu, eu me tremendo meu Deus do céu, o que é que eu vou fazer da minha vida agora com esse homem que eu tinha medo dele.

■ *Querida deixar você à vontade para alguma coisa que eu esqueci de perguntar nessa conversa da gente. Veja se tem mais alguma lembrança que você acha que deve ser registrada, porque o Memórias da União está para isso mesmo: você contar sua história...*

Eu acho que a gente conversou tudo. Lógico que sempre vai ficar faltando alguma coisa, mas o que eu quero mesmo é agradecer esse convite. Foi um momento perfeito, eu diria pra gente lembrar boas lembranças. Eu confesso que eu estava meio com medo, meu Deus do céu, o que será que vão perguntar e eu vou saber dizer? E eu vou ter medo lá daquela câmara, mas a gente falou de cada época, que a gente viveu e no final a gente sabe que o jornalismo nos deixou grandes amigos e boas lembranças. Eu agradeço pelo convite. Por essa oportunidade que eu acho que não deixa de ser uma homenagem à minha trajetória, não só aqui dentro, mas também é um resgate.

Exato. E a gente também era





Waldemar Solha, Lincoln Cartaxo, Marcela Miranda, Zeba Lira, Paula Gentil, Luis Felipe Moura, Melca Farias e Marília Melo são os aniversariantes da semana.

A Rick Presentes, loja de semijoias da minha querida amiga Iolanda Reginaldo, (na foto com a amiga Zenaide Siqueira), ainda está com peças espetaculares para se presentear, com beleza e glamour, as mães neste mês de maio. A empresa, que está instalada no térreo do Empresarial Kadoshi, ao lado do MAG Shopping, em Manáira, ainda está com acessórios na promoção.



A querida amiga Roberta Aquino, um grande e respeitado nome na sociedade paraibana, teve seu aniversário festejado durante almoço no restaurante Adega, na última terça-feira (9). O evento, liderado pelas amigas Lúcia Padilha e DaPaz Gonçalves, com apoio da vereadora Raissa Lacerda, nora da homenageada, foi sucesso total. Os familiares da aniversariante, representados pelos filhos Geórgia e Beto Aquino e sua esposa Raissa, além de Sagnó Neto e sua esposa Livia e as sobrinhas Waleska Aquino e Rossana Targino, encantaram-se com o carinho das inúmeras amigas da promoter mais amada de nosso Estado. O bolo de Maria Helena (um presente da nora Raissa), a animação por conta do artista Bruno Batista e as fotos de Dalva Rocha engrandeceram, ainda mais, este que foi um dos eventos mais badalados do semestre.



Soliandra Alves e sua filha protagonizam, neste mês de maio, impecável e espetacular campanha da marca Carmem Steffens. Ela e a filha, Pietra César estão escrevendo, no badalado mundo da moda, histórias que edificam, principalmente, a guerreira mulher nordestina. Puro glamour!



Um dia especial para nossa família: Primeira Comunhão da nossa neta número dois, Catarina Palmeira Rodrigues. O evento religioso aconteceu no Monastério, sede da Paróquia de Sant Pere d'Octavià, em Sant Cugat fel Vallès, na Catalunha, com crianças da European Internacional School of Barcelona. Logo após a solenidade, parte de nossa família se reuniu na residência da família Palmeira/Rodrigues.



Neste Dia das Mães, segue a minha homenagem a minha querida Balila Palmeira. A ela, que sempre me conduziu às boas amizades e aos ambientes culturais desta querida Paraíba, o meu agradecimento e amor. Feliz de quem tem a seu lado uma mulher que, aos 97 anos, ainda acorda feliz e pronta para a sua jornada diária. Homenageio, ainda, as mulheres da minha vida: minhas duas Moema (em memória), Miriam e Marina, minhas filhas, Luciana e Adriana, minhas netas Maria Luísa, Catarina, Helena e Sarah e minha nora, Clarissa Rosas.

IMOBILIÁRIA

PARAÍBA PROPERTY

www.paraibaproperty.com.br
+55 83 99302-7071

CRECI 0362-J

SAO BRAZ

ESPRESSO SÃO BRAZ EM CÁPSULAS. EXPERIMENTE.

PARA MÁXIMO ESPRESSO

*marca de terceiro não relacionada com a São Braz.

Abelardo Jurema, nosso amigo e colega de imprensa, vai festejar seu aniversário no dia 12 de junho (segunda-feira), a partir das 18h, no restaurante Marea, no Hotel Oceana Atlântico, situado na Av. Governador Argemiro de Figueiredo, 2100, Jardim Oceania. Daniela Guerra (83. 99302.0005), da equipe da Abelardo.com, está na organização do evento.

João Pinto e Magdania Alves, eleitos, respectivamente, presidente e vice-presidente da Associação Campinense de Imprensa (ACI), tomam posse no dia 2 de junho, durante evento na AABB campinense. Por motivo de viagem a Salvador, a terra de Jorge Amado, não poderei prestigiar este tão importante evento. E por falar na Rainha da Borboirema, com a aproximação dos festejos juninos, João Pinto, em parceria com o presidente da Associação Paraibana de Imprensa (API), Marcos Weric, já estão articulando a ida de jornalistas ao Maior São João do Mundo.

Famílias agricultoras e artesãs, que fazem da artesanato em barro um meio de renda pautada na sustentabilidade, vão participar da IV Feira Cultural da Chã da Pia, evento que vai acontecer no próximo dia 28 a partir das 8:00h, na sede da Associação dos Moradores da Chã da Pia, na zona rural do município de Areia, no Brejo paraibano. Além deste rico artesanato, os turistas e visitantes vão poder registrar e apreciar a deliciosa comida brejeira.

O Mundo das Tintas, empresa dirigida pela família Miranda e que prima por ter produtos diferenciados, está com excepcional promoção para esta época de chuva: o Coral Bem-Estar, um tipo de verniz incolor, para paredes, que repele mosquitos, das espécies zika e dengue, com duração de cerca de dois anos.

Imagine debater temas ligados à ciência, saúde e tecnologia de forma descontraída em bares!... É essa a essência do evento que João Pessoa vai sediar nos dias 24 e 25 de maio em dois bares da Capital, durante o festival Pint of Sciense, evento que vai acontecer em 123 cidades brasileiras e que, em João Pessoa, vai ser realizado nos bares Porks (dia 23) e Gard Beer (dia 24), sempre às 19:00h.

| Selic | Sálário mínimo | Dólar \$ Comercial | Euro € Comercial | Libra £ Esterlina |
|-----------------------------|----------------|--------------------|------------------|-------------------|
| Fixado em 3 de maio de 2023 | R\$ 1.320 | -0,27% | -0,87% | -0,76% |
| 13,75% | | R\$ 4,923 | R\$ 5,343 | R\$ 6,130 |



REALIDADE NORDESTINA

Empreendedoras sofrem com o racismo estrutural

Estudo aponta que mulheres pretas ou pardas sentem desigualdades no dia a dia

Thadeu Rodrigues
thadeu.rodrigues@gmail.com

A busca por independência financeira a partir da criação de um negócio é o que motiva 78% das empreendedoras nordestinas no exercício das atividades, aponta a pesquisa Perfil das Mulheres Empreendedoras do Nordeste, realizada pela Be.Labs, uma aceleradora de negócios e mentoria de empreendimentos femininos do Nordeste. No universo do estudo, 64,41% das mulheres são pretas ou pardas e sofrem com racismo estrutural. As participantes da pesquisa são dos estados de Paraíba, Ceará, Pernambuco, Alagoas e Bahia.

A maioria das empreendedoras desenvolve uma atividade por necessidade, embora encontre as oportunidades no percurso. As mulheres ainda sofrem com situações de desigualdade em relação aos homens, como o acesso ao crédito e a missão de desenvolver mais tarefas no dia a dia, e temem fracassar nos negócios.

De acordo com a fundadora da Be.Labs, Marcela Fujii, a pesquisa indica dados invisibilizados pelos principais institutos de pesquisa do país. "A maior dor do empreende-



Preta Langy é exemplo de empreendedora que arriscou nova profissão num cenário adverso

dorismo feminino é ser mulher. Muitas de nós acabam sendo engolidas pelo mar de responsabilidades e tarefas relacionadas principalmente à sua vida doméstica e familiar, e não recebem o apoio necessário para seguir com suas realizações pessoais e profissionais. Muitas encaram seus negócios tendo pelo menos um filho que exige cuidados o que as leva à exaustão".

Mais da metade das entrevistadas (56,11%) relatou ter um faturamento que varia de um a três salários mínimos.

Contudo, 28,05% têm renda inferior ao salário mínimo. A sobrevivência é conquistada porque 72% das entrevistadas informaram que possuem mais de uma fonte de renda.

Raça e renda

A pesquisa revela uma relação entre raça/etnia e renda. Entre as mulheres com renda de até um salário mínimo, 81,75% são negras. Além disso, empreendedoras nordestinas negras chefes de família representam 68,1% das entrevistadas.

O medo constante em fracassar acomete 52,77% das empreendedoras. Para 33,16% delas, é difícil conciliar a atividade empreendedora com a vida pessoal, o que inclui o casamento ou união estável (estado civil de 57,31% das participantes) e a criação dos filhos (71,2% são mães). Apesar de que 18% das mulheres responderam não ser reconhecidas em seus trabalhos, 92% das entrevistadas não deixariam de empreender para aceitar uma vaga de trabalho formal.

Obstinação e identidade marcam trabalho

A cabeleireira Elisange-la Paulo da Silva é uma empreendedora há 15 anos. Ela começou de uma maneira simples, sem estrutura, apenas com suas habilidades. O seu conceito é a liberdade, encontrada também em sua identidade. A empreendedora utiliza o nome de Preta Langy para expressar sua personalidade e possibilitar o mesmo aos clientes.

Preta era técnica de enfermagem, mas não se identificava com a profissão. Então, fez o curso de cabeleireira no Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (Senac) e conciliou as duas atividades, foi quando descobriu que estava grávida e escolheu continuar os estudos no ramo da beleza.

"Desde menina, eu gostava de mexer com a beleza, especialmente cabelo. Tive uma educação rígida, o que me conteve um pouco, mas sempre gostei de lidar com o público. Sempre que uma amiga queria um corte de cabelo, eu fazia, mesmo sem ter técnica. Depois que eu casei, fui atrás do que eu gostava. Proporcionar às pessoas um sorriso, após o trabalho finalizado, é muito bom", conta Preta Langy.

Ela começou com a cara, a coragem e um tamborete, na box que o pai tinha no Mercad-

do do Valentina. Depois, ele a presenteou com um lavatório e a cadeira. Ela começou apenas com corte, mas acrescentou serviços de selagem e coloração. Com a experiência, a empreendedora criou seu método, melhorando a beleza de cabelos cacheados, crespos e afro, saindo do padrão de beleza do cabelo liso e claro. A partir daí, ela adotou a identidade de Preta. O Langy vem da maneira como sua irmã pronunciava seu nome (Elisângela), enquanto criança.

Superando desafios

Mas nem tudo são flores. Após ter problemas na administração do salão, ela precisou trabalhar em uma empresa de call center, acumulando as duas funções. "Foi difícil conciliar os trabalhos com a criação de um filho pequeno, mas o meu marido foi muito parceiro e companheiro".

Preta Langy nunca conseguiu empréstimos. Foi graças ao cartão de crédito que ela conseguiu ampliar seu salão de beleza. Em 2019, ela começou uma sociedade, mas na época da pandemia, a parceria foi desfeita por desavenças administrativas. Ela montou o salão em sua casa, no Bessa, e atende por agendamento. Atualmente, ela se

divide com a a atividade de cantora e MC. "Sou forte, não perco a fé nunca".

Longevidade difícil

O contexto desfavorável ao empreendedorismo feminino compromete a longevidade dos negócios. A pesquisa da Be.Labs aponta que 34% dos empreendimentos não ultrapassam os 12 meses de vida. A longevidade de um a três anos foi indicada por 36% das participantes do estudo.

Um dos motivos pode ser a diferença no tratamento em relação aos homens, no acesso ao crédito, por exemplo. Conforme o Perfil das Mulheres Empreendedoras do Nordeste, 71,7% delas usam recursos próprios como capital para montar o negócio. Além disso, 47,49% utilizam cartão de crédito para possibilitar o desempenho da atividade.

O perfil indica que 26,22% das empreendedoras são pós-graduadas. Por outro lado, apenas 17% dos homens que empreendem têm ensino superior completo. Ainda assim, 65% dos empreendedores do sexo masculino conseguem faturar mais de três salários mínimos ao mês. Apenas 16% das mulheres alcançam esse patamar. Apesar das disparidades, 49,33% das entrevistadas não entendem que foi

mais difícil abrir o negócio por ser mulher.

A fundadora da Be.Labs, Marcela Fujii, afirma que há um processo tardio de consciência sobre a desigualdade de gênero. "Essas mulheres relatam num primeiro momento que não são afetadas pela falta de oportunidades e de incentivos, porque ainda estão em um processo muito particular de entendimento do seu papel na sociedade e do machismo estrutural em que estamos inseridos. Só depois que entram em contato direto com o mercado e com as dinâmicas de trabalho, que são tão distintas entre homens e mulheres, é que a ficha cai".

■ Perfil indica que 26,22% das donas do próprio negócio têm ensino superior e, mesmo assim, faturam menos que os homens

Economia em Desenvolvimento

João Bosco Ferraz de Oliveira
joaoboscoferraz@gmail.com | Colaborador

O Farol de Desenvolvimento da Paraíba

Atendendo a um convite especial, eu fui prestigiar a palestra do engenheiro civil Sílvio Barros, ex-prefeito de Maringá (2004-2008) na sede do Siduscon. Para muitos, Sílvio Barros foi considerado um inovador e responsável pela implantação das melhores práticas em gestão pública, além de ter contribuído para um salto no desenvolvimento e na melhoria dos indicadores econômicos e sociais, especialmente o índice de IDH daquela cidade, que até hoje está próximo da nota máxima.

Nesse período, estimulou a criação do Observatório Social de Maringá, uma entidade inédita no Brasil até então, por meio da qual a sociedade acompanhava e fiscalizava todas as ações municipais (licitações, contratos etc.) e, também, a entrega dos produtos e serviços adquiridos pela gestão municipal. Gestor premiado em diversas categorias, obteve o 1º Lugar em Melhor Gestão Fiscal no Paraná e a 8ª colocação como Melhor Gestão Fiscal do Brasil.

Hoje sua agenda é lotada e vive sendo convidado e rodando o Brasil levando a sua experiência e os "cases de sucesso" que ajudou a construir para todos os segmentos, público e privado, que tenham interesse no tema e que acreditam que quando um governo exerce bem o seu papel e envolve todos a comunidade interessada, a probabilidade de sucesso para a região é a maior possível.

Pois bem, ele veio para cá a convite do comitê do Farol de Desenvolvimento da Paraíba e pelo Sinduscon. Aceitou o desafio de debater a agenda (Agenda de Desenvolvimento da Paraíba) elaborada pelo Farol e, de forma competente, fez um paralelo entre cada "pilares do desenvolvimento" contido nela com suas situações vividas como gestor experiente ou com os exemplos de sucesso que teve conhecimento ou verificou de perto em diversos países.

Lembrando que o Farol nasceu de uma iniciativa de importantes lideranças do nosso estado, oriundas do sistema produtivo privado, da academia, da sociedade civil organizada e conselhos de classe, que movidos por um sentimento colaborativo, formaram uma aliança desenvolvimentista. Essas lideranças para se reunirem e formarem esse grupo, em torno de 37, passaram por premissas de objetivos e interesses comuns, entre elas: serem apaixonados pela Paraíba, comprometidos, agregadores, líderes influentes, empresários pertencentes aos setores produtivos, profissionais com expertises em áreas técnicas e científicas, representantes de importantes conselhos profissionais e possuidores de uma boa rede de relacionamentos. Presente ao evento que mencionei, pude constatar, pelos membros presentes e convidados, que essas premissas foram levadas muito a sério.

Pois bem, a palestra do engenheiro Sílvio Barros foi muito bem prestigiada e em contrapartida, muito bem apresentada por pelo ex-prefeito, sem pieguismo ou autopromoção, até porque, como muito bem frisado por ele, a gestão da cidade de Maringá vem sendo um sucesso por haver uma forte atuação da sociedade, através de comitês, o que torna mais eficaz promover o desenvolvimento territorial. E pelas suas palavras, os 10 pilares escolhidos pelo Farol tem sintonia com o que há de melhor para ajudar uma gestão municipal ou estadual, no nosso caso, ajudar no desenvolvimento da Paraíba.

Os pilares que estamos falando são: 1) Melhoria do ambiente de negócios; 2) Ciência, tecnologia e inovação; 3) Cidades sustentáveis e inteligentes; 4) Educação empreendedora e profissionalizante; 5) Infraestrutura e logística; 6) Energias renováveis; 7) Marketing institucional; 8) Eficiência na Gestão Pública; 9) Mercado Imobiliário e 10) Funding (formação de fundos, através da captação de recursos para investimento). Cada pilar possui suas ações, conforme sugestões colhidas junto aos líderes e convidados.

Perguntado se a Agenda do Farol estava no caminho certo, eis que ele declara, conforme podcast publicado no portal da CBN do Paraná: "Olha, eu confesso que fiquei impressionado com o nível de maturidade social e vejo que a partir de agora, dá para colocar o Farol de Desenvolvimento como um dos cases de sucesso a ser compartilhado com outros movimentos de abrangência estadual que estejam se formando aí pelo Brasil, pra fazer com que o "país do futuro" comece a ser uma realidade para a nossa geração e para a próxima".

A sociedade paraibana precisa conhecer mais sobre o Farol e o que vem sendo construído por ela, de forma apartidária, mas ouvindo todos que amam a nossa terra. Oportunamente vamos trazer detalhes de cada um desses pilares.

ANTARES COMUNICAÇÃO

Criatividade como marca registrada

Agência de publicidade é a mais antiga de João Pessoa e se mantém atenta às novas demandas do mercado

Thadeu Rodrigues
thadeu.rodrigues@gmail.com

A Antares Comunicação iniciou sua jornada para dar visibilidade às marcas paraibanas há 35 anos. Naquela época, a empresa prestava apenas serviços de publicidade e propaganda. Com o passar do tempo e as mudanças no mercado, a agência agregou novas soluções e tecnologia aos clientes. Hoje, a empresa já tem sede no metaverso e possibilita a mesma oportunidade às empresas.

A agência foi fundada em 12 de fevereiro de 1988 por Expedito de Carvalho Junior (conhecido por Junior Guerreiro) e seu cunhado Arnaldo Maia. A sede era dentro da extinta empresa Lojas Maia, que foi a primeira cliente da dupla. Por não se identificar com o negócio, Arnaldo passou sua parte para a filha, Angélica Maia.

A partir deste momento, Junior Guerreiro entendeu que a empresa precisava de mais sócios e convidou seu antigo colega de faculdade, Sérgio Rique, com quem já havia trabalhado e apreciava seu forte perfil criativo. Outra convidada foi Maristela Viana, que passou pouco tempo na agência. Augusto Correia Lima entra para o time



Junior Guerreiro mostra, orgulhoso, algumas das premiações recebidas pela Antares, ao longo dos 35 anos de atuação no mercado publicitário paraibano

e compra a parte de Angélica. Estava formada a equipe que proporcionaria avanços e mudanças na comunicação paraibana: Augusto atendia os clientes, Junior cuidava da produção das campanhas e do setor administrativo e financeiro, e Sérgio era o pilar criativo.

Junior Guerreiro ganhou a alcunha em homenagem a seu pai, que era conhecido por “guerreiro”, por utilizar o adjetivo ao falar com as pessoas. “Perdi meu pai muito novo. Ele era jornalista e um cara criativo e brincalhão, que acreditava muito na comunicação. Imagino que ele ficaria

muito feliz com a criação da agência”.

Para o sócio-fundador da Antares, a agência foi aberta na época de ouro da publicidade, com os avanços de tecnologia e transmissão de sinal da televisão. A equipe produzia bem as campanhas para o rádio e os veículos impres-

so, mas havia dificuldades na produção de peças para a TV.

“No intervalo comercial, nós competíamos com trabalhos realizados no Sudeste, de alcance nacional, premiados, e que vendiam produtos de grandes marcas de calçados, esponja de aço, cigarro e bebidas”, comenta Junior Guerreiro.

Ele relata que, em razão das dificuldades de produção, foi também diretor de comerciais por muitos anos, chegando a ser premiado, inclusive. A Antares recebeu incontáveis premiações, o que gera o sentimento de reconhecimento entre os sócios e a equipe de produção.

Humildade, curiosidade, empatia e adaptação são os pilares

Junior Guerreiro acredita que a Antares é a agência mais antiga em funcionamento, em João Pessoa. “Que eu me recorde, não há mais ninguém da nossa época. Espero não ter esquecido de ninguém”, pontua o empresário. Para ele, a longevidade da Antares pode ser explicada por meio de quatro pilares: humildade, curiosidade, empatia e capacidade de adaptação.

Ele destaca que, apesar da vasta experiência, é preciso compreender que ninguém sabe tudo, sendo necessário

aprender coisas novas, sobretudo, no cenário mutável da comunicação. O fundador da agência afirma que o lançamento da Antares no metaverso ocorreu justamente por causa da curiosidade em entender e utilizar as novas tecnologias.

No mesmo viés, ele comenta que a capacidade de entender a necessidade de contínuo estudo e capacitação demonstra o potencial de adaptação frente às mudanças do mercado e às necessidades dos clientes.

Por fim, ele destaca a em-

patia. “Lidar com pessoas é a atribuição principal para atuar nesse mercado. Devemos ser capazes de nos posicionar junto aos colaboradores, clientes e público dos clientes. Se colocar na posição do outro para buscar enxergar como ele sente e vivencia, é essencial. A adaptabilidade aliada às demais premissas foi o que construiu esta empresa. O resto é execução. Às vezes, ocorrem muitos fracassos, antes do sucesso”.

Capacitação

Durante sua jornada

como diretor de comerciais, Junior Guerreiro fez dois cursos de direção com dois grandes nomes nacionais da área: Gabriel Garcia e João Daniel Tikhomiroff. Ele recorda campanhas que caíram no gosto do público, como do antigo supermercado Superbox e da loja Atacadão dos Importados. “Havia um trecho em que um dos personagens dizia: ‘É no Atacadão, sua anta’”. Apesar da experiência, ele ainda segue estudando: está concluindo sua segunda pós-graduação. O curso é sobre *digital manager*.

Sucesso é atribuído à equipe e ao público

Conforme o empresário, o desempenho da equipe foi e ainda é essencial para o desenvolvimento da empresa. O funcionário mais antigo é Rubens Souza, que ingressou na Antares por acaso. “Eu fui até o Jornal A União em busca de uma pessoa para trabalhar nas artes, mas ela não quis e indicou Rubens, que está conosco há mais de 20 anos”.

A agência foi a primeira a ter um diretor de fotografia nas campanhas de vídeo, função inicialmente ocupada por Caco Gomes. Ele substituiu Junior Guerreiro na direção. “Eu já não estava mais com o mesmo gás e migrei para o atendimento e planejamento. Sou muito grato aos colaboradores que passaram por aqui e fizeram um excelente trabalho”, comenta o fundador.

Um dos antigos funcionários, Wilmar Bandeira, chegou a ser sócio da Antares, na expansão da empresa para realizar negócios em Maceió (Ala-

goas). A sobrinha dele, Andréa Santiago, começou como estagiária e, anos depois, comprou a parte do tio e de Augusto Correia Lima, que ainda é sócio, mas não atua mais na administração da empresa. Com o falecimento de Sérgio Rique, a esposa dele, Verônica Lisboa tornou-se sócia.

Novas tecnologias

Quando João Pessoa ganhou o primeiro provedor de acesso à *internet*, meses depois a Antares publicou um anúncio de página inteira para divulgar que a empresa estava conectada. “Sérgio Rique teve a brilhante ideia de usar uma foto de um computador com a mensagem de que aquela era nossa nova caixa postal”, conta Junior Guerreiro. A provedora também foi cliente da Antares.

O empresário sempre foi um entusiasta da tecnologia, querendo compreender o aproveitamento das novas ferramentas no mercado. Ainda

em 2010, utilizou um QR Code em uma campanha, quando a plataforma ainda era uma novidade. O objetivo da empresa é alcançar o público-alvo a partir do meio e da mensagem.

Ele valoriza as mídias tradicionais e destaca uma palestra que proferiu quando mostrou o anúncio de uma empresa de transporte por aplicativo de celular publicado em duas páginas de jornal impresso. “Outro exemplo de força das mídias antigas é o das campanhas de um bar da cidade que utiliza *outdoors* bem localizados para anunciar seus produtos com preços e regras de utilização. É preciso compreender onde o público está e como precisa ser impactado”, explica.

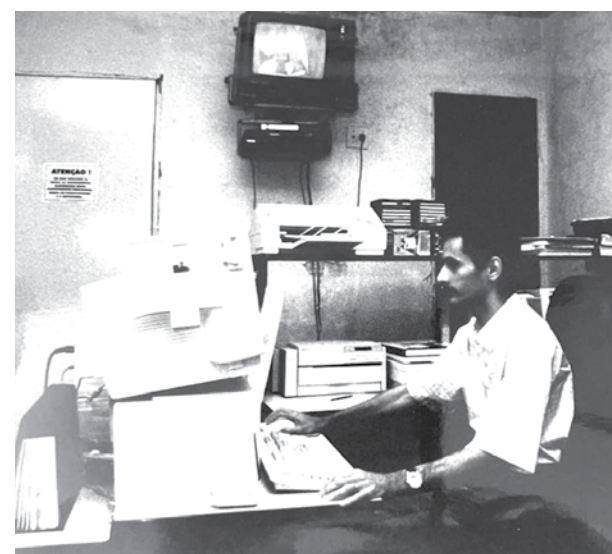
Uma das maiores demandas da empresa é a gestão de conteúdo, utilizando, entre outras plataformas, as redes sociais. A Antares constrói a autoridade das empresas no assunto de sua atividade a partir dos conteúdos produzidos.

Junior Guerreiro defende o uso da automação para a empresa cliente ter contato com seus potenciais consumidores e realizar negócios. “A comunicação é um investimento obrigatório para evoluir”.

Real e virtual

O aniversário de 35 anos foi comemorado com o lançamento da Antares no metaverso, em 14 de março deste ano, com um evento que integra o mundo real e o virtual. No metaverso, a empresa fica numa ilha sobre um domo de vidro. A estrutura é composta por um escritório, uma arena de treinamento – batizada Arena Sérgio Rique – e um ambiente para *shows* – nomeada de Marcelo Piacó Hall.

Na inauguração, houve palestras e *show* presencial e virtual, com os avatares todos assistindo. “A minha ideia é compreender o futuro para posicionar as marcas que defendo nesses novos cenários”.



Durante as décadas em atividade, a Antares acumulou reconhecimento do público e compartilhou experiências

MÃE E CIÊNCIA

Desafios da carreira na maternidade

Na Paraíba, a proporção de mulheres em atividade de pesquisa em universidades ultrapassa em 19% a dos homens

Márcia Dementshuk
SECTIES

“Eu não desisto da minha filha”, assegura a mãe, professora de Informática, pesquisadora na área de Inteligência Artificial, chefe do Departamento de Informática da Universidade Federal da Paraíba, Daniela Coelho Batista Guedes Pereira. Ela se refere à terceira filha, nascida com Down. No mesmo departamento trabalha Natasha Correia Queiroz Lino, mãe de duas filhas pequenas e professora permanente no Programa de Pós-Graduação em Informática. Tanto Daniela quanto Natasha sofrem os impactos da maternidade na carreira acadêmica.

Natasha comemora a inclusão, em março deste ano, de informações relativas à maternidade na Plataforma Sucupira, uma ferramenta nacional para avaliação dos cursos de pós-graduação. Mas a luta para se ter condições iguais para a produção científica entre homens e mulheres não para por aí.

A Plataforma Sucupira integra o sistema de avaliação da Capes, a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, “uma fundação vinculada ao Ministério da Educação que atua na expansão e consolidação da pós-graduação”. “Mas não sabemos ainda se haverá ou como serão as determina-

■ O que se busca é que a Capes dê uma orientação geral para todos os programas

ções da Capes em favor das mães. O que se busca é que a Capes dê uma orientação geral para todos os programas”, informa Natasha Correia. “Cada uma das 45 áreas do conhecimento em que atua a Capes tem seus critérios de avaliação, mas há uma filosofia comum a todas”: a produção científica – publicações de artigos em revistas científicas de maior impacto, de forma que as referências (citações) são empregadas entre a comunidade científica; formação de mestres e doutores – aquisição de experiência para atuar na pesquisa; a qualidade da formação dos alunos; e o impacto social do programa. Esses e outros itens têm pesos diferentes com notas que vão de zero a 10.

Programas de pós-graduação nos quais os profes-



Daniela Pereira é pesquisadora na área de Inteligência Artificial



Natasha Correia atua na Pós-Graduação em Informática

sores produzem pouco não obtêm boa nota final de avaliação, que vai de um a sete. Esta nota é um dos indicadores para a abertura de programas de pós-graduação com mestrados, doutorados e pós-doutorados. É nesse contexto que as mães com filhos pequenos, sejam adotados ou naturais, vivenciam as dificuldades que levam à frustrações e provocam até o abandono da carreira acadêmica.

Um estudo científico abordando esse tema apresentado pelo grupo Parents in Science foram entrevistados dois mil pesquisadores brasileiros. Os resultados mostram que a grande maioria das entrevistadas, 81%, relatou que a maternidade teve um impacto de forma negativa em suas carreiras científicas. Sete por cento disseram que impactou de forma posi-

“Cada uma das 45 áreas do conhecimento em que atua a Capes tem seus critérios de avaliação

Natasha Correia

tiva. Em outro artigo publicada na Nature, os pesquisadores e pesquisadoras afirmam que “o viés de gênero é predominante na ciência, especialmente nas áreas de Ciência, Tecnologia, Engenharia e Matemática, onde a presença

das mulheres diminui acentuadamente durante a carreira acadêmica”. Esse fenômeno é conhecido como “efeito tesoura” ou “canal furado” e muitos estudos mostraram que a maioria das mulheres deixa a academia após a pós-graduação em nível de pós-doutorado. Os motivos são diversos, mas a maioria relacionados com a maternidade, preconceitos contra as mulheres, ou avaliações injustas.

Na Paraíba, a proporção de mulheres em atividade de pesquisa em universidades ultrapassa em 19% a dos homens, desde a iniciação científica até o pós-doutorado, tomando como base os dados provenientes da Fundação de Apoio à Pesquisa da Paraíba (Fapesq-PB). Em 2022 foram concedidas um total de 811 bolsas de fomento à pesquisa, 477 (58,9%) desses subsídios são usados por

mulheres e 334 (41,1%) por homens. Os números na Paraíba acompanham os dados do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, a agência nacional de fomento à pesquisa, o CNPq: “No Diretório dos Grupos de Pesquisa do CNPq, 50% do total de pesquisadores cadastrados são mulheres. Nos últimos 15 anos o percentual de mulheres aumentou sete pontos percentuais”.

Em 2021, o CNPq inseriu na Plataforma Lattes, onde os pesquisadores informam dados de currículo, a inclusão do registro dos períodos de licença-maternidade.

Contudo, sem políticas de atenção claras e amplamente aplicadas, a permanência das mulheres na pesquisa estará ameaçada no período em que passam pela maternidade.

Pesquisadoras sugerem que instituições reavaliem políticas

Quando Daniela Coelho estava grávida do segundo filho, em 2006, recebeu a notícia de que foi aprovada no concurso público para professora na Universidade Federal da Paraíba. Quando a nomeação foi publicada, o bebê havia nascido há 15 dias. “Com um mês de vida ele participou de uma reunião na reitoria, com auxílio da minha funcionária. Mas quando eu comecei a dar aulas e ele chegou aos quatro meses, ficava em casa e não quis mais mamar no peito”, contou a professora.

Esse é um relato dentre milhares de experiências vividas por mulheres pesquisadoras no mundo inteiro. Naturalmente, quando os filhos nas-

cem as atenções das mães se voltam para o bem-estar do pequeno, amamentando, ou atendendo alguma enfermidade, muitas vezes à noite, ou mesmo as necessidades simples para um crescimento saudável. O tempo para escrever artigos ou se dedicar à carreira profissional diminui.

Atenta à implementação de políticas que reconheçam o impacto na carreira acadêmica causado pela maternidade, Natasha Correia argumenta que poucas universidades federais no Brasil promovem políticas para mulheres. Enquanto uma resolução nacional não é formulada, há alguns exemplos pontuais, como da Universidade Federal de Pernambuco, que

Estímulo

O comitê adota na avaliação medidas de estímulo compensatórias para docentes e discentes que usufruam de licença maternidade

aplica um fator de correção para as pesquisadoras que tiveram filhos nos últimos cinco anos.

Outro exemplo é a Avaliação de Área da Sociologia pelo comitê de avaliação da Capes. Neste, foram considerados procedimentos que reconhecem os efeitos de condições desiguais para a produção científica entre homens e mulheres mães. O comitê adota na avaliação medidas de estímulo compensatórias para docentes e discentes que usufruam de licença maternidade ao longo do quadriênio (referente ao período de avaliação). “Docentes permanentes que usufruírem de licença maternidade, em qualquer um dos anos do quadriênio, não serão contabilizadas

nos denominadores para cálculo da produção intelectual”.

Na Universidade Federal da Paraíba, o Colegiado do Programa de Pós-Graduação em Ciência Política e Relações Internacionais resolveu que “professoras gestantes terão reduzidas os encargos/pontuação em 50% no quadriênio do nascimento ou no quadriênio subsequente”.

Natasha Correia ressalta que ao considerar apenas essa determinação já se favorece uma convivência melhor no departamento da universidade, pois os colegas não veem mais a mulher mãe como um peso, responsável por baixar a avaliação do curso. “O problema é que cada comitê faz as suas regras. Na área de computação não temos nada a

esse respeito. Por isso, uma política nacional é tão necessária”, salienta a professora.

No comando do Departamento de Informática da UFPB, Daniela Coelho se deparou com vários estudantes que não concluíram a graduação faltando muito pouco para o término da jornada. Algumas mulheres entre eles. Sem demora, a professora procurou pelos alunos transmitindo-lhes o estímulo que ela mesma desenvolveu anteriormente, com maior potencial depois do nascimento da filha com síndrome de Down, que hoje está com 14 anos: “Não desistir. Seguir em frente. Um dia depois do outro, olhando para onde se quer chegar, visando alcançar o objetivo”.

Como apoiar as mães na ciência

Em um guia publicado pelo grupo Parents in Science há sugestões sobre como instituições podem apoiar as mães na ciência:

- Adoção de critérios que considerem a maternidade em todos os processos que envolvam avaliação de currículo.
- Ampliação do intervalo de avaliação dos currículos em, pelo menos, dois anos por filho nascido ou adotado no período avaliado; adoção de fatores de correção na pontuação obtida na análise do currículo.
- Oferecimento de recursos de infraestrutura e financeiros para garantir a permanência e progressão das mães na carreira.
- Garantia de oportunidades para a progressão das mães na carreira.
- Promoção de uma cultura de trabalho mais flexível e inclusiva, que valorize o equilíbrio entre vida profissional e pessoal.
- Conscientização sobre a necessidade da criação de um ambiente inclusivo e acolhedor para mães.
- Destacar o papel das cientistas mães na academia e na ciência.

SERVIÇO NOTARIAL E REGISTRAL DA COMARCA DE CABEDELO/PB
EDITAL DE INTIMAÇÃO 001
(NEGÓCIO FIDUCIÁRIO)

O Oficial Interino do Cartório de Registro de Imóveis da Comarca de Cabedelo/PB, nos termos do art. 26 da Lei nº 9.514/97, INTIMA RONALDO LIMA DA SILVA, inscrito no CPF nº 116.264.398-69, a comparecer a este Cartório, situado na Rua Aderbal Piragibe, 05, Centro, Cabedelo/PB, entre as 08:00 e 15:00h horas, de segunda a sexta, no prazo improrrogável de 15 (quinze) dias corridos, a contar da publicação deste edital, para PAGAMENTO (purga da mora) dos valores devidos em atraso, bem como os que vencerem até a data do pagamento, acrescidos das despesas legais, relativas a operação de alienação fiduciária firmada com a CAIXA ECONÔMICA FEDERAL, registrada na matrícula 29.218, que tem por objeto o imóvel situado a Rua Golfo de Lubeck, nº 45, Apartamento nº 303, Edifício “Residencial Solar Costa Azul”, Praia Ponta de Campina, Cabedelo - PB, sob pena de vencimento antecipado de toda a dívida, consolidação da propriedade do imóvel em seu favor do(a) credor(a) e imediata execução da dívida através de leilão extrajudicial do imóvel. Dado e passado nesta cidade de Cabedelo/PB, em 11/05/2023. ROBSON ROGÉRIO ALEXANDRE MARTINS. Oficial Interino.

SERVIÇO NOTARIAL E REGISTRAL DA COMARCA DE CABEDELO/PB
EDITAL DE INTIMAÇÃO 001
(NEGÓCIO FIDUCIÁRIO)

O Oficial Interino do Cartório de Registro de Imóveis da Comarca de Cabedelo/PB, nos termos do art. 26 da Lei nº 9.514/97, INTIMA REULYSSON DE LIMA GOMES, inscrito no CPF nº 106.434.134-99, a comparecer a este Cartório, situado na Rua Aderbal Piragibe, 05, Centro, Cabedelo/PB, entre as 08:00 e 15:00h horas, de segunda a sexta, no prazo improrrogável de 15 (quinze) dias corridos, a contar da publicação deste edital, para PAGAMENTO (purga da mora) dos valores devidos em atraso, bem como os que vencerem até a data do pagamento, acrescidos das despesas legais, relativas a operação de alienação fiduciária firmada com a CAIXA ECONÔMICA FEDERAL, registrada na matrícula 14.129, que tem por objeto o imóvel situado a Rua Victor Vital, nº 138, Apartamento nº 202, Edifício “Praia Mar”, Praia do Poço, Cabedelo - PB, sob pena de vencimento antecipado de toda a dívida, consolidação da propriedade do imóvel em seu favor do(a) credor(a) e imediata execução da dívida através de leilão extrajudicial do imóvel. Dado e passado nesta cidade de Cabedelo/PB, em 11/05/2023. ROBSON ROGÉRIO ALEXANDRE MARTINS. Oficial Interino.



Foto: Sudema/Divulgação



Foto: Sudema/Divulgação

Sudema desenvolve diversas atividades com crianças sobre a preservação do meio ambiente. Ações objetivam gerar informação e transformar estudantes em multiplicadores de conhecimento.

NA INFÂNCIA

Educação ambiental e consciente

Foco na sensibilização dos pequenos na fase escolar tem como objetivo desenvolver adultos aliados à natureza

Alexsandra Tavares
lekajp@hotmail.com

Aquecimento global, poluição, desperdício de recursos naturais, expansão da desertificação e aumento do número de animais em extinção. Esses são alguns desafios que, inevitavelmente, as gerações futuras vão herdar, e para que haja esperança de que os próximos adultos cuidarão melhor do planeta é preciso aprenderem, desde cedo, a respeitar a natureza. A consciência da importância de pautar a vida dentro de conceitos sustentáveis vem por meio da educação ambiental, um tema pregado por organismos nacionais e internacionais e que já está presente em muitos lares, escolas e projetos de instituições públicas e privadas.

Na Paraíba, a transmissão de informações ecológicas corretas às crianças pode ser vista, por exemplo, nas ações desenvolvidas na Coordenadoria de Educação Ambiental (Ceda) da Superintendência de Administração do Meio Ambiente (Sudema). No Ceda há ações voltadas ao público de todas as idades, com abordagens variadas que vão desde a educação para o gerenciamento de resíduos sólidos até a inclusão. A coordenadoria também realiza oficinas de aprendizagem, campanhas sobre temas ecológicos e distribui materiais educativos.

Com relação à atividade destinada, especificamente, às crianças, a coordenadora da Educação Ambiental da Sudema, Taciana Wanderley Cirilo, citou as "Férias Ecológicas", que ocorre no mês de julho. O projeto, totalmente gratuito, promove ações teóricas e práticas com discussões de vários assuntos voltados ao meio ambiente. Ainda realiza oficina de reaproveitamento de garrafa pet, narração de histórias, exibição de filmes educativos, teatro de fantoche, incentiva a prática de pinturas e desenhos temáticos, entre outras atividades. A programação e período de inscrição, assim como a faixa etária das crianças, são divulgados nas redes sociais e no site da Sudema: Instagram

- @sudemagovpb; e o site sudema.pb.gov.br/.

Segundo Taciana Cirilo, a educação ambiental é imprescindível para a sobrevivência dos moradores do planeta. "Sabemos que o futuro do nosso planeta Terra depende das gerações futuras. Dessa forma, é de extrema importância que nossas crianças aprendam como respeitar os ciclos da natureza, a zelar todas as outras formas de vida, utilizar, com sabedoria, os recursos naturais e reconhecer, acima de tudo, que não somos um grupo acima do meio ambiente, mas sim parte dele", frisou.

Ela declarou que as crianças são "excelentes agentes multiplicadores", repassando tudo aquilo que aprendem ao longo das suas experiências. "Dessa maneira, a partir delas, semeamos muitos outros solos."

As ações trabalhadas com crianças, de acordo com Taciana, são organizadas com cuidado para garantir a efetividade no processo de aprendizagem. Os temas são abordados de forma lúdica, divertida e com muita demonstração prática.

Outro exemplo de projeto que engloba o público infantil é a "Oficina de Sabão Ecológico", que busca disseminar conhecimentos sobre a problemática da má disposição do óleo residual de cozinha no meio ambiente. Durante a oficina, é mostrada uma forma de reutilização do óleo residual a partir da fabricação de sabão ecológico, expondo a receita e o método de produção, e ainda fazendo a entrega do produto fabricado para os participantes.

"As crianças saem não somente com um sabão ecológico em mãos, mas compreendendo a origem do problema, as consequências do descarte incorreto do óleo, como as outras formas de vida - inclusive a nossa - são impactadas. Aprendem ainda, como a ciência nos ajuda a mitigar esses impactos e como é possível todos nós fazermos ciência. *Folders* e cartilhas informativas também são entregues para assegurar a transmissão das informações", enfatizou Taciana.

Crianças no protagonismo da preservação

A saúde dos oceanos é outro grande desafio dos habitantes do planeta, uma vez que o ecossistema marinho está sendo transformado em um verdadeiro depósito de lixo em vários cantos do mundo. Dados da Organização das Nações Unidas (ONU) mostram que 14 milhões de toneladas de resíduos plásticos entram no ecossistema aquático todo ano, sem falar dos demais tipos de materiais que também são despejados nos mares. Uma das iniciativas que busca conscientizar as pessoas sobre a importância de se preservar o litoral é a "Guardiões do Mar".

Trata-se de um projeto de extensão da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), vinculado ao Departamento de Química, um dos cursos do Centro de Ciências Exatas e da Natureza (CCEN). Segundo a coordenadora do projeto, Cláudia Cunha, professora do Departamento de Química, o "Guardiões do Mar" surgiu na perspectiva de tornar a criança uma



Foto: Colégio Iso/Divulgação

Projeto "Guardiões do mar" busca conscientizar crianças

agente de seu aprendizado e não alguém simplesmente passivo da educação. "Para isso, são levadas em consideração suas necessidades, limitações e ritmo para pleno funcionamento do processo ensino-aprendizagem", contou.

Criado em 2019, o projeto atende demandas de escolas que queiram a visita da equipe. A forma de agendamento é por meio do Instagram do projeto: @guardioesdomar-pb. Durante as abordagens com as crianças, são realizadas oficinas de cunho educacional e criativo para sensibilização ambiental do público infantil. Uma das visitas realizadas neste mês de maio foi

no Colégio Iso, no Bessa.

Cláudia Cunha contou que as ferramentas pedagógicas adotadas na atividade buscam, por meio da ludicidade, atingir o protagonismo das crianças para o problema do lixo no mar. As abordagens podem ocorrer dentro da própria escola ou em locais externos, como aula de campo. "A proposta do projeto é promover ações periódicas nas praias de João Pessoa e regiões metropolitanas, resgatando o verdadeiro papel do guardião e da guardiã do mar", enfatizou a professora Cláudia.

Durante as visitas, a equipe faz apresentação da coleção didático-científica de lixo

marinho com o resíduo retirado da praia; identificação do detrito estrangeiro e observação da rota do lixo, com o auxílio do globo terrestre; utiliza a caixa da memória que demonstra a decomposição do plástico ao longo do tempo; o jogo da memória com o reconhecimento dos animais marinhos; o jogo "Lixo no lixo", que aborda a importância do descarte correto do resíduo sólido; e realiza a pescaria com abordagem do impacto do plástico em ambientes marinhos.

De acordo com a coordenadora do projeto, a ação se enquadra como ferramenta didático-pedagógica voltada à ciência do mar, que visa estimular "o brincar" como forma de estímulo de habilidades que serão úteis na vida adulta. "É importante investir na primeira infância com a cultura oceânica através da prevenção e intervenção precoce para evitarmos problemas futuros, formando cidadãos saudáveis capazes de tomar decisões adequadas para nossa sociedade" afirmou Cláudia Cunha.

Famílias cultivam hábitos sustentáveis

A educação ambiental também está presente em alguns lares paraibanos. Um deles é o da cientista social e professora do Instituto Federal da Paraíba (IFPB), Gekbede Dantas Targino, moradora do bairro de Tambauzinho. Na própria rotina doméstica, ela consegue inserir ações ecologicamente corretas como priorizar a compra de itens que tenham embalagens recicláveis ou de produtos que adotem projetos ambientais.

Os valores da sustentabilidade também são compartilhados com a filha Isadora Dantas Targino, de nove anos. "Mostro para ela a importância da reciclagem e tentamos separar o lixo orgânico do sólido em casa. Ela também aprendeu sobre o



Fotos: Arquivo pessoal



Partilha

A cientista social Gekbede Dantas busca ensinar consciência ambiental à filha Isadora, desenvolvendo na criança hábitos de preservação do meio ambiente

uso consciente dos resíduos sólidos e foi acostumada a sempre carregar uma garrafa de água na bolsa para não precisar usar copos descartáveis quando sair de casa", contou Gekbede.

A consciência ambiental foi transmitida à menina desde quando ela tinha três anos de vida, pois Gekbede

acredita que o comportamento das pessoas é construído por hábitos. "Aprender desde cedo é uma forma de conscientizar e gerar uma educação socioambiental", ressaltou.

Ela contou que a filha também começou a se interessar por práticas sustentáveis por incentivo de outros integrantes da família. Quando era menor, a menina prestou atenção a um costume de uma tia, que juntava garrafas para vender. Hoje em dia, a educação ambiental espelhada no exemplo da família, e incentivada na escola, já rende bom frutos. Quando vai a uma festa de algum parente, Isadora não esquece de recolher as garrafas pets para reciclar e tentar doar.

Laura Luna
lauraluna@epc.pb.gov.br

ESPORTE E MATERNIDADE

Desafios de quem não abre mão dos sonhos

Ser mãe e praticar esporte, ao mesmo tempo, é uma tarefa árdua na vida das atletas, que precisam mudar a sua rotina



Cinthya Piquet (D) precisou dar uma pausa na carreira quando nasceu Carol, mas hoje as duas seguem gostando do mesmo esporte e conquistando títulos

Foto: Arquivo pessoal

Ser atleta no Brasil não é fácil. Disputar as principais competições e conquistar medalhas e títulos requer esforço e dedicação que passam, entre outras questões, por dificuldades e escolhas. Rotina que envolve, treinos, viagens, mais treinos e mais viagens. O aeroporto, para atletas de alto rendimento, acaba se tornando uma extensão de casa e as competições, compromissos praticamente semanais. Para as atletas essa rotina pode ser ainda mais desafiadora, principalmente quando essas mulheres encaram a missão de ser mãe. Nesta hora questões como pausa na carreira ou distância dos filhos podem pesar mais que qualquer medalha dourada. Fácil não é, mas elas têm conseguido unir sonhos e vontades.

No futebol, a mais experiente jogadora do Botafogo em atividade, Janicleide Silva dos Santos, 39, só parou quando engravidou aos 17. A atleta, que joga desde os 11 anos e reúne seis títulos pela equipe paraibana, teve contato com o futebol ainda na escola. Com o esporte mais popular do país foi amor ao primeiro treino. Dedicação total, muito foco em campo e uma carreira que começava a ser desenhada. “Foi um choque engravidar no início de um sonho. Naquele momento, o meu mundo caiu”. Mas não foi só a frustração de ter que parar, disse, um misto de sentimentos tomou conta da atleta. “Ao mesmo tempo eu estava muito feliz por ser mãe, estar gerando um filho, vendo aquela barriga crescer, aquela bolinha”.

Susto, alegria e uma certeza. Quando descobriu que seria menino, Jane Santos, como é chamada, não teve dúvidas. “Vai jogar futebol também, claro”. Mas nem foi o que aconteceu, lembra aos risos. “Nunca nem sentou pra assistir um jogo, acredita? Nunca quis saber de bola. Adora velocidade, carro, moto... mas nunca se interessou por bola”. Jane passou seis anos longe dos gramados. “Não tinha com quem deixar ele nesses primeiros anos, mas assim que pude, eu voltei”. Sem rede de apoio, era preciso levar o filho para os treinos. “Ele ficava ali sentadinho esperando, brincando com os carrinhos dele. Quando ele adoeceu eu precisava faltar e algumas vezes eu podia contar com minha mãe, só que mais nos treinos de sábado e domingo porque ela trabalhava durante a semana”.

Dificuldades que foram superadas e que hoje fazem parte das recordações da jogadora, que nunca desistiu. “Apesar das dificuldades que o esporte impõe para as mulheres que querem ser mãe, eu sempre busquei realizar os meus sonhos. Eu tinha o sonho de ser mãe e o de jogar futebol e eram compatíveis e eu tive que unir os dois”.

Quando a atleta de handebol de praia Cinthya Piquet, 39, teve a filha Carol Pires, 21, naturalmente precisou dar uma pausa na carreira que estava começando. “Engravidar aos 16 anos e já jogava handebol. Na verdade, desde criança, por volta dos sete anos, que eu sou atleta de handebol”. A gravidez a afastou das quadras, por cerca de um ano, a jogadora que viria



A jogadora Jane Santos, do Botafogo, indo às atividades no Centro de Treinamento Ivan Thomaz, com o filho

Foto: Arquivo pessoal

ser tricampeã mundial e melhor do mundo em 2009. Pouco tempo depois veio a separação, lembra, mas a carreira continuou acontecendo com Cinthya conquistando cada vez mais espaço no esporte.

A atleta conta que teve um suporte sem o qual não teria seguido nas quadras. “Meus pais foram meu pilar e minha estrutura, desde Carol pequenininha”. A participação dos pais na criação da pequena permitiu à atleta participar de competições por todo o Brasil e também fora dele. Ainda assim, foi preciso abrir mão de algumas coisas, mesmo com toda a estrutura

que permitiu à lateral direita, que joga na Seleção Brasileira de Handebol de Praia desde 2005, seguir carreira no esporte. “Recebi alguns convites para morar fora e neguei por causa dela, por não ter segurança de levá-la comigo e também não tive coragem de deixá-la”. A possibilidade de jogar fora do país não pôde ser aproveitada, mas Cinthya sabe que fez a escolha certa. “Não me arrependo de nada, de nenhuma escolha que fiz”. Inclusive mãe e filha partilham do mesmo amor pelo esporte e sonham juntas serem campeãs pela Seleção Brasileira.

Planejamento de um sonho

A jogadora de vôlei de praia Andressa Cavalcanti, casada há quatro meses com o também atleta da mesma modalidade, George Wanderley, está fazendo os planos para que o casal realize o sonho de ter filhos. Ao mesmo tempo que idealiza, Andressa avalia, calcula, alinha, porque sabe que a pausa será inevitável. “Minha ideia é fazer a corrida olímpica para 2028 e em conseguindo, ou não, parar para ter filho”. Isso mesmo, os planos são para os próximos cinco anos, quando a atleta - que ao lado de Vitória forma uma das mais bem-sucedidas duplas do vôlei de praia brasileiro - pretende engravidar. “Eu acredito que o mais desafiador seja a parte de voltar aos treinos, até pelo fato da estrutura do corpo, musculatura... a gente imagina que vai ser tudo perfeito mas podem acontecer problemas na gravidez e o que eu tenho mais receio é isso, esse retorno”.

Receio que perde força com os exemplos de outras atletas, que já tiveram filhos. Andressa lembra que já foi mais difícil para as jogadoras de vôlei de praia. É que elas tinham apenas um ano para gestar, ter filho e retornar às areias. “E se não conseguisse voltar em um ano começava a perder a pontuação que conquistou e isso era muito triste”, lembra. A entrevistada citou o emblemá-

caso de Maria Elisa, que questionou nas redes sociais o que chamou de “punição para as mães”.

“Escrevo este depoimento, não para me beneficiar de nada, mas para desabafar e quem sabe poder um dia mudar um regulamento que para mim não faz sentido algum. Qual a justificativa para esta retirada de pontos? Porque decidimos ser mães? O que há de errado nisso”, questionou Maria Elisa em postagem em uma rede social. A repercussão foi tanta que em setembro de 2021 a

Confederação Brasileira de Vôlei (CBV) aumentou o prazo de retorno para 18 meses.

A decisão, claro, animou Andressa que é referência no esporte e assim como nas areias vai dar o melhor quando tiver realizado o sonho da maternidade. “Sempre quis ser mãe, constituir uma família, ter um filho do nosso relacionamento, um fruto do nosso afeto e carinho. O maior desafio é passar todo o aprendizado, ensinar para que ele seja uma pessoa boa e com princípios, eu penso muito nesse lado do ser humano”.



Foto: Arquivo pessoal

Andressa e George, do vôlei, ansiosos por um filho

COPA DO NORDESTE 2023

Premiações recordes e arenas lotadas

CBF contabiliza também um maior engajamento do torcedor nas redes sociais e organização acima da média

A edição 2023 da Copa do Nordeste, vencida pelo Ceará, foi um sucesso em todos os sentidos. Estádios lotados, grandes clássicos e cotas e premiações recordes em todas as fases para os clubes e federações envolvidas. Comercialmente, a competição estabeleceu números incríveis. Dezesete patrocinadores estamparam suas marcas em campo e dezenas de ativações foram feitas para aproximar a competição do torcedor.

O sucesso não parou aí. O interesse do torcedor pela Copa do Nordeste registrou um aumento expressivo de engajamentos nas redes sociais, e audiência de ponta em algumas capitais. E para fechar com chave de ouro uma final entre Sport e Ceará com uma bela festa de encerramento, com direito a show do cantor João Gomes levantando o público na Ilha do Retiro.

Tudo sob a tutela direta da CBF, que assumiu a organização da competição, a mais badalada do primeiro semestre do calendário nacional. Além de reajustar os valores de todas as fases da Copa, a entidade pagou ao campeão premiação recorde – o Ceará recebeu mais de R\$ 6 milhões ao ganhar o título. No total, a competição distribuiu R\$ 42 milhões aos clubes e federações envolvidas.

“Dobramos a premiação neste ano. Oferecendo mais recursos financeiros, tornamos a competição mais atrativa para patrocinadores e torcedores. Ano que vem vamos fazer um campeonato com uma premiação ainda mais interessante para todos os envolvidos. A Copa do Nordeste será melhor ainda em 2024”, afirmou o presidente da CBF, Ednaldo Rodrigues.

O presidente da Federação Sergipana de Futebol, Milton Dantas, elogiou o trabalho da CBF na organização da competição.

“A Copa do Nordeste deste ano superou todas as expectativas. A começar pela receita assegurada pela CBF. O presidente Ednaldo é um grande defensor dessa competição, desde o tempo em que presidia a federação bahiana, e seu apoio incondicional foi fundamental para o sucesso da Copa. Foram vários pontos positivos – presença do público, equilíbrio técnico, receita para clubes e federações”, comentou o presidente da Federação Sergipana de Futebol, Milton Dantas.

Ele acrescentou que a festa na Ilha do Retiro, na partida final entre Sport e Ceará, mostrou a grandiosidade da competição. “Sempre acompanhei a Copa do Nordeste, foi a cerimônia de encerramento mais bonita da história da competição. Sem contar que a receita da Copa ajuda bastante no fortalecimento do futebol sergipano. Só temos a agradecer ao presidente Ednaldo, sempre atento ao futebol brasileiro como um todo, estendendo esse olhar às divisões de acesso, que fomentam o futebol nacional.”

Para o presidente da Federação Bahiana de Futebol, Ricardo Lima, a edição 2023 da Copa do Nordeste marca uma nova época da competição

“A CBF e o presidente Ednaldo Rodrigues estão de parabéns. A edição 2023 da maior competição regional do país foi um gol de placa da CBF, que retomou o protagonismo da organização do



Jogadores de Sport e Ceará totalmente concentrados em lance da partida que definiu o campeão da edição da Copa do Nordeste, promovida pela CBF



A torcida do Ceará dá um grande show nas arquibancadas nos jogos da Copa do Nordeste, principalmente na final contra o Sport, quando ganhou o título

campeonato neste ano. A Copa do Nordeste teve recorde de público, de arrecadação e engajamento. Foi uma entrega perfeita aos torcedores, um produto muito bem envolvido, totalmente fortalecido e valorizado.”

Ele destacou também o montante recebido pelo campeão da Copa, o Ceará, que conseguiu a conquista após dois jogos muito disputados contra o Sport. “Do ponto de vista econômico, o Ceará embolsou R\$ 6 milhões, um valor expressivo para uma competição regional, que reúne clubes tradicionais e se mostra a cada ano uma excelente preparação para o restante da temporada.”

Audiência

Para se ter uma ideia do alcance e apelo da Copa do Nordeste, as duas partidas finais entre Sport e Ceará tiveram audiência fora de série em Recife e Fortaleza, por exemplo. Na capital pernambucana, o SBT, que transmitiu

os dois jogos, venceu a Globo por 33,8 pontos contra 8,2 durante o confronto realizado na Ilha do Retiro. Em Fortaleza, na mesma noite, a goleada foi de 28,1 pontos contra 9,1.

“O maior ponto positivo desta edição da Copa do Nordeste foi ela ter retornado para a CBF. Um sucesso total. Ninguém mais explorando. Quem promove o futebol no país é a CBF. Parabéns ao presidente Ednaldo, mais uma bola dentro. A Copa do Nordeste conviveu muito bem com os Estaduais. Melhorou 200% com respeito às datas dos Estaduais”, afirmou o presidente da Federação Maranhense de Futebol, Antônio Américo.

Torcedores

Nas redes sociais, a Copa do Nordeste de 2023 também bombou. A página oficial da competição no Facebook teve um acréscimo de 189,20% de acessos. No Instagram, os números também falam alto,

com 1,7 milhão de internautas interagindo com as publicações oficiais. Nessa plataforma, a Copa obteve mais 74 mil novos seguidores.

“Foi muito positivo o ajuste no calendário que evitou que a Copa do Nordeste de 2023 entrasse nos Estaduais. Deu para coexistirem de forma saudável. Foi supersaudável, de um modo geral, um sucesso. São nove Estados com times de tradição, com suas diferenças, rivalidades. É uma supercompetição, que teve uma superfesta na decisão, digna de uma grande final”, disse o presidente da Federação Alagoana de Futebol, Felipe Feijó.

“A Brax tem enorme orgulho de ter sido eleita pela CBF como a parceira comercial da Copa do Nordeste. Neste primeiro ano de operação, a empresa pode assegurar que a competição superou todas as expectativas. Garantimos uma receita comercial sem precedentes para os clubes e o mercado

consagrou a chegada da Brax ao extraordinário mercado do Nordeste. Estamos ansiosos para a temporada 2024”, afirmou Bruno Rodrigues, um dos sócios da Brax.

Para o presidente do Ceará, João Paulo Silva, “a competição foi muito bem organizada”, o que, segundo ele, amplia o leque da Copa do Nordeste para o restante do País. “Não está interessando apenas quem é da região. Já caiu no gosto dos brasileiros. A Copa do Nordeste tem um glamour por envolver clubes de massa, como Ceará, Sport, Fortaleza, Bahia, Vitória e Santa Cruz e outros grandes do Nordeste”, declarou.

Ele ressaltou a festa da torcida cearense no Castelão, quando da primeira partida da final, com quase 60 mil pessoas no estádio, “um espetáculo”, e também enalteceu os torcedores do Sport no jogo seguinte na Ilha do Retiro. “Outro show”.

O goleiro Richard, destaque da conquista cearense, fez coro às palavras do presidente do clube. “Sensação única. A gente sabe da importância desse título. Não só os jogadores, mas a torcida também merece. Batemos na trave no Ceará e não podíamos deixar agora passar de novo. Quero agradecer a torcida que saiu lá da capital do Ceará para fazer essa linda festa (na Ilha do Retiro). Isso é importante demais. Estou feliz.”

Convidado especial à festa de encerramento da Copa do Nordeste, o cantor João Gomes, ovacionado pelo público na Ilha do Retiro, deixou sua mensagem sobre o evento, convicto de que participou de um momento histórico para o futebol nacional.

“Quereria agradecer à CBF pelo convite para fazer parte dessa grande festa nordestina. A final da Copa do Nordeste foi muito marcante na minha vida. Obrigado presidente Ednaldo.”

COLEGA DE CELA

Detento revela rotina de Daniel Alves

Ex-jogador do Barcelona é chamado de estuprador pelos outros presos e vem sendo hostilizado na penitenciária

Agência Estado

Um dos detentos que compartilha o dia a dia com Daniel Alves deu detalhes sobre a rotina do brasileiro no Centro Penitenciário Brians 2, na Espanha, onde está preso desde o dia 20 de janeiro por suposta agressão sexual. Segundo o interno, o ex-jogador do Barcelona e da Seleção Brasileira é hostilizado por outros presos. As informações são do programa "Fiesta", do canal espanhol Telecinco.

De acordo com o colega de Daniel Alves, o jogador brasileiro é chamado de "estuprador" e costuma ser intimidado nos momentos em que divide espaço com outros presidiários, como nas partidas de futebol e no refeitório. A identidade do colega do lateral direito não foi revelada.

O homem revela ainda que Daniel Alves está mais magro e abatido desde que chegou à prisão. Segundo ele, o brasileiro tem privilégios na cadeia, mas não especificou quais são. O atleta passa a maior parte do tempo isolado em seu módulo e nega que tenha agredido sexualmente a jovem de 23 anos que o acusa.

"Ele não sai. Ele só sai para o centro esportivo quando joga contra outro módulo. Senão, ele fica lá no módulo ou senta na enfermaria para ver televisão", afirma o preso.

Daniel Alves completou 40 anos no sábado, dia 6 de maio. O brasileiro já amarga 108 dias atrás das grades. Neste período, o jogador teve negado pela Justiça o pedido para responder às acusações em liberdade, sob as alegações da possibilidade de fuga, e viu o seu casamento com a modelo espanhola Joana Sanz terminar.

Os filhos de Daniel Alves também o visitaram no dia de seu aniversário, acompanhados de outra ex-cônjuge e mãe deles, Dinorah Santana, que



Foto: Reprodução/Instagram

Daniel Alves completou 40 anos no último sábado e já amarga 108 dias atrás das grades em presídio na Espanha desde 20 de janeiro

disse à mídia espanhola Servimedia que "todos sabem" que ele é inocente. Eles se mudaram para Barcelona a fim de ficar mais próximos de Daniel. A família espera conseguir o direito na Justiça de responder o processo em liberdade. Um novo pedido já foi feito, mas ainda não teve resposta.

O Brians 2 é conhecido por abrigar empresários, políticos e ex-policiais e possui um departamento de prisão provisória, onde está o brasileiro. O local já abrigou figuras importantes, como o ex-presidente do Barcelona, Sandro Rosell. A imprensa espanhola divulgou anteriormente que Daniel

Alves divide a cela com outro brasileiro, chamado Coutinho.

A presença do atleta também movimentou a venda de camisetas do Barcelona autografadas pelo brasileiro. Tricampeão da Liga dos Campeões pelo clube, as peças são trocadas por maços de cigarros.

Segundo o site espanhol El Caso, funcionários da Brians 2 notaram a entrada de uma grande quantidade de camisetas do Barcelona na penitenciária. As peças seriam para um preso que tem permissão para circular em diferentes módulos do complexo.

Entenda o caso

Daniel Alves teve a prisão decretada no dia 20 de janeiro. Ele foi detido ao prestar depoimento sobre o caso de agressão sexual contra uma mulher na madrugada do dia 30 de dezembro. O Ministério Público pediu a prisão preventiva do atleta de 39 anos, sem direito à fiança, e a titular do Juizado de Instrução 15 de Barcelona acatou o pedido, ordenando a detenção.

A acusação se refere a um episódio que teria ocorrido na casa noturna Sutton, em Barcelona, na Espanha. O atleta, que defendeu a Seleção Brasileira na Copa do Mundo do Catar, teria trancado, agredido e estuprado a denunciante em um banheiro da área VIP da casa noturna, segundo o jornal El Periódico. Ela procurou as amigas e os seguranças da balada depois do ocorrido.

A equipe de segurança da casa noturna acionou a polícia catalã (Mossos d'Esquadra), que colheu depoimento da vítima. Uma câmera usada na farda de um policial gravou acidentalmente a primeira versão da vítima sobre o caso, corroborando o que foi dito por ela no depoimento oficial. A mulher também passou por exame médico em um hospital. Daniel Alves foi embora do local antes da chegada dos policiais.

Segundo a imprensa espanhola, a contradição no depoimento do lateral direito foi determinante para o Ministério Público do país pedir a prisão e a juíza aceitar. No início de janeiro, o jogador deu entrevista ao programa "Y Ahora Sonsoles", da Antena 3, em que confirmou que esteve na mesma boate que a mulher que o acusa, mas negou ter tocado na denunciante sem a anuência dela e disse que nem a conhecia.

NA VILA BELMIRO

Visita de Neymar ao clube ajuda a melhorar redes sociais

Agência Estado

A visita de Neymar à Vila Belmiro para acompanhar uma partida do Santos pela Copa Sul-Americana no fim de abril impulsionou o desempenho do time paulista nas redes sociais. A equipe alvinegra aparece com destaque no ranking digital dos clubes brasileiros divulgado mensalmente pelo Ibope Repucom.

O relatório apontou que o Santos liderou no ganho de inscritos em suas plataformas oficiais - Facebook, Twitter, Instagram, YouTube e TikTok - entre todos os clubes brasileiros em abril. A presença de Neymar no duelo com o Audax Italiano, no dia 20, resultou em 903 mil novas inscrições. Trata-se do melhor resultado santista de toda a séria histórica do estudo, realizado desde 2016.

O feito inédito levou o Santos aos 12 milhões de inscritos no total, retomando a presença entre os cinco clubes mais seguidos do Brasil. O TikTok da equipe da Vila Belmiro concentrou 76% desse resultado, com mais de 680 mil novos inscritos, e fez

a conta da agremiação nessa rede crescer 75%, ultrapassar 1,6 milhão de inscritos e se tornar uma das cinco mais seguidas do país entre clubes de futebol.

"O impacto da presença de Neymar nas redes sociais do Santos foi tão relevante que, em apenas um mês, o clube somou 85% do volume de novas inscrições que conseguiu ao longo de todo o ano de 2022", aponta Arthur Bernardo Neto, diretor de desenvolvimento de negócios do Ibope Repucom.

"Além disso, colheu frutos importantes como a elevação de sua conta no TikTok como uma das mais seguidas do país atualmente entre os clubes, que se apresenta como mais um ativo de peso para entrega de valor para os fãs e exposição de qualidade para seus patrocinadores e parceiros", completa.

Outros destaques

De acordo com a pesquisa, Flamengo, Fluminense, Corinthians e Palmeiras foram os outros times que mais se destacaram nas plataformas digitais. Juntos, os qua-



Foto: Reprodução/Instagram

Neymar na Vila assistindo ao jogo do Santos pela Sul-Americana

tro e o Santos foram responsáveis por cerca de 2,5 milhões de inscrições, ou mais de dois terços (68%) do total entre todos os 50 no período.

O Flamengo chegou à marca de 54 milhões de inscrições entre suas redes, obtendo o segundo melhor desempenho do último mês ao somar cerca de 660 mil no combinado. O clube foi o líder de crescimento no Facebook, Twitter, Instagram e YouTube. Sua conta no Instagram foi a com maior concentração de inscritos, com cerca de 300 mil novos, o que representa 45% de seu resultado total em abril. ultrapassou os 17 milhões de seguidores em seu perfil no Instagram, onde lidera substancialmente entre os times brasileiros, e também bateu a marca de 7 milhões no TikTok.

O Fluminense, campeão carioca de 2023, obteve o terceiro melhor desempenho de abril ao registrar pouco mais de 430 mil novas adesões em suas

plataformas, ultrapassando os seis milhões de inscrições entre todas as suas redes e avançou uma posição no ranking geral, ocupando agora a 11ª. O time tricolor concentrou cerca de 70% de seu crescimento no TikTok, no qual somou mais de 290 mil inscritos e chegou à marca de 1,2 milhão, entrando no grupo dos oito clubes nacionais com mais de um milhão de inscritos na plataforma.

O Corinthians ocupou a quarta posição em crescimento no último mês. Foram cerca de 390 mil novas inscrições no combinado de suas contas. Seu principal resultado se deu no Instagram, no qual contabilizou 215 mil novos inscritos, ou 55% de seu desempenho em abril entre todas as suas redes oficiais.

O Palmeiras, campeão paulista de 2023, fecha o pôdio entre os maiores resultados do último mês ao registrar 166 mil inscrições no acumulado de suas plataformas. O clube concentrou 71% de seu crescimento no Instagram.



Foto: Sanny Oliveira/Campinense

Jogadores da Raposa se empenharam bastante nos treinamentos da semana com o objetivo de conquistar a primeira vitória na Série D, hoje, no Amigão, contra o Globo-RN

BRASILEIRO

Campinense busca a primeira vitória, hoje, contra o Globo

Sousa também joga neste domingo pela Série D e enfrenta o Pacajus no Marizão

Geraldo Varela
gvarellajp@gmail.com

Com a missão de conquistar a sua primeira vitória no Campeonato Brasileiro da Série D de 2023, o Campinense entra em campo, hoje, às 17h, no Estádio Amigão, em Campina Grande, contra o Globo-RN. Com apenas um ponto, do jogo de estreia, contra o Pacajus-CE, no interior cearense, o rubro-negro tem a obrigação de fazer o dever de casa e seguir na zona de classificação. O técnico Luan Carlos diz estar ciente das dificuldades que o time vai enfrentar e pedir o apoio da torcida e a compreensão nesse início de competição, onde as coisas tendem a se ajustar e o time ter uma

sequência melhor de apresentações e resultados. "O jogo contra o Pacajus trouxe algumas evidências que a gente já esperava. Temos de trabalhar, de melhorar, e ter a consciência de termos o pé no chão, afinal sete atletas ainda não estrearam e acredito que a equipe irá subir de produção diante do Globo. Espero que a torcida mostre a sua força como sempre tem apoiado o clube em competições importantes e compareça ao Amigão para empurrar o nosso time à vitória", disse o técnico.

O Campinense ocupa a quarta posição com a mesma pontuação do Pacajus. Os ingressos estão à venda desde o início da semana com preços que variam entre R\$ 12 e R\$ 100,00.

Sousa x Pacajus-CE

Embalado pela goleada imposta ao Globo-RN, em Ceará Mirim, por 5 a 2, o Sousa busca manter os 100% de aproveitamento no jogo de logo mais, às 16h, no Estádio Marizão. O adversário vem de um empate de 2 a 2 diante do Campinense. O time comandado por Renatinho Potiguar lidera o grupo 3 e tem amplas condições de conquistar mais uma vitória. A meta é superar a campanha do ano passado quando terminou na 25ª posição na classificação geral, mas alcançou a primeira fase de mata-mata depois de terminar em terceiro lugar em seu grupo na fase classificatória, mas na segunda fase caiu para o Lagarto, de Sergipe,

perdendo a primeira em casa por 1 a 0 e a segunda por 2 a 1, no interior sergipano. A última vitória em jogo oficial, em casa, nesta temporada foi pelo Campeonato Paraibano, no segundo jogo das semifinais, quando goleou o Botafogo por 5 a 2. Depois empatou com o Treze, também em casa, e perdeu o título estadual. Agora, o time tem a possibilidade de brigar pelo acesso por ter mantido a base do Estadual e, mesmo que não consiga, estar garantido na disputa do próximo ano pelo fato de ter sido vice-campeão estadual, o que também lhe dá direito de disputar a fase preliminar da Copa do Nordeste como também a Copa do Brasil, em 2024.

BRASILEIRÃO

Clássicos estaduais marcam os jogos de hoje

O Campeonato Brasileiro da Série A programa para este domingo mais seis partidas com destaque para o clássico paulista entre Corinthians e São Paulo que vivem momentos distintos na competição e jogam às 16h na Neo Química Arena. O Tricolor do Morumbi está no meio da tabela com oito pontos, enquanto seu adversário está a uma posição da zona de rebaixamento.

Na rodada do meio de semana, o Corinthians foi derrotado no Engenhão por 3 a 0 pelo Botafogo, enquanto o São Paulo ficou no empate sem gols com o Fortaleza. Dados do site goal.com.br mostram que, até hoje, as duas equipes já se enfrentaram 355 vezes, com 132 vitórias do Timão, contra 109 do Tricolor, além de 114 empates. Outro clássico estadual acontece na Are-

na da Baixada, onde o Athletico recebe o Coritiba às 16h. Um confronto de muito equilíbrio em jogos do Brasileiro com 15 vitórias do Furacão e 15 do Coxa, além de 12 empates nos 42 jogos, de acordo com o site o.gol.com.br.

O domingo também reserva a presença da equipe sensação do Brasileirão, o Botafogo, que vai ao Estádio da Serrinha enfrentar o Goiás, às 18h30. O Fogão vem de cinco vitórias e na última rodada derrotou o Corinthians por 3 a 0. Já o Goiás perdeu de 2 a 0 para o Flamengo e segue na zona de rebaixamento com três pontos. Os outros jogos de hoje são América-MG x Cruzeiro, no Independência, às 18h30; Vasco x Santos, em São Januário, às 16h e ainda Grêmio x Fortaleza, às 16h



Foto: Daniél Ramalho/Vasco

O Vasco da Gama vai receber o Santos, em São Januário

Jogos de hoje

SÉRIE A

16h

Vasco x Santos
Corinthians x São Paulo
Grêmio x Fortaleza

18h30

Goiás x Botafogo
Athletico-PR x Coritiba
América-MG x Cruzeiro

SÉRIE B

15h30

Londrina x Ponte Preta

18h

Vitória x Atlético-GO

ABC x Botafogo-SP

20h30

Ituano x Sport

SÉRIE C

16h

Manaus x Altos

16h30

Remo x Amazonas

19h

Floresta x CSA

Brusque x Volta Redonda

SÉRIE D

15h

Tuna Luso x Nacional-AM

Caxias x Concórdia

15h30

Fluminense-PI x Caucaia

Iporá x Interporto

16h

Tocantinópolis x Maranhão

Sousa x Pacajus

Real Ariquemes x Operário VG

Brasil de Pelotas x São Joseense

17h

Princesa do Solimões x São Francisco-AC

Potiguar de Mossoró x Santa Cruz

Campinense x Globo FC

Sergipe x Jacuipense

Operário-MS x XV de Piracicaba

Feminino A2

15h

Cresspom x Fluminense

Bragantino x América-MG

Vila Nova x Esmac

16h

JC x 3B Sport

Feminino A3

15h

Pinda x Pérolas Negras

Juventude x Toledo

IAPE x Remo

Guarani de Juazeiro x VF4-PB

Areia, pioneira

na libertação de escravos

Histórica cidade do Brejo paraibano foi a primeira no estado a libertar seus negros cativos, pelo menos 10 dias antes da Lei Áurea assinada pela Princesa Isabel, porém se destacou por executar escravizados na forca

Hilton Gouvêa
 araujogouvea74@gmail.com

A histórica cidade de Areia, na Região do Brejo, a 146 quilômetros de João Pessoa, foi o único município paraibano a libertar seus escravos antes da Lei Áurea, assinada pela Princesa Isabel, em 13 de maio de 1888 (que completou 135 anos). Porém, segundo registra o historiador paraibano Horácio de Almeida, “essa urbe também se destacou em ser pioneira, na Paraíba, onde a forca se ergueu e funcionou, não para executar apenas assassinos ou presos políticos, além dos marginais comuns condenados à morte pela justiça local, mas para punir dois escravos acusados de crimes praticados contra seus senhores”.

A libertação dos escravos em Areia ocorreu pelo menos dez dias antes do 13 de maio de 1888, de acordo com o historiador Lucian Sousa da Silva, mestre em História pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e autor da pesquisa ‘O processo de abolição da escravidão na Parahyba do Norte (1870-1888)’.

Em 1847 e em 1861 – respectivamente 41 e 27 anos antes da Abolição –, patíbulo foram erguidos nas imediações do matadouro público de Areia.

“Compunham-se de dois pesados esteios de madeiras fincados ao solo e ligados no alto por espaçoso travejamento”. Havia ainda a escada por onde subiam os condenados, o carrasco e o sacerdote. O algoz, também um detento em cumprimento de pena, era escolhido entre os encarcerados, tirado da cadeia e obrigado a cumprir o macabro ofício de carrasco. E ele não podia recusar a indicação.

Nas forcas de Areia houve apenas duas execuções. Os enforcados foram os escravos Marçal e Beiju. O negro Marçal foi morto em 1847. Ele era escravo de Manoel Gomes da Cunha Lima, dono dos Engenhos Jussara e Novo Mundo. Foi executado por haver atacado e ferido seu senhor quando este açoitava a esposa do cativo, também escrava. Marçal, quando perguntado qual seu último desejo, pediu doce com queijo. Na hora do enforcamento, ele mesmo pulou para a morte e antes soltou impropérios às autoridades presentes.

A outra morte ocorreu em maio de 1861. O enforcado foi Antônio José das Virgens, vulgo Beiju. Um agregado que uma vez tinha gozado da proteção da família Santos Leal. Foi condenado à morte pelo assassinato de Trajano Augusto de Holanda Chacon. Beiju estava envolvido entre os criminosos que emboscaram o influente político de Areia.

“

A forca se ergueu não para executar apenas assassinos ou presos políticos, mas para punir dois escravos

Horácio de Almeida



Ilustração: Tônio

Imperador põe fim à morte na forca

Em 1835, o governo imperial aprovou uma lei dedicada a punir exemplarmente os negros que matavam seus senhores, mas o imperador Dom Pedro II decidiu abandoná-la em 1876. O historiador Ricardo Westin relata, em ‘Estudo sobre a aplicação da forca como pena de morte no Brasil’, o seguinte sobre a última execução na forca registrada no Brasil: “Era o tempo em que se permitia – como se fosse um manifesto de compaixão –, que o carrasco galsse os ombros do condenado em plena agonia para apressar a sua morte. Então, a pacata cidade de Pilar, na Província de Alagoas, amanheceu tumultuada em 28 de abril de 1876. Calcula-se em dois mil o público de curiosos, inclusive vindos das vilas vizinhas, que se aglomerou para assistir à execução do negro Francisco”.

O escravo, segundo o historiador, fora condenado à forca por matar a pauladas e punhaladas um dos homens mais respeitados de Pilar e sua mulher. O assassino recorreu ao imperador Dom Pedro II, rogando que a pena capital fosse comutada por uma punição mais branda, como a prisão perpétua. O monarca, poucos dias antes de partir para uma temporada fora do Brasil, assinou o despacho: não haveria clemência imperial. Só depois desse episódio que o imperador resolveu “abandonar essa lei”.

■ As penas de morte no Brasil registram casos como a do governador Tomé de Souza, que mandou explodir um indígena na boca de um canhão, em 1549; e as mais famosas como nos episódios de Tiradentes, enforcado e esquartejado em 1792, ou ainda a de Frei Caneca, fuzilado em 1825

Ricardo Westin narra no seu estudo que, acorrentado ao carrasco e com a corda já no pescoço, Francisco percorreu as ruas até o ponto em que a forca estava armada. Na plateia havia escravos, levados por seus senhores para que o caso lhes servisse de exemplo. “Peço perdão a todos, e a todos vou perdoar”, disse ele, antes de morrer, à multidão atônita. Essa foi a última pena capi-

tal executada no país. Depois de Francisco, nenhum criminoso perdeu a vida por ordem judicial. Encerrava uma prática que vinha desde o descobrimento do Brasil, como a do indígena que o governador-geral Tomé de Souza mandou explodir à boca de um canhão, em 1549, ou a execução de Tiradentes, enforcado e esquartejado em 1792, ou ainda a de Frei Caneca, fuzilado em 1825.

Francisco, porém, foi condenado com base numa lei de 1835 que mirava exclusivamente os negros cativos. Ela dizia que seria condenado à morte o escravo que matasse ou ferisse gravemente seu senhor ou qualquer membro da família dele. “Talvez essa tenha sido a lei mais violenta e implacável de toda a história brasileira”. A norma não admitia a hipótese de o criminoso continuar vivo – pelas leis anteriores, havendo atenuantes, ele poderia ser condenado à prisão ou às galés perpétuas (trabalhos forçados para o governo) no lugar do enforcamento.

Além disso, a lei de 1835 exigia o voto de apenas dois terços dos jurados do tribunal para a condenação à forca – até então, segundo estudo do historiador, pena capital requeria a unanimidade do júri. E, por fim, ela não permitia apelações pela mudança da pena – antes, o condenado podia interpor inúmeros recursos judiciais às instâncias superiores”.

Lei não foi totalmente respeitada

Quando ocorreu a assinatura da Lei Áurea, Maximiana morava na residência de seu proprietário, na Cidade de Parahyba do Norte (hoje João Pessoa), com seis filhos, assim relata a Revista Ilustrada, de fins de maio de 1888. O filho mais velho de Maximiana chamava-se Miguel e possuía cerca de 12 anos de idade. Eles haviam nascido ainda no período de vigência da escravidão. De acordo com a Lei do Ventre Livre, de 1871, essas crianças deveriam permanecer sob o domínio do senhor da mãe escrava até completarem 21 anos de idade. E foi o que aconteceu.

Após se informar de que havia se tornado livre em 1888, agora juntamente com seus filhos, Maximiana saiu da casa de seu antigo proprietário, que não permitiu que ela levasse o seu primogênito, alegando que ainda possuía o direito de propriedade sobre o menino. E não houve rogos, nem lágrimas que o comovessem. Miguel ficou longe da família.

A pretensão de Maximiana era de que o mais velho auxiliasse na criação dos mais novos. “Ele era seu filho e ela só queria o seu filho”. Mas a força da Lei Áurea e todas as súplicas de uma mãe não foram suficientes para

convencer o antigo senhor. Talvez achava que o coração da mãe-preta seria diferente do coração da mãe-branca”, assim escreve a Gazeta da Parahyba, em 7 de junho de 1888, 24 dias após a proclamação da Lei Áurea.

Miguel continuou, ilegalmente, sob domínio do antigo senhor, que o empregava a vender tabuleiro nas ruas da Cidade de Parahyba do Norte. O menino, aproveitando que o seu escravizador havia feito uma viagem, “foi procurar o abrigo e o sossego, o colo de sua mãe e as carícias de seus irmãos”. Assim escreve a

Gazeta da Parahyba, em 7 de junho de 1888, 24 dias após a proclamação da Lei Áurea. Miguel continuou, ilegalmente, sob domínio do antigo senhor, que o empregava a vender tabuleiro nas ruas da Cidade de Parahyba do Norte. O menino, aproveitando que o seu escravizador havia feito uma viagem, “foi procurar o abrigo e o sossego, o colo de sua mãe e as carícias de seus irmãos”.

Após se informar de que havia se tornado livre em 1888, agora juntamente com seus filhos, Maximiana saiu da casa de seu antigo proprietário, que não permitiu que ela levasse o seu primogênito, alegando que ainda possuía o direito de propriedade sobre o menino. E não houve rogos, nem lágrimas que o comovessem. Miguel ficou longe da família. A mãe, desconsolada, procurou as autoridades. Recorreu ao delegado Augusto Galvão que, por sua vez, levou o caso para o juiz de Direito da Capital. Como resposta obteve que “nada podia fazer”.

“A convivência das forças policiais e do Judiciário com os processos de exclusão da população negra não é um mal da nossa contemporaneidade”, aponta o historiador Lucien de Souza e Silva. Infelizmente, não se sabe o nome do antigo proprietário nem o desfecho dessa história. Situações como essa foram comuns nos meses que se seguiram à Lei Áurea na Paraíba, revelando que a liberdade não foi conquistada de forma imediata. Concorreu para isso a ausência de um projeto que possibilitasse a inserção das pessoas negras egressas do cativo no mercado de trabalho e no acesso à terra, o que contribuiu para a permanência das estruturas excludentes que existem até hoje, com maior caráter discriminatório do que as leis similares do século 19.

PASSADO NO PRESENTE

Arte e história que unem Paraíba, Noruega e Paraná

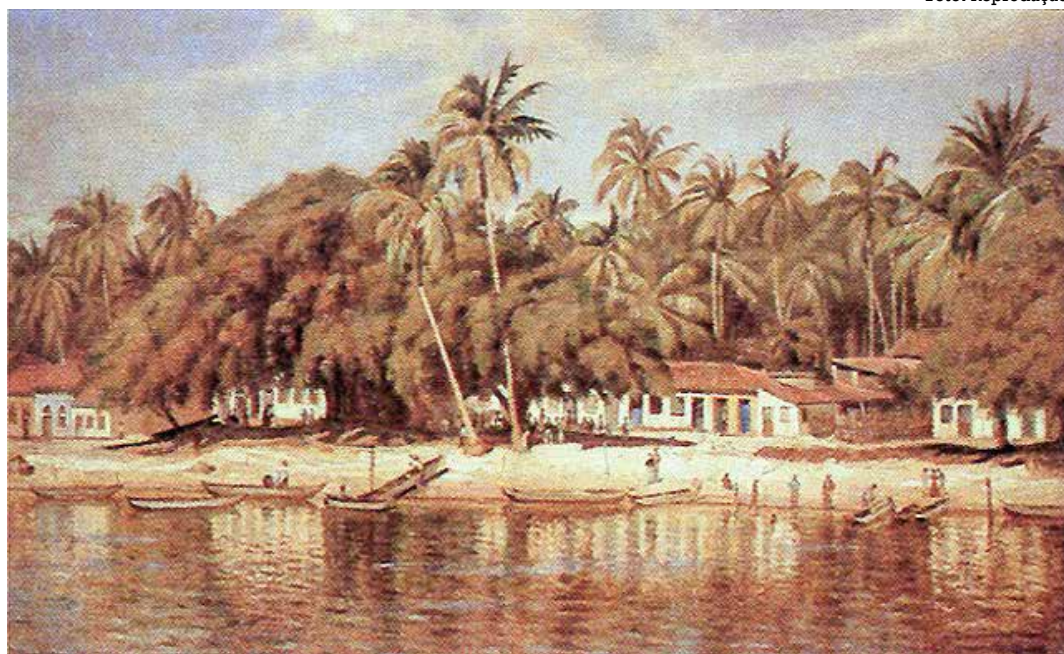
“Pai da pintura paranaense” produziu primeira tela em terras paraibanas, em 1892

Jorge Rezende
jorgerezende.imprensa@gmail.com

O que a Paraíba, no ensolarado Nordeste, tem a ver com o quase sempre frio estado do Paraná, na Região Sul do Brasil, e com a sempre congelada Noruega, ao Norte da Europa? Resposta: a arte, mais especificamente a pintura. É que o norueguês Alfredo Andersen, considerado o “pai da pintura paranaense”, produziu sua primeira tela em terras paraibanas, em 1892.

No último dia 4, o governador do Paraná, Carlos Massa Ratinho Júnior (PSD) recebeu, no Palácio Iguaçú, em Curitiba, a primeira tela pintada por Alfredo Andersen (1860-1935) no Brasil, retratando o Porto de Cabedelo, na Paraíba. A obra foi doada pelo advogado Fernando Xavier Ferreira e irá compor o acervo do Museu Casa Alfredo Andersen (MCAA), na capital paranaense, único museu dedicado ao artista fora da Noruega, local de nascimento de Andersen.

Nascido em Kristiansand e radicado no Paraná, Alfredo Andersen é considerado o “pai da pintura paranaense”. Na ocasião da sua vinda da Noruega para o Brasil, o artista retratou o Porto de Cabedelo, em uma das paradas da embarcação. Produzida em um pequeno formato, Andersen reproduziu a obra em uma tela maior, de 90 centímetros por 1,5 metro, que foi



Primeira tela pintada por Alfredo Andersen no Brasil, retratando o Porto de Cabedelo, na Paraíba

Foto: Reprodução

Memória

Obra histórica que retrata uma paisagem do litoral do estado da Paraíba, do artista nascido na Noruega, foi doada para o acervo do Museu Casa Alfredo Andersen, em Curitiba

entregue ao acervo do MCAA.

“Esse quadro mudou a vida dele, fez com que ele se apaixonasse pelas cores, o sol, a luz do Brasil, e tenho a impressão de que isso pesou bastante na hora que ele decidiu ficar aqui. Ele era Alfred e aqui virou Alfredo”, disse no momento da doação um outro advogado,

Wilson Andersen Ballão, bisneto do artista.

O Museu Casa Alfredo Andersen (MCAA) é uma instituição administrada pelo estado do Paraná, vinculada à Coordenação do Sistema Estadual de Museus da Secretaria da Cultura. Ele teve origem na Sociedade de Amigos criada por pessoas que conviveram com Alfredo Andersen e o admiravam.

Alfredo Andersen estudou na Itália e, de volta à Noruega, frequentou o ateliê de Wilhelm Krogh na Academia Christiania (atual Oslo), entre os anos de 1874 e 1877. Trabalhou como decorador, cenógrafo e pintor de terracota. De 1878 a 1883 estudou na Academia Real de Belas Artes de Copenhague (Dinamarca). Ele chegou ao Brasil, pela cidade de Cabedelo, em 1892.



Imagem: Pixabay

Charada

Francelino Soares:
francelino-soares@bol.com.br

Resposta da semana anterior: em qualquer momento (2) = sempre + exista (2) = viva – Solução: uma flor (4) = sempre-viva. Charada de hoje: meu rosto (2), fica sempre sujo (2) quando degusto um bombom (4).

Eita!!!



Referência do rock nacional

A cantora e rainha do rock brasileiro Rita Lee morreu essa semana. Ela estava com 75 anos e, em 2021, foi diagnosticada com um tumor primário no pulmão e, desde abril de 2022, o câncer estava em remissão e ela seguia em observação. Rita Lee é uma das mulheres mais influentes do Brasil e se tornou uma referência do rock nacional.

Odiou o Rock in Rio

O “Lee” não é sobrenome, mas sim um nome escolhido pelo pai da cantora para registrar as três filhas: Rita, Mary e Virgínia. Na adolescência, Rita fez parte de seu primeiro grupo musical, o chamado Tulio’s Trio. Ela subiu ao palco e se apresentou na primeira edição do Festival Rock in Rio, em 1985. Porém, anos mais tarde, ela revelou que odiou ter participado.

Príncipe, hoje rei, virou fã

Em 1988, o jornal inglês Daily Mirror disse que o príncipe Charles, hoje rei da Inglaterra (coroadado no último dia 6), tinha virado fã de Rita Lee após ouvir a música ‘Lança Perfume’, de 1980. Rita fez participações especiais em quatro novelas da TV Globo, sendo elas ‘Ti Ti Ti’ (1985), ‘Top Model’ (1989), ‘Vamp’ (1991) e ‘Celebridade’ (2003).

Tradição do selinho virou marca

A cantora também deu início à tradição adotada por Hebe Camargo: o famoso selinho. Isso aconteceu em 1997, quando Rita deu um beijo na apresentadora, que tornou o ato uma de suas marcas. A rainha do rock lançou 12 livros ao longo da vida, entre eles duas autobiografias, seis infantis, ilustrações e contos.

Último show em Sergipe

Além de multi-instrumentista, a artista também era poliglota, sendo que falava português, inglês, francês e italiano. Ela se declarou vegana e militante pelos direitos dos animais. Em janeiro de 2012, Rita anunciou sua aposentadoria dos palcos. Então, oficialmente, o último show de sua carreira ocorreu em 28 de janeiro de 2012, em Aracaju, Sergipe.

9 erros

Antonio Sá (Tônio): ocondesa@hotmail.com



Solução

1 – diploma na parede; 2 – chapéu; 3 – cabedelo; 4 – bigode; 5 – boca; 6 – nível da parede; 7 – balão; 8 – grático no quadro; 9 –

Tiras

Antonio Sá (Tônio): ocondesa@hotmail.com

O Conde



Zé Meiota

